

Seminário de Agitação e Propaganda

Seleção de textos para leitura prévia obrigatória

NAHUEL MORENO (extratos)

O partido e a revolução

Conceitos políticos básicos

A traição da OCI

MARCOS MARGARIDO

Consciência revolucionária e programa: as bases teóricas da elaboração de Lenin em *Que Fazer?*

Janeiro/Fevereiro de 2019

O partido e a revolução

Nahuel Moreno

[...]

CAPÍTULO V

As estratégias decenais

Teoria, estratégia e tática

Se algo caracteriza Germain e seus companheiros da maioria é dar linha, orientação e palavras de ordem para acontecimentos futuros. Os camaradas estão mais preocupados em consultar a bola de cristal do que em dar uma resposta política revolucionária aos fatos atuais. Essa atividade tem dois defeitos: primeiro, por olhar tanto o futuro ficam em geral sem resposta ou com uma resposta incorreta para o presente; segundo, as respostas para o futuro tampouco servem, porque, de seus prognósticos equivocados, desprendem-se táticas em geral inaplicáveis ou trágicas.

Além disso, essa forma de atuar se manifesta numa verdadeira mania de assumir estratégias a longo prazo. Já faz quatro anos, no mínimo, que eles têm a estratégia de “luta armada” para a América Latina, a qual, esclarecem, será mantida ainda por muito tempo. Antes tiveram – e mantiveram durante dezessete anos! – a estratégia do “entrismo *sui generis*” para todo o mundo.

Uma história teórico-estratégica do movimento operário

Para justificar suas duas últimas estratégias decenais, a luta armada para a América Latina e o “trabalho sobre a vanguarda” para a Europa, Germain nos dá uma versão da história de nosso movimento e tenta aprová-la por meio dos quadros jovens de nossa Internacional no próximo congresso. Eis aqui esta história peculiar:

Desde 1905, o movimento revolucionário nos países subdesenvolvidos se dividiu entre os protagonistas da teoria da revolução permanente e aqueles que defendiam a tese da revolução por etapas, a necessidade de completar uma revolução democrático-burguesa antes que se possa começar uma revolução socialista proletária. Nós nos recusaríamos a ficar com os primeiros contra os segundos sob o pretexto de que há uma “terceira estratégia”, a “estratégia leninista da construção do partido”? Devemos contrapor a ambos os aspectos do debate uma “terceira alternativa”, a “estratégia leninista da construção do partido”?¹

Desde 1917, o movimento operário internacional está discutindo se é necessário destruir a máquina estatal burguesa para construir um tipo superior de democracia, chamado de democracia soviética, como pré-condição para a conquista do poder estatal pelo proletariado e a derrubada do capitalismo, ou se a democracia parlamentar burguesa e seu aparato estatal criam o necessário marco institucional para a derrubada do capitalismo.

¹ GERMAIN, Ernest. *Em defesa do leninismo, em defesa da IV Internacional*. pp. 2-3.

A História é uma ciência objetiva. A imaginação, por mais poderosa que seja, não pode eliminar os fatos históricos e os momentos em que ocorrem. Portanto, o companheiro Germain tem de nos dizer em que “países subdesenvolvidos” se deu, a partir de 1905, essa divisão objetiva, histórica, entre partidários e inimigos da revolução permanente. Nós não conhecemos outro senão a Rússia e sua esfera de influência. Na China, o marxismo entrou somente depois de 1917. No Extremo Oriente, ocorreu um fenômeno parecido. Na América Latina, já havia penetrado, mas a discussão no movimento operário foi entre anarquistas e marxistas. Porém, inclusive na Rússia, essa discussão não é um capítulo de sua história. À exceção de Germain, não há ninguém no mundo que não saiba que na Rússia, entre 1905 e 1917, a principal divisão foi a que ocorreu entre bolcheviques e mencheviques. Essa é a história real, política, das tendências existentes na Rússia. Da mesma maneira, a história real, política, das tendências que havia na Alemanha é a luta entre kautskianos e bernsteinianos no final do século passado e começo deste; e entre luxemburguistas, kautskianos e oportunistas depois, até a guerra de 1914. Na Espanha e na França, a luta foi entre socialistas e anarcossindicalistas.

Ao tomar como eixo da história política do movimento operário as discussões teóricas, Germain foi vítima, outra vez, de suas tendências intelectuais. **A teoria é um dos elementos essenciais de todas as correntes e organizações políticas, mas não é tudo. O fundamental é a localização das correntes e organizações no processo da luta de classes.** Isso é o que explica o fato de a elaboração da teoria sobre o imperialismo ter sido iniciada por grandes teóricos oportunistas e não por Lenin e que puderam dirigir a Revolução Russa.

Um partido revolucionário pode ter uma teoria incorreta ou apenas meio correta, sem deixar, por isso, de ser revolucionário, já que a relação entre a teoria e a organização não é mecânica, e sim dialética. Logicamente, uma teoria reta ou falsa, que seguramente se refletirá em sua prática, poderá ser superada, pelo partido, poderá provocar-lhe atrasos fundamentais ou, inclusive, levá-lo à catástrofe.

Poderíamos formular o seguinte teorema político: um partido bolchevique pode superar seus erros teóricos e dirigir as massas à tomada do poder, mas uma teoria correta é absolutamente estéril quando chega a situação revolucionária se não se teve a estratégia prévia de construir um partido bolchevique. Uma das demonstrações dessa verdade é que Trotsky, que tinha a teoria, não podia garantir o triunfo da Revolução Russa porque não teve a estratégia de construir o partido. No entanto, apesar de suas falhas teóricas, o Partido Bolchevique, liderado por Lenin, sim, pôde fazê-lo.

Os bolcheviques estavam a favor da revolução por etapas, mas contra a dinâmica de classes que lhe atribuíam os mencheviques. Estes confiavam a revolução democrático-burguesa à burguesia liberal; os bolcheviques a confiavam aos operários e aos camponeses. Onde isso entra na história de Germain? De que lado de seu esquema está? É possível que não o coloque, porque teria de mencionar que uma das diferenças fundamentais entre mencheviques e bolcheviques, a que provocou a ruptura entre eles, tinha relação com a estratégia de construção do partido, assunto que é melhor não mencionar.

Para analisar os fatos posteriores a 1917, Germain nos propõe um novo esquema histórico: o movimento operário discute se é preciso destruir o Estado burguês para impor a democracia soviética ou se pode liquidar o capitalismo a partir da democracia burguesa. Onde entram na história germanista as discussões entre stalinistas e trotskistas sobre “socialismo num só país”? A luta do 3º e 4º congresso da Internacional Comunista contra os ultraesquerdistas não tem importância? Que fazemos com o debate entre stalinistas e trotskistas sobre a frente única operária para derrotar o fascismo durante o terceiro período?

A história real do movimento operário e revolucionário mundial é concreta, tem nomes e sobrenomes: anarquistas e marxistas; revisionistas e marxistas ortodoxos; mencheviques e bolcheviques; revolucionários e oportunistas; comunistas de esquerda e leninistas; stalinistas e trotskistas. Dentro desse processo real podemos fazer uma generalização, a que faz Lenin: “Na luta contra que inimigos dentro do movimento operário o bolchevismo cresceu, fortaleceu-se e consolidou-se?... Em primeiro lugar e sobretudo... contra o oportunismo.” Mas, em segundo lugar, “sabe-se pouco sobre o fato de que o bolchevismo formou-se, fortaleceu-se e consolidou-se em longos anos de luta contra o revolucionarismo pequeno-burguês...” que “se considerava particularmente ‘revolucionário’ ou ‘de esquerda’ porque reconhecia o terror individual, os assassinatos, coisa que nós, os marxistas, repudiávamos de forma categórica”.

Quer dizer que o bolchevismo não se consolidou na luta por ou contra a “teoria da revolução permanente”, mas sim na luta permanente contra dois inimigos: os oportunistas e os ultraesquerdistas. A história da III e da IV Internacional é, como a dos bolcheviques, uma luta constante contra esses dois desvios.

A manobra de Germain é evidente. Ele tenta demonstrar que, ao longo do processo histórico, ainda que com diferentes nomes, o movimento operário se dividiu sempre em duas grandes correntes teóricas: os partidários da revolução permanente e os da revolução por etapas ou os que defendiam a necessidade da destruição do aparato burguês e os que propunham vias pacíficas ao socialismo. Dessa forma, ele quer colocar frente a frente, como inimigos irreconciliáveis, o oportunismo e o ultraesquerdismo e, assim, elimina tanto um como outro como inimigos do bolchevismo. Depois disso, nos pede que optemos entre um setor e outro e não insistamos na estratégia de construção do partido. Ou seja, quer fazer com que nos unamos ao ultraesquerdismo contra o oportunismo.

Com isso, quer dar uma justificativa teórica para o seu seguidismo crônico às distintas posições que causam impacto na vanguarda em cada época da luta de classes. Um seguidismo cuja mais recente expressão é a famosa “estratégia de luta armada”. Segundo ele mesmo diz, entre 1905 e 1917, deveríamos ter ficado ao lado de Trotsky, que defendeu a revolução permanente, e contra Lenin, que defendia as etapas, mas construía o partido. Depois de 1917, teríamos de ter ficado com os ultraesquerdistas, que propunham impor a democracia soviética como tarefa presente para todos os países, e contra Lenin e Trotsky, que, combatendo-os, estavam construindo o partido mundial, a III Internacional. E hoje temos de estar com os guerrilheiristas de todos os matizes, porque a vanguarda discute a luta armada e temos de optar por um dos dois lados.

Nós dizemos que não, que antes de 1917 Lenin não optou entre oportunistas e ultraesquerdistas; dedicou-se a construir o partido marxista revolucionário. Depois de 1917, Lenin e Trotsky não optaram entre oportunistas e ultraesquerdistas, mas lutaram contra os dois como parte de sua estratégia de construir o partido marxista revolucionário.

Atualmente nós nos negamos a optar entre ultraesquerdistas e oportunistas. Com os ultraesquerdistas modernos, os guerrilheiristas, podemos ter apenas um acordo teórico muito geral contra os oportunistas: não há vias pacíficas ao socialismo; a luta armada entre exploradores e explorados é inevitável. Aí termina nosso acordo. Estamos contra tanto a estratégia oportunista da via pacífica ao socialismo quanto a guerrilheirista de fazer luta armada por conta e risco do partido.

Contra ambas, pela construção do partido trotskista com influência de massas, que seja capaz de dirigir em todos os momentos a luta contra a burguesia, o que inclui a luta armada.

Relação da teoria com a estratégia e a tática

Em todas essas questões, o que Mandel faz é confundir três elementos básicos da política revolucionária: teoria, estratégia e tática. O objetivo estratégico é o de longo prazo; as táticas são os meios para chegar a esse objetivo. A teoria não é nem um nem outro, já que diz respeito às leis gerais do processo histórico e não aos objetivos estratégicos ou às táticas. Entre esses três elementos, há ligações estreitas, mas não mecânicas, e sim dialéticas.

Começemos pela teoria. Nós podemos discordar das análises de Mandel, mas concordar com ele no objetivo estratégico de mobilizar as massas e construir partidos bolcheviques para varrer o imperialismo e o capitalismo e impor a ditadura do proletariado. Esta coincidência estratégica não significa que concordemos a todo momento com as diferentes teorias que vão sendo elaboradas e superadas durante esse processo que culmina com a tomada do poder e a construção do socialismo.

A relação da teoria com a estratégia e a tática existe, mas não se manifesta de forma imediata ou direta. Em seus congressos, o partido não vota teorias, mas linhas políticas das quais surgem estratégias e táticas. **O partido só se identifica com uma teoria quando esta foi provada pelos acontecimentos.** É o caso da identificação de nossa Internacional e suas seções com a **teoria da revolução permanente, que não é uma estratégia nem uma tática, mas a lei geral da revolução e do movimento de massas na etapa de transição do capitalismo ao socialismo que estamos vivendo** 

Em relação ao problema da estratégia e da tática, é muito importante lembrar que são termos relativos. Numa etapa de retrocesso do movimento operário podemos ter a estratégia de desenvolver lutas sindicais defensivas. A tática adequada a essa estratégia pode ser, por exemplo, a greve de longa duração. Mas a greve longa é uma estratégia em relação a um meio, a uma tática: a organização de piquetes para garanti-la. E os piquetes se convertem numa estratégia em relação à tática que empregamos para construí-los – públicos, eleitos em assembleia, ou clandestinos, eleitos em segredo pela direção da greve. A própria estratégia pela qual começamos – o desenvolvimento de lutas sindicais defensivas – converte-se numa tática em relação ao nosso objetivo estratégico de obter triunfos importantes que transformem a etapa de retrocesso em etapa de ascenso do movimento operário.

O trotskismo só tem duas estratégias a longo prazo: construir o partido e fazer a revolução para tomar o poder

Como Germain não vê as coisas assim, ironiza o fato de que tenhamos empregado a palavra “estratégia” para um período curto. Mas o eixo de nossa polêmica com Germain tem a ver com as estratégias a longo prazo. Se algo podemos assegurar é que para os trotskistas existem duas estratégias fundamentais a longo prazo e em escala internacional e nacional: tomar o poder junto com o movimento operário para começar a identificar o socialismo e construir o partido como única ferramenta para chegar a isso. Em relação a esses objetivos estratégicos, todo o resto é tático, ainda que o chamemos “estratégia”. Para construir o partido e tomar o poder, podemos e devemos utilizar a tática adequada a cada momento: fazer entrismo, participar das eleições, impulsionar a frente única revolucionária, levantar palavras de ordem de poder, propor a luta armada, levantar palavras de ordem ultramínimas e defensivas etc. Todas as táticas são válidas quando se adequam ao momento concreto presente da luta de classes e, portanto, servem para ajudar a mobilizar as massas e construir o partido. Mas as táticas são usadas e desprezadas tantas vezes quanto mudar a situação da luta de classes. Nunca são votadas para períodos longos, jamais devem converter-se em estratégias a longo prazo.

O bolchevismo se caracteriza por utilizar todos os meios e táticas na estratégia de construir o partido, mobilizar os operários e tomar o poder. As outras correntes do movimento operário se caracterizam pelo oposto: confundir estratégia com tática e elevar esta última à estratégia permanente. A história do bolchevismo é uma luta constante para impor os meios e as táticas adequadas a cada momento da luta de classes. O bolchevismo lutou contra os terroristas, mas soube utilizar o terror; lutou contra os parlamentaristas, mas soube utilizar o parlamento; lutou contra os anarquistas, mas soube destruir o Estado burguês; lutou contra os guerrilheiristas, mas soube fazer guerrilhas; lutou contra os espontaneístas, mas soube dirigir as mobilizações espontâneas do movimento de massas. E por que fez tudo isso? Para construir o partido bolchevique e mobilizar as massas para a tomada do poder.

Um exemplo ilustrativo

Quando o companheiro Germain tenta ridicularizar de forma sistemática o companheiro Hansen dizendo-lhe que não se pode dizer a um operário em greve – que está envolvido em piquetes – que “nossa estratégia é construir o partido”, está dizendo uma verdade de Perogrullo, um óbvio ululante, com a qual demonstra que não entende nada. O que Germain diz é algo que nenhum militante com alguma experiência no movimento operário para pra pensar. Se alguém, numa greve, diz aos operários que fazem piquetes que nossa estratégia é construir o partido, de fato opõe a construção do partido à existência do piquete, porque está dizendo que só podem estar no piquete aqueles que concordam com a necessidade de construir o partido. Seria um pedante que dissolve uma situação concreta, um meio, uma tática, numa estratégia decenal. Nunca vimos alguém cometer esse erro que tanto preocupa Germain.

Porém o erro oposto, o de ocultar nossa estratégia de construção do partido, é possível que seja mais fácil de ser cometido por aqueles militantes inexperientes que querem captar rápido a simpatia dos grevistas. Levando ao extremo, seria dizer a esses operários que nossa estratégia é fazer piquetes e que nosso eixo de atividade fundamental durante dez, quinze ou vinte anos será fazer piquetes. Com isso, estaríamos enganando e desarmando os operários frente a futuras mudanças.

O que devemos fazer? Em primeiro lugar, lançarmo-nos de cabeça nesse piquete como os melhores militantes, ou seja, ganhar a greve. Em segundo lugar, devemos explicar a esses operários de vanguarda que, assim como hoje estão fazendo um piquete, amanhã a luta de classes exigirá que organizem uma manifestação, ou a defesa de uma fábrica ocupada, ou as milícias operárias, ou que façam propaganda, ou que sejam candidatos nas eleições, porque a luta contra a patronal não começa nem termina nessa greve, mas começou faz mais de um século e terminará quando a classe operária tomar o poder e construir o socialismo. Em terceiro lugar, que para chegar a isso é necessário um partido que dirija todos os trabalhadores, assim como eles dirigem seus companheiros da fábrica, e que nós estamos construindo esse partido e o convidamos a se incorporar a ele. Se soubermos ser os mais abnegados militantes do piquete, se soubermos explicar nossa política, captaremos esses operários que estão no piquete. E isso não significa estar construindo o partido?

O erro mais grave

Dissemos que não se pode confundir uma estratégia com uma tática. Mas muito mais grave é confundir um meio ou tática com uma estratégia decenal, ou seja, histórica: transformar a tática em algo mais que uma estratégia, quase em um princípio. Se os operários só veem a necessidade de fazer alguma dessas tarefas, e se fazemos o que diz Germain, que converte essa

tarefa numa estratégia para dez anos, estamos fazendo seguidismo à consciência das massas. Isso foi o que Germain fez com o *sui generis*: ao fazer seguidismo aos partidos comunistas, indiretamente ou em última instância estava fazendo seguidismo ao movimento de massas. Atualmente, está caindo na mais grave expressão de seguidismo, o seguidismo à vanguarda.

Em sua polêmica com a minoria sobre a “estratégia da luta armada” votada no 9º Congresso, o camarada Frank demonstrou que esta é, precisamente, a política da maioria. Em sua carta à Convenção do SWP, enuncia de forma correta nossa concepção. Para a minoria, “... a maioria da Internacional, ao aceitar a estratégia de luta armada para a América Latina, renuncia a construir partidos revolucionários...”

Isso é precisamente o que nós pensamos da maioria. Mas depois o camarada Frank faz outro resumo, já não tão fiel, de nossa posição: “O dilema luta armada contra construção do partido não existe para nós. O mesmo podemos dizer do dilema sindicalista, ‘greve geral’ contra ‘construção do partido’.”

Aqui o camarada Frank se “esqueceu” da palavra mais importante: “estratégia”. Não existe, de forma efetiva, nenhum antagonismo entre a luta armada, a greve geral ou qualquer outra tática com a construção do partido, sempre e quando as tomemos como o que são, como táticas. A luta armada, a greve geral ou qualquer outra tática se opõem à construção do partido quando se pretende convertê-las em estratégias permanentes para toda uma época.

Por que se opõem? Simplesmente porque o partido só pode existir se utilizamos em cada momento táticas diferentes e adequadas, que mudam tanto quanto a luta de classes. **Se há eleições, podemos ser eleitoralistas.** Mas se não há, não devemos ser. Se há camponeses dispostos a lutar armados contra os latifundiários, devemos ser guerrilheiros rurais. Mas se não há, não devemos ser. Se decidimos ser eleitoralistas ou guerrilheiros rurais durante cinco, dez ou quinze anos, ficamos com as mãos atadas para mudar, tanto quanto seja necessário, as diversas táticas que são imprescindíveis para fortalecer o partido e o movimento de massas junto com ele. Assim, repetindo como papagaios a mesma palavra de ordem, nunca poderemos fazer o partido crescer. Se atualmente algum camarada propusesse a greve geral como estratégia central permanente, todos – maioria e minoria – o acusaríamos de sindicalista. Se propusesse como estratégia central permanente intervir nas eleições, o acusaríamos de eleitoralista. Os camaradas da maioria estão muito indignados porque os acusamos de “guerrilheiristas” quando votaram a “estratégia de guerrilha rural” para toda uma etapa e dissemos que sua estratégia era oposta à de construir o partido. Agora nos dizem que não votaram a guerrilha rural, mas a “luta armada”. Pois bem, como estratégia central para toda uma etapa, a “estratégia de luta armada” é muito mais perigosa que a guerrilheirista, porque nela entram o terrorismo, a guerrilha urbana e a guerrilha rural, métodos de luta armada, mas que, elevados à estratégia, constituem outros tantos desvios que se opõem à construção do partido.

Germain, Frank e o restante dos camaradas da maioria fizeram isso várias vezes. Antes escolheram a tática que seguia o “atraso das massas dirigidas pelo stalinismo e, agora, a que segue o atraso da vanguarda impressionada pela guerrilha castrista. Ontem foi o entrismo *sui generis*; hoje é a luta armada” para a América Latina e o trabalho em essência relacionado com a “vanguarda de massas” na Europa. Nós reafirmamos que o trotskismo tem só duas estratégias a longo prazo: construir o partido e mobilizar as massas para a tomada do poder.

Nós dizemos que converter as táticas em estratégias vai, a longo prazo, contra a construção do partido. A correção dessa afirmação fica evidente nos resultados das concessões aos guevaristas. Se a IV Internacional insiste em converter a guerra de guerrilhas em estratégia, isso acabará liquidando as seções que a aplicarem – como já se viu na Bolívia e na Argentina – e, possivelmente, liquidando a própria IV Internacional.

[...]

CAPÍTULO VI

Partido mandelista ou partido leninista?

O novo caráter de nossos partidos

Nós acreditamos que a origem das divergências que temos com a maioria em todos os terrenos – teórico, programático, estratégico e tático – encontra-se numa diferença fundamental: a que mantemos em relação ao método de construção de nossas seções.

Os companheiros da maioria, entre os quais se destacam Mandel e Germain com seus trabalhos teóricos, propõem uma série de definições e tarefas que pretendem mudar as normas leninistas de construção do partido. Para eles, o setor essencial sobre o qual deveremos dirigir nossa propaganda e agitação e que define os traços fundamentais de nossa política é a “vanguarda de massas” que existiria em todo o mundo. Essas afirmações se transformam num verdadeiro princípio².

Para assegurarmos o êxito de nossa estratégia, que consistiria em ganhar a hegemonia dentro da vanguarda, deveríamos empregar duas táticas: 1) realizar campanhas políticas cujos eixos fossem definidos a partir das inquietações da vanguarda, com a condição de que tais inquietações não se oponham à luta de massas³. 2) concentrarmos o máximo possível para tornar conhecidas as ações “exemplares” da vanguarda⁴.

Uma vez que tenhamos ganho essa vanguarda de massas, a utilizaremos para duas tarefas. A primeira seria ajudar os operários avançados dos sindicatos a lutar contra a burocracia; a segunda, fazer propaganda e agitar entre estes operários a necessidade de se organizarem em comitês de fábrica e órgãos de duplo poder para estarem preparados para qualquer onda futura de lutas massivas generalizadas⁵.

Para completar esse esquema, Mandel promove essa concepção, que a princípio aparecia como específica da atual etapa, para o terreno geral. Já não é somente a função de nossos

² Estas são algumas das citações mais taxativas: “A opção prioritária de conquistar a hegemonia política no seio da nova vanguarda massiva...” [TMI. “La Construcción de los partidos revolucionários en la Europa capitalista”, op. cit., p. 16]. “(...) a tarefa central para os marxistas revolucionários na etapa aberta em 1967-68 consiste em conquistar a hegemonia no seio da nova vanguarda com caráter de massa, a fim de construir organizações revolucionárias qualitativamente mais poderosas que as da precedente etapa, assim como passar do estado de grupos revolucionários de propaganda ao estado de organizações políticas revolucionárias em vias de implantação no proletariado.” (Idem, p. 15).

³ “... a organização das campanhas políticas nacionais escolhidas cuidadosamente, coincidindo com as inquietações (necessidades) da vanguarda, sem ir no sentido contrário das lutas das massas, e demonstrando uma capacidade de iniciativa eficaz, ainda que seja modesta, parte de nossas seções.” (Idem, pp. 42-43)

⁴ “(...) centralizar suas forças em nível regional e nacional com o propósito de romper o muro do silêncio e de indiferença que rodeia determinadas lutas operárias exemplares e ‘selvagens’ e começar ações solidárias.” (Idem, p. 43).

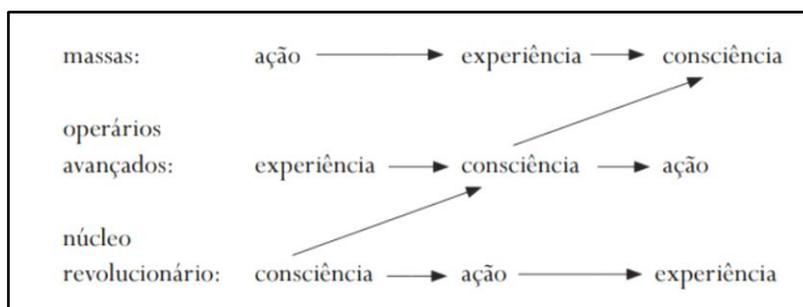
⁵ “... a orientação fundamental dos trotskistas europeus deve ser a de se implantar na classe operária, usar o peso da vanguarda de massas para modificar a relação de forças entre a burocracia e os trabalhadores avançados dos sindicatos, fábricas, escritórios, e na rua, assim como concentrar sua propaganda e, quando isto seja possível, sua agitação na preparação destes trabalhadores avançados para a aparição dos comitês de fábrica, dos órgãos de poder à altura da próxima onda de lutas generalizadas de massas, greves massivas e greves com ocupação de fábricas”. [GERMAIN. *Em defesa do leninismo, em defesa da IV Internacional*, p. 113].

partidos nesta etapa e numa região, mas de seu caráter em todo o mundo e em toda a história⁶. Além de se opor à concepção de construção do partido⁷, a concepção de Mandel não serve para nada: nem sequer para ganhar a vanguarda. Serviria no máximo para a vanguarda nos ganhar para as suas ações “exemplares”.

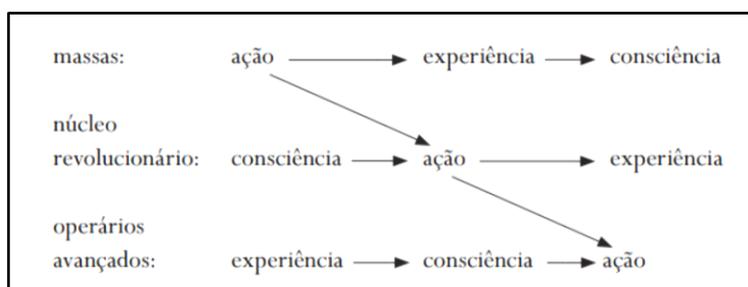
Para os bolcheviques, as coisas são diferentes: o partido revolucionário tem de ganhar a *hegemonia na classe operária e no movimento de massas*. Isso se consegue trabalhando sobre eles, propondo que *assumam* a política que apontamos. Somente quando isso ocorre é possível derrotar a burocracia. E somente desse modo o partido ganha seu direito histórico de ser considerado um partido revolucionário, *vanguarda da classe operária* na luta contra o capitalismo.

O que é vanguarda?

Pela forma como estão colocadas as coisas, é evidente que o ponto de partida dessa discussão é uma definição precisa de vanguarda, de que papel cumpre e de quais são suas relações com o partido bolchevique. No trabalho que citamos antes⁸, Mandel, adiantando-se à conclusão do documento europeu, tentou apresentar uma interpretação teórica sobre o *novo* papel do partido bolchevique e da vanguarda. No quadro em que resume toda a sua concepção, assinala que há três segmentos fundamentais na formação da consciência de classe: as massas, que avançam da ação para a experiência e daí para a consciência; os operários avançados, que caminham da experiência à consciência e da consciência para a ação; e o núcleo revolucionário, que da consciência vai à ação e daí para a experiência.



Em seguida, Mandel diz que, invertendo esse esquema, obtém-se “a seguinte imagem” (?) da qual se pode tirar “conclusões práticas” (?). Eis a imagem reveladora:



⁶ “Agora, em vez de dizer que o propósito do partido é o de tornar perfeita a consciência política da classe dos operários, a fórmula fica mais precisa: a função de vanguarda revolucionária consiste em desenvolver a consciência revolucionária na vanguarda da classe trabalhadora.” (MANDEL, Ernest. *A teoria leninista da organização*. Ediciones Combate, p. 40)

⁷ “De acordo com o conceito leninista de organização, não existe uma vanguarda autoproclamada. Mais do que isso, a vanguarda deve ganhar seu reconhecimento como vanguarda (ou seja, o direito histórico de atuar como vanguarda) através de suas tentativas de estabelecer com a parte avançada de sua classe e sua verdadeira luta.” (MANDEL, Ernest: *A teoria leninista da organização*. Buenos Aires: Ediciones Del sigilo, p. 15). Note-se que nas últimas duas citações Mandel utiliza a palavra “vanguarda” como equivalente de “partido” e de “parte mais avançada da classe operária”.

⁸ Referimo-nos ao trabalho citado *A teoria leninista da organização*.

Primeiro nos deteremos na questão dos três setores: as massas, os operários avançados (vanguarda) e o partido.

No marxismo utilizado por Marx, existem estruturas (as classes) e superestruturas (as ideologias e as instituições). As massas estão na estrutura e o partido revolucionário na superestrutura. A classe operária, as massas e a sociedade em seu conjunto possuem superestruturas que são de dois tipos: objetivas e subjetivas. As objetivas são as instituições e as subjetivas são as ideologias e as consciências. Um sindicato, um jornal operário, um partido, uma publicação nacionalista são superestruturas institucionais subjetivas, da classe ou do movimento de massas. Os partidos comunistas e socialistas também. A consciência sindicalista e a reformista fazem parte da superestrutura ideológica, subjetiva, da classe operária. Como são ideologias burguesas, são “falsas consciências” operárias. A ideologia trotskista é a “consciência verdadeira” da classe operária e faz parte da superestrutura ideológica ou subjetiva. O partido trotskista é a expressão objetiva dessa ideologia e, portanto, faz parte da superestrutura da classe operária. Na luta para ganhar a classe operária e o movimento de massas, todas essas instituições e ideologias combatem umas às outras de forma encarniçada. Isso é muito nítido.

Resumindo, vemos que existem dois segmentos fundamentais: a estrutura e a superestrutura. Ou, dito de outra forma, as classes, por um lado, e as instituições e ideologias, por outro. Mandel, que fala de três, parte de um fato real, evidente: existe uma numerosa vanguarda. Porém, com nosso esquema, não temos onde localizá-la. Não é uma classe nem uma instituição. E necessário então revisar o marxismo? Ou seja, existe uma terceira categoria? A vanguarda se localiza na estrutura, junto à classe operária e ao movimento de massas? Ou se localiza na superestrutura, junto ao partido?

Todo o trabalho teórico de Mandel se debate com esse problema insolúvel. Consciente de que necessita de uma definição que justifique plenamente o descobrimento dessa terceira “categoria”, ele diz:

“A categoria do operário avançado parte da estratificação objetiva, inevitável da classe. E resultado de suas origens históricas diversas, assim como das diferentes posições no processo social de produção e de diferentes consciências de classe.”⁹

Essa definição, no entanto, não soluciona nenhum problema. Se o elemento decisivo é a “estratificação objetiva” da classe, a vanguarda faz parte dela. Vale lembrar: da estrutura. E se a definição decorre da “diferente posição no processo social de produção”, significará que, ainda que continue sendo parte da estrutura, é outra classe. Finalmente, se definimos a vanguarda por sua “diferente consciência de classe”, ela fará parte, junto com as demais consciências, da superestrutura.

Essa contradição se agrava quando Mandel descreve o “operário avançado” (ou vanguarda). Acontece que essa nova categoria tem uma “essência” francamente surpreendente.

[...] [e] aquela parte da classe trabalhadora que já se encontra envolvida num grau mais alto que as lutas esporádicas e que já alcançou o primeiro nível de organização [e] o que a distingue das massas é o fato de que nem durante o período de calma abandona a frente da luta de classes, continuando o combate, agora com “outros meios”. [...] Tenta transformar os órgãos de resistência formados durante a luta em órgãos de resistência permanentes, ou seja, em *sindicatos*. Publicando *jornais operários* e *organizando grupos de educação*, tende a cristalizar e a elevar a consciência de classe criada durante a luta. Portanto, ajuda a dar forma ao fator continuidade, opondo-se à necessária

⁹ Idem, p. 15.

descontinuidade na ação das massas, e ao fator consciência, opondo-se à espontaneidade que possui o movimento de massas.¹⁰

Que tem a ver tudo isso com as “origens históricas diversas”, as “diferentes posições no processo social de produção” e a “estratificação de classe”? Um militante sindical do setor mineiro inglês cumpre parte dos requisitos que pede Mandel para ser considerado “operário avançado”: “alcançou o primeiro nível de organização”, “não abandona a frente da luta de classes” nos “períodos de calmaria”, “publica jornais”, “tende a cristalizar e a elevar a consciência”, se “opõe a espontaneidade” e “ajuda” ao “fator continuidade”. Porém não cumpre os outros requisitos: não tem uma “origem histórica distinta” da que possuem os mineiros ingleses, não faz parte de nenhuma “estratificação de classe” nem ocupa uma “diferente posição no processo de produção”.

De maneira inversa, os técnicos proletarizados da indústria automobilística estadunidense, que, sim, cumprem esses três últimos requisitos – têm origem histórica diversa da que possui a classe operária dos Estados Unidos, ocupam, relativamente, um papel distinto na produção social e estão particularmente estratificados dentro da classe operária –, não cumprem os outros, pelo menos não em Detroit, onde a vanguarda indiscutível (os “operários avançados”) foram os operários negros, que quase fizeram uma insurreição há poucos anos. Atualmente, ocorre o mesmo com os operários imigrantes da Renault francesa.

Mandel não tem como escapar dessa contradição. Mistura o quantitativo com o qualitativo de forma inexplicável. Se a definição é quantitativa, vanguarda são os operários “mais conscientes”, os “mais lutadores”, os “mais inteligentes” da *classe operária*. Ou seja, fazem parte de uma estrutura (a classe operária), na qual se diferenciam do resto de seus companheiros por serem “mais” em alguma coisa. Se a definição é qualitativa, isto é, os que “continuam o combate”, os que “publicam jornais”, os que “alcançaram um primeiro nível de organização”, então a vanguarda se localiza na superestrutura. A contradição é de ferro e não se pode sair dela por mais que se queira formular uma definição diferente. Confirma-se assim o marxismo, que diz existirem somente duas categorias, e não três.

Como, então, definir a vanguarda? Se quiséssemos fazê-lo com a ajuda da lógica dialética, diríamos que a *vanguarda é um fenômeno*, não um existente (um ser); quer dizer, diferente das classes e superestruturas, a vanguarda não tem uma existência permanente durante toda uma época. Na luta, os setores que estão à frente são vanguarda. É um termo relativo. Seu próprio nome indica que existe uma retaguarda. Nesse sentido geral, o partido é vanguarda da classe operária; a classe operária é vanguarda de toda a sociedade. Vamos a exemplos concretos: na França de 1936, o movimento operário foi a vanguarda; porém, em 1968, foi o movimento estudantil. Na Argentina, de 1955 até 1966, foram os operários metalúrgicos; em 1968, os estudantes. No Peru, sob a direção de Hugo Blanco, os camponeses foram a vanguarda; durante a presidência de Velasco Alvarado, foram os professores.

Não é casual que Germain, contradizendo de certo modo suas próprias definições, refira-se somente à vanguarda operária, porque é nela que se faz mais evidente que vanguarda não se define por estratificações nem por níveis de consciência e de organização, mas pelo papel que cumpre em determinada luta. O caráter de fenômeno pode manifestar-se inclusive no transcurso de uma mesma luta: no começo do *Cordobazo*, o papel mais avançado foi cumprido pelos estudantes, depois pelo movimento operário e, dentro deste, pelo sindicato da indústria automobilística. Nas lutas do proletariado francês depois da Revolução Russa, houve uma vanguarda, como Thorez*, que depois, em 1936, se encontrava na retaguarda. Podemos dizer

¹⁰ Idem, pp. 14 e 19.

*Maurice Thorez (1900-1964) foi secretário de organização do Partido Comunista Francês na década de 1930.

que cada ascensão ou luta tem sua vanguarda: existiu a IWW** e a do PS norte-americano e também a que dirigiu as lutas da CIO***; da primeira, surge Cannon; da segunda, Farrel Dobs****; da estudantil de 68 surge Krivine, Dutschke e Cohn Bendit*****; das nacionalidades oprimidas, Malcom X*****.

Recapitulando, podemos dizer que a vanguarda é própria de cada luta, que numa mesma luta diferentes grupos podem alternar-se nesse papel; que um que hoje é vanguarda amanhã não só poderá deixar de sê-lo como pode até converter-se em retaguarda. O destino da vanguarda é ser absorvida pela classe ou ser assimilada pela superestrutura. Por exemplo, se alguma delas torna permanente sua atividade, criando uma ideologia e construindo uma organização, passa a fazer parte da superestrutura. Às vezes, a vanguarda é absorvida por um partido ou organização de massa. Thorez se transformou em stalinista; Reuther virou burocrata, tal como Lechín na Bolívia e Vandor***** na Argentina; Cohn Bendit dedicou-se ao cinema; e Krivine a construir o partido trotskista na França. Outros grandes setores da vanguarda, ao abandonarem a luta, voltam a confundir-se com sua classe e com ela seguem na estrutura.

Ao tentar aprisionar a vanguarda em uma “categoria” em vez de defini-la, o esquema de Germain faz com que o conceito se perca para a nossa compreensão. Ao ignorar os aspectos desenvolvidos de forma desigual que se combinam para dar lugar a esse fenômeno, revisa completamente o materialismo histórico. Esse não é, porém, o único defeito de sua invenção.

Onde entram as organizações reformistas?

Germain não sabe. E efetivamente esse é outro erro, muito mais grave que o anterior. Parece que, para Mandel e Germain, as organizações stalinistas e social-democratas não têm nada a ver com o partido revolucionário. Mais que isso: parece que não existem. Isso se deve ao fato de que Mandel-Germain acredita que nossa luta fundamental é contra a falsa e atrasada consciência da classe operária e das massas, o que é correto somente no sentido geral. Porque a falsa consciência não é formada simplesmente pelas ideias incorretas que a grande maioria dos indivíduos membros da classe operária ou do movimento de massas têm em sua cabeça. A falsa consciência se expressa em instituições fortíssimas, objetivas – as grandes organizações reformistas. Elas captam e organizam os trabalhadores, os educam nessa falsa consciência, imprimem jornais para torná-la conhecida, empregam métodos burocráticos próprios dos gângsteres para defendê-la. Nossa luta contra essas falsas consciências não é uma intervenção cirúrgica nem uma seção de psicanálise para extrair da mente de cada operário as ideias equivocadas. É uma luta de morte contra as organizações que as mantêm, contra a sua ideologia, contra os seus métodos e, fundamentalmente, *contra a sua política*.

***Industrial Workers of the World* (Operários Industriais do Mundo), organização de características classistas, fundada em 1905, que se propunha a organizar os trabalhadores em sindicatos gerais e não por profissão, esta última base de organização da *American Federation of Labour* (AFL, Federação Americana do Trabalho). Esteve à frente de violentos conflitos de trabalhadores rurais e mineiros no Oeste americano. Depois da Segunda Guerra Mundial, praticamente desapareceu.

****Congress of Industrial Organizations* (Congresso de Organizações Industriais), foi originalmente um comitê dentro da Federação Americana do Trabalho (AFL), uma federação sindical conservadora. Os líderes da se negaram a responder à necessidade de criar novas e poderosas organizações para representar os trabalhadores que se radicalizavam e expulsaram os sindicatos da CIO, forçando-os a criar sua própria organização nacional. A AFL e a CIO reunificaram-se em 1955.

****Farrel Dobs foi dirigente do SWP (Socialist Workers Party) dos EUA e dirigente sindical dos caminhoneiros.

*****Rudy Dutschke e Daniel Cohn Bendit foram dirigentes da mobilização estudantil de maio de 1968 na França.

*****Líder negro estadunidense, dirigiu o grupo Panteras Negras na década de 1960.

*****Augusto Timoteo Vandor, conhecido como “Lobo”, foi um dos principais burocratas sindicais da Argentina. Dirigiu a CGT nas décadas de 1950 e 1960 e foi assassinado pelos *montoneros*.

Podemos ignorar essas organizações ao elaborar um esquema da relação de nossos partidos com o movimento operário e sua vanguarda? Existe realmente essa relação pura “partido-vanguarda-massas”? De jeito nenhum: nossa relação com a classe operária é uma relação de superestrutura revolucionária com estrutura de classe. E a vanguarda não é o único mediador, porque entre nós e a classe operária estão outras superestruturas, os partidos operários, os sindicatos e outros organismos da classe, que geralmente são reformistas, às vezes ultraesquerdistas. Isso vale também para nossa relação com o movimento de massas. Por isso, nossos partidos não podem traçar uma política para a classe operária e para ganhar a sua vanguarda sem traçar uma política para os sindicatos, os partidos comunistas, os socialdemocratas, os comitês de fábrica. Não dizendo somente que não se pode ignorar as organizações reformistas e burocráticas, como também que temos de destruí-las. Trotsky disse:

A classe por si não é homogênea. Seus diferentes setores adquirem consciência por vias distintas e com ritmos distintos. A burguesia participa de forma ativa desse processo. Cria seus próprios organismos dentro do movimento dos trabalhadores ou utiliza os já existentes opondo uns setores operários aos outros. No seio do proletariado, atuam diferentes partidos.¹¹

Suas tendências subjetivistas e fenomenológicas levam Mandel-Germain a esquecer que um dos nossos principais objetivos, senão o principal, é varrer as direções e os partidos oportunistas da direção do movimento operário. Como não vê esse obstáculo para o desenvolvimento da consciência de classe, que são os partidos contrarrevolucionários, descobre algo assombroso: que “o que hoje atrapalha a classe operária” no processo de “adquirir uma consciência política de classe” é, sobretudo, “a influência constante do consumo e da mistificação ideológica da pequena burguesia e da burguesia”. E é por isso que, para Mandel-Germain, “o processo de abrir os olhos para a ciência social crítica pode cumprir um verdadeiro papel revolucionário no novo despertar da consciência de classe entre as massas”¹².

Quer dizer, então, que a nossa principal luta é contra a “influência constante do consumo e da mistificação ideológica da pequena burguesia”? Devemos abandonar a luta que sempre travamos contra as direções traidoras e reformistas do movimento de massas? Esse é o melhor caminho para as massas atingirem a consciência de classe? Nós, arqueotrotskistas, vamos continuar no nosso caminho. Mais que isso: para combater essas direções, em lugar de abrir mais os olhos “para a ciência social crítica”, vamos usar uma política, a política trotskista, contra a stalinista e a social-democrata.

A verdadeira relação entre ação, experiência e consciência

Pelo esquema mandelista, as massas, a vanguarda e o partido percorrem diferentes e difíceis caminhos para chegar à consciência, à ação ou à experiência.

Desse esquema, já eliminamos a vanguarda; uma vez que se trata de fenômeno, seu desenvolvimento não pode seguir nenhuma sequência previsível. Só falta acrescentar que, enquanto cumpre papel de vanguarda, qualquer setor obedece, nesse período, as mesmas leis de desenvolvimento que o próprio movimento de massas e o partido obedecem, ainda que de forma contraditória. Para os marxistas, “o espontâneo é a forma embrionária do consciente”. Ou seja, ação, experiência e consciência são partes de uma totalidade que se dá em todos os níveis, desde o partido até as massas. **O elemento determinante dessa totalidade são as ações do movimento de massas.**

¹¹ TROTSKY, Leon. “O ultimatismo burocrático.” Em: *A luta contra o fascismo na Alemanha*. p. 32.

¹² MANDEL, Ernest. *A teoria leninista da organização*, p. 60-61.

Não vemos por nenhum lado essa ação sem consciência que Mandel atribui à classe operária e às massas. Ao contrário, acreditamos que não existe nenhuma ação sem consciência prévia. O regime capitalista e imperialista, com suas infâmias, provoca mudanças na consciência das massas (ódio, repúdio, indignação etc.) que são prévias a todas as ações. Se existisse uma sequência, diríamos que é a seguinte: a realidade objetiva da sociedade burguesa causa impacto na consciência das massas e isso desencadeia suas ações. Mas esta realidade objetiva causa impacto por meio de uma experiência – a de sofrer a exploração. Por exemplo: o patrão explora o operário (realidade objetiva do regime capitalista); este sofre a exploração (faz a experiência de ser explorado); sente desejos de mudar sua situação (chega à consciência de que deve lutar contra o patrão); lança-se à luta (passa para a ação).

De qualquer modo, essa sequência não é nada mais que um esquema, porque o operário contemporâneo, por exemplo, antes de sair à luta, vai ao sindicato; isto é, sua experiência não parte do zero, já que se apoia na experiência das camadas anteriores de operários; não necessita nem repetir exatamente o caminho dos antecessores nem reinventar o sindicato em cada luta. Já sabe até certo ponto o que é uma greve, uma ocupação, uma manifestação, um abaixo-assinado e é consciente dessa experiência.

Mandel poderia dizer agora que a classe operária só aprende com suas ações. Isso é certo, mas não contradiz o anterior: não quer dizer que a classe operária efetue ações sem consciência. Nas ações do movimento de massas, encadeiam-se distintos níveis de consciência e experiência. **Cada ação tem sempre como ponto de partida um determinado nível, que desembocará em outro superior, que por sua vez será ponto de partida de novas ações.**

Dentro da consciência da classe operária e das massas exploradas, há uma luta entre concepções falsas e verdadeiras. Um operário social-democrata, por exemplo, odeia o fascismo, o considera seu pior inimigo e quer a unidade operária para lutar contra ele, mas ao mesmo tempo confia em sua direção burocrática e reformista. Em relação ao fascismo tem uma consciência verdadeira; em relação à sua direção e, por conseguinte, em relação à forma de lutar contra o inimigo, uma falsa. Aqui, como em todo conhecimento, o papel da prática é decisivo. Somente a prática pode consolidar sua consciência de classe e atacar a sua falsa consciência; somente a prática poderá permitir-lhe superar o falso e afirmar o verdadeiro, para chegar a um novo nível de consciência, que terá novas contradições, sempre superáveis através de novas ações. Dizer, porém, que a prática é o fator determinante no caminho da consciência de classe não quer dizer que o caminho comece por ali.

Mandel poderia insistir que, de qualquer maneira, estamos de acordo com ele em que a ação é a única que leva à consciência de classe e que, portanto, nesse ponto, não temos diferença. Não é certo. Temos duas divergências fundamentais. A primeira é que Mandel fala de um nível de consciência desconhecido e nós da consciência de classe, que todos sabemos o que é. Para ele, cada setor chega a um diferente nível de consciência (a vanguarda, por exemplo, chega a uma consciência “empírica e pragmática”) e somente o partido revolucionário chega à consciência de classe (que, para Mandel, é científica e não política). A segunda diferença é que para nós a consciência de classe se alcança justamente por meio de um fator superestrutural, o partido revolucionário, e não por meras ações e experiências do movimento operário.

As massas não chegam à consciência de classe de forma automática, à consciência universal e histórica. Podemos dizer que o movimento de massas se aproxima dela de forma assintótica, isto é, em cada etapa está mais próximo dela, porém nunca a alcança por seus próprios meios. O partido é o único que pode fazer com que essas duas linhas, cada vez mais próximas uma da outra, deixem de ser assíntotas; que o movimento de massas se confunda com a consciência política de classe.

A concepção mandelista é a posição típica dos intelectuais anticonformistas, existencialistas e fenomenólogos europeus do pós-guerra, dos quais Sartre é um clássico expoente. Significa a negação do Homem e, nesse caso, do caráter humano do movimento de massas e da classe operária, porque o Homem se diferencia dos animais por ser consciente, em diferentes graus, de suas ações.

O partido cumpre com as mesmas leis que o movimento de massas, mas num nível qualitativamente superior. **A consciência do partido revolucionário não é mais que a experiência histórica do movimento operário e de massas.** Em vez de partir de uma consciência e de uma experiência parciais e limitadas, o partido parte da consciência e da experiência históricas e universais. Para extraí-las, utiliza uma série de ciências combinadas em uma – o marxismo –, as eleva à consciência histórica, universal e abstrata e a transforma num programa político marxista.

Consciência científica ou política?

Para Mandel, “a categoria de partido revolucionário surge do fato de que o socialismo marxista é uma ciência, que, em última análise, só pode ser assimilada completamente de forma individual e não de maneira coletiva”¹³. E isso acontece porque “o marxismo constitui a culminação (...) de pelo menos três ciências sociais: a filosofia clássica alemã, a economia política clássica e a ciência política clássica francesa (o socialismo e a historiografia francesa)”¹⁴ e “sua assimilação pressupõe, pelo menos, um entendimento da dialética materialista, do materialismo histórico, da teoria econômica marxista e da história crítica das revoluções e do movimento operário moderno”¹⁵.

Isso quer dizer que elevar-se à consciência de classe é chegar à compreensão teórica, científica e global do marxismo como ciência; manejar a dialética, a sociologia, a economia e a história marxistas. Por isso, só poderia ser assimilada “de forma individual e não coletiva”. Por isso, só uma ínfima minoria científica pode chegar a ela. É a concepção mais derrotista que se poderia imaginar. Na realidade, é uma tarefa impossível para o movimento operário realizar. Se pretendemos expulsar da consciência dos trabalhadores todo o lixo ideológico acumulado pela burguesia e pela burocracia e substituí-lo pela “ciência marxista” – a “ciência social crítica” –, não devemos construir um partido, mas pedir ao imperialismo que nos financie a construção de uma universidade com capacidade para centenas de milhões de trabalhadores de todo o mundo, com bolsas de estudo para que todos possam frequentá-la. Como Mandel vê que isso é impossível, conforma-se em dizer que somente uma pequena minoria de indivíduos pode elevar-se à consciência de classe.

Isso cria um problema para ele: o que fazer com essas massas que são incapazes de adquirir a consciência de classe? Mandel-Germain “resolve” esse problema liquidando o partido como partido político revolucionário e dando grande importância, em seu lugar, a um setor social específico, a técnica”. Ela teria, segundo Germain, “a possibilidade de participação massiva dentro do processo revolucionário e na reorganização da sociedade”, que levará aos “extratos desesperados e críticos da classe operária o que eles não podem realizar devido ao estado fragmentado de sua consciência: o conhecimento e a consciência que lhes possibilitará reconhecer a verdadeira face da escandalosamente velada exploração e da opressão

¹³ Idem, p. 17.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem.

disfarçada a que são submetidos”. Ou seja: essa intelectualidade, que se transforma em revolucionária como setor social, não como parte da militância partidária, tem em suas mãos a tarefa de despertar a consciência da classe. A principal tarefa do partido revolucionário, já que a fundamental ficou nas mãos da intelectualidade, será de assessorar teoricamente essa intelectualidade técnica, dando a ela cursos de “ciência social crítica” mandelista. Assim, o papel dessa “ciência social crítica” é decretar a morte do partido bolchevique. Com isso, Mandel, entre outras coisas, dá fundamento a uma acusação que a burguesia faz permanentemente ao movimento de massas revolucionário: que é uma massa inconsciente arrastada e enganada por um punhado de agitadores que escondem seus fins políticos.

Para Mandel, a classe operária não pode reproduzir de forma massiva nenhum conhecimento, o que equivale a dizer que a sociedade em seu conjunto não avança no conhecimento. Ele acredita que, assim como só os indivíduos assimilam o socialismo científico, somente os indivíduos são capazes de assimilar e reproduzir os conhecimentos acumulados pela humanidade desde a pré-história até os nossos dias. O que está fazendo Mandel é confundir a parte concreta dos conhecimentos (isto é, os resultados) com sua elaboração. Porém a sociedade (ou a classe operária, ou qualquer outro setor dela) avança incorporando os resultados científicos, não os métodos de investigação que levaram a esses resultados. Negar isso seria o mesmo que dizer que um indivíduo que não estudou Medicina e Farmacologia não saberá utilizar a aspirina. No entanto, há muitos anos a humanidade faz uso da aspirina para livrar-se da dor de cabeça com bons resultados.

O que Mandel faz é criar dois tipos de consciência: a de vanguarda, que é “empírica” e “pragmática” e a consciência de classe, que é “científica global”, ou seja, a da “compreensão teórica”. Isso significa que a consciência política, o programa, não existe nesta moderna fenomenologia da classe operária. Para Mandel, o fato de o operário estar ou não de acordo com o programa do partido revolucionário não tem relação com seu nível de consciência; não significa que tenha se elevado à consciência de classe. Para Trotsky, por outro lado, “não se pode formular os interesses de classe de outro modo que não seja por meio de um programa, como tampouco se pode defender um programa sem criar um partido”.

A classe, tomada em si, não é mais que terreno para exploração. O papel do proletariado começa no momento em que de classe social *em si* passa a classe política *para si*. Só é possível conseguir isso por meio de um partido. **O partido é esta ferramenta histórica com a qual a classe adquire consciência (...). O desenvolvimento da consciência de classe, isto é, a construção de um partido revolucionário que arraste atrás de si o proletariado, é um processo complicado e contraditório.**¹⁶

Como vemos, para Trotsky, “o desenvolvimento da consciência de classe” é um processo objetivo. **A categoria de partido revolucionário surge do fato de que o marxismo, como partido, é um programa.** Imaginemos um partido integrado por grandes intelectuais que lidam perfeitamente com os aspectos científicos do marxismo, mas que não se preocupam em formular um programa político nem em trabalhar com ele sobre o movimento de massas. Esse é um partido revolucionário? Não. Um partido revolucionário é, evidentemente, aquele no qual alguns companheiros entendem a fundo o marxismo e colaboram com a imensa maioria de trabalhadores que militam nesse partido para formular um programa correto e levá-lo à prática.

Entre o programa do partido e a ciência marxista, há uma relação dialética: **sem teoria (ciência) marxista não se pode elaborar um programa revolucionário.** Também há uma relação dialética entre esse programa e as ações das massas: se não parte das ações das massas, o programa não pode ser revolucionário. E também há uma relação dialética com a atividade

¹⁶ TROTSKY, Leon. “O ultimatismo burocrático”. Em: *A luta contra o fascismo na Alemanha*, pp. 111 e 112.

do partido: sem um partido que o leve à prática, nenhum programa é, por si mesmo, revolucionário.

Todos esses elementos confluem para alcançar essa realidade concreta que é o partido revolucionário com seu programa. E este partido é “o mais alto grau de desenvolvimento da consciência de classe proletária”, como diria Mandel.

Por isso dissemos que Mandel, ao superestimar uma parte essencial do partido revolucionário, a ciência marxista, cai num desvio cientificista intelectual sobre o papel do partido e da consciência de classe. A consciência de classe é a transformação da “classe social em si” em “classe política para si” segundo Trotsky. Para Mandel, seguindo seu raciocínio, a consciência de classe deveria ser a transformação da classe operária em consciência científica e não em consciência política, como para Trotsky. E isso é uma barbaridade.

Basta que setores da classe operária apoiem politicamente o partido marxista para que se elevem à consciência de classe. Basta que indivíduos ou setores da classe se incorporem ao partido e aceitem seu programa e estatutos para que sejam a máxima expressão da consciência de classe. Isso é assim ainda que as massas que apoiam politicamente o partido e os indivíduos ou setores que se incorporam a ele, aceitando seus estatutos e programa, não saibam uma só palavra de filosofia, economia ou sociologia marxista, ou seja, que não tenham assimilado “completamente” o marxismo como “ciência”. Esse é o critério clássico, de Lenin e Trotsky. Como vemos, muito menos exigente que o de Mandel.

A consciência de classe significa que os operários saibam que a sociedade sofre de um câncer, o regime capitalista e imperialista, e que o único remédio para esse câncer é o nosso programa e o nosso partido. Esse conhecimento, como assinalava Trotsky, pode e deve ser adquirido de forma massiva, e não individual, pelo movimento operário e de massas. O movimento operário e de massas adquire esse conhecimento confrontando, no transcurso de suas ações, as diferentes políticas que lhe propõem os diversos partidos que existem em seu meio.

Se existe um partido revolucionário que dá a política correta, isto é, a que responde aos interesses históricos e imediatos da classe operária) em cada uma das lutas, o movimento operário e de massas o reconhecerá como seu partido e terá se elevado à consciência política de classe. Se esse partido não existe, o movimento não poderá fazê-lo. **O papel do marxismo “como ciência” é transformar os interesses históricos e imediatos da classe operária num programa de mobilização ou seja: numa política para cada luta real do movimento de massas, que tende a dirigir essa luta em direção à tomada do poder para, dessa maneira, ganhar as massas para nosso programa e nosso partido, liquidando as suas direções traidoras e oportunistas.**

Uma análise vanguardista e estrategista

Análise, realidade e política

Se para Mandel a “ciência social crítica” tinha o papel de despertar a consciência de classe, para seu discípulo Germain a análise cumpre um papel ainda mais revolucionário, já que “é sempre” o de “mudar as condições em favor da revolução proletária, não o de adaptá-la a uma situação dada”¹⁷.

Essa perigosa afirmação confunde a análise com a política marxista, da mesma maneira que antes Mandel confundia ciência marxista com programa e partido revolucionários. Uma

¹⁷ GERMAIN, Ernest. *Em defesa do leninismo, em defesa da IV Internacional*.

leve diferença com a opinião de Lenin, para quem o marxismo busca realizar “**uma análise estritamente exata e objetivamente verificável das relações de classe e dos traços concretos próprios de cada momento histórico**”¹⁸.

Isso significa estudar com cuidado a realidade para descobrir as tendências favoráveis à revolução proletária, as que se opõem a esta e as relações entre ambas. Isto é, nada menos, que a do “momento histórico” dado. E é a base científica de que falava Lenin, necessária somente para forjar a ferramenta com a qual mudaremos a realidade, e não como acredita Mandel “para brandi-la contra a realidade e mudá-la”. Essa ferramenta é “a política”, dizia Lenin. Em particular, nos referimos a política do partido para as massas para impor uma mudança revolucionária.

O objetivo da análise é aprofundar quantas vezes forem necessárias o estudo de uma determinada situação para elaborar as palavras de ordem que podem fortalecer as tendências revolucionárias e destruir as contrarrevolucionárias.

Mas a análise não tem nunca o objetivo de “mudar as condições existentes a favor da revolução proletária”. Esse objetivo é cumprido pela política. Análise e política estão, pois, intimamente unidas, ainda que não sejam a mesma coisa. Não podemos traçar uma política revolucionária se não partimos de uma análise e caracterização da realidade. Ao mesmo tempo, nossa análise não serve para nada se não deriva em uma política para mudar essa realidade.

Vejam um exemplo. *Análise*: o movimento operário está em ascenso, tem à sua frente os sociais-democratas e os stalinistas; a *burguesia* está em crise; existe um governo fraco que se vê obrigado a dar liberdades democráticas e a fazer concessões ao movimento operário; um setor da burguesia prepara um golpe de Estado fascista; a classe média está dividida: um setor tende a se deixar arrastar pelo fascismo e outro, pelo movimento operário; nosso partido não tem influência de massas, porém é reconhecido por setores de vanguarda. *Caracterização*: estamos numa situação pré-revolucionária que desembocará na revolução operária ou na contrarrevolução fascista; em direção à revolução operária, empurram o ascenso de classe, a radicalização de um setor da pequena burguesia e a existência de nosso partido; em direção à contrarrevolução, empurram a burguesia e o imperialismo, a classe média de direita e a política traidora das direções oportunistas do movimento de massas; somente se derrubarmos essas direções e ganharmos a direção do movimento de massas, a situação desembocará na revolução operária. *Política*: é necessário unificar o movimento operário numa frente contra o fascismo e começar a propor o armamento dos organismos de massas, denunciando as vacilações e traições das direções reformistas; nessa tarefa, deveremos ganhar o movimento de massas. É preciso realizar um trabalho sobre a base do exército; é preciso levantar um programa que contemple as necessidades da pequena burguesia para arrastá-la para a revolução operária; devemos trabalhar nas organizações do movimento de massas defendendo as palavras de ordem que surgem dos pontos anteriores: “Unidade de todas as organizações operárias e partidos operários e populares contra o fascismo”; “destacamentos armados dos sindicatos e sovietes (se houver)”; “direitos democráticos para soldados e suboficiais”; etc.

A análise marxista das etapas

Para formular nossa política, a primeira coisa a fazer é definir com todo o cuidado a etapa da luta de classes que atravessa o país, o continente, o mundo, um sindicato, uma fábrica ou, inclusive, um colégio ou uma faculdade. A base para a análise e a caracterização marxistas é

¹⁸ LENIN, V. I. “Cartas sobre tática” (8 a 13 de abril de 1917). Em: *Obras completas*. Buenos Aires: Cartago, Tomo XXXIV, p. 458.

a situação da luta de classes. Isso significa que se trata, antes de tudo, de uma análise estrutural que deve responder à seguinte pergunta: qual é a relação de forças entre as classes na situação que queremos caracterizar? Sobre essa base, incorporam-se os elementos superestruturais; a situação dos partidos políticos, dos sindicatos e outros organismos de massas, das diferentes tendências existentes no seu interior etc. A relação de forças geral entre as classes se expressa no tipo de regime que existe em cada etapa. Uma mudança geral na relação de forças (isto é, na etapa) se transforma, a curto prazo, numa mudança de regime.

Dentro dessas etapas, há momentos em que uma classe toma a ofensiva e momentos em que é outra classe a que ataca; dentro de uma mesma classe, diferentes setores podem estar na ofensiva em cada momento; setores de uma mesma classe podem lutar entre si às vezes. Além disso, existem as superestruturas das diferentes classes e o Estado, que têm certa autonomia em relação ao movimento das classes, o que pode provocar situações contraditórias entre a base e a superestrutura (por exemplo, quando o movimento operário se dirige para a revolução e os partidos operários se dirigem cada vez mais para a direita). Todos estes zigzagues que acontecem durante uma etapa podem determinar subetapas, que devemos precisar com cuidado. Só podemos dizer que começa outra etapa quando estamos diante de uma nova relação de forças geral entre as classes, o que trará uma mudança de regime.

Segundo Trotsky, há em geral quatro tipos de etapas que refletem quatro estágios no processo da luta de classes: contrarrevolucionária, não revolucionária, pré-revolucionária e revolucionária. Os governos refletem de uma maneira não mecânica as características das etapas, e neles se resumem todas as contradições. Existem governos fascistas, bonapartistas, semibonapartistas, democrático-burgueses, kerenskistas e kornilovianos. Nos países atrasados, segundo Trotsky, pode haver governos bonapartistas *sui generis* que, sem deixarem de ser burgueses, enfrentam ou resistem à alguma potência imperialista, tendendo a se apoiar no movimento de massas ou operário. Ou, ao contrário, esmagam os trabalhadores para melhor servir ao imperialismo.

A existência de diferentes tipos de governo, inclusive numa mesma etapa, explica-se pelo fato de que, como toda superestrutura, o governo reflete não somente a relação fundamental exploradores-explorados como todas as outras contradições e combinações de classes ou setores de classes. Continuam sendo, todos eles, governos burgueses, mas alguns se apoiam na classe média das cidades, outros se veem obrigados a se apoiar no campesinato ou nos partidos da classe operária; em alguns, tem mais peso o aparato burocrático-militar do Estado que em outros etc. Dessas diferentes combinações, surgem diferentes tipos de governo que refletem situações particulares da luta de classes. Todavia, todos esses governos estão determinados pelas características especiais da etapa e pelo regime a que servem. Numa etapa pré-revolucionária, pode haver um governo democrático-burguês ou kerenskista, mas não pode haver um governo fascista; numa etapa contrarrevolucionária, pode haver um governo fascista ou bonapartista, mas não pode haver um governo democrático-burguês.

Este método, que consiste em definir etapas e regimes pela situação da luta de classes e os governos pela combinação concreta dos setores sociais e superestruturas que expressam, era o método de nossa Internacional nas boas épocas do “arqueotrotskyismo”. Nossa política começava pela tentativa séria, tenaz, cuidadosa e científica de definir a etapa que atravessávamos e o governo que suportávamos em cada momento. Desde que a maioria predomina na direção de nossa Internacional, porém, esse método foi abandonado. Nossas análises se fazem agora unicamente em base às relações existentes dentro do movimento operário e muito especialmente, de forma quase exclusiva, na situação da vanguarda. Daí o desprezo pelo método científico elaborado pelo trotskismo.

Antes, teríamos discutido meses inteiros se a definição do governo Banzer como “fascista”, que faz o companheiro González Moscoso, era correta ou não. Por quê? Porque somente chegando a uma conclusão sobre esse ponto poderíamos decidir sobre a política a seguir. Atualmente, os companheiros da maioria estão de acordo com a política e a estratégia do POR(C) para a Bolívia sem estarem de acordo, aparentemente, com a definição do governo, pois González diz que é “fascista” e Germain o qualifica de “reacionário”. Isso poderia ser uma casualidade, mas lamentavelmente é a regra. Os companheiros da maioria diziam que a política do ERP e do PRT(C) era um exemplo (ou seja, a aprovavam com elogios), ainda que o PRT(C) tivesse definido a situação argentina como de “guerra civil” e os companheiros do SU como pré-revolucionária.

As “análises-justificativas” da maioria

Parece impossível coincidir na política partindo-se de caracterizações da situação real diametralmente opostas. E, na verdade, é impossível. Acontece que os companheiros da maioria não partem da análise da situação da luta de classes. Fazem quase o contrário: formulam uma estratégia de acordo com os fenômenos internos ao movimento operário e de massas e depois inventam uma análise da realidade que se encaixe nessa estratégia e que a justifique. Em outra época, o setor ao qual deram importância fundamental foi o das organizações burocráticas do movimento operário, em especial os partidos comunistas. Então, formularam uma estratégia dirigida a esse setor: a do entrismo *sui generis*. Para justificá-la, começaram assegurando que a guerra mundial era inevitável e que os partidos comunistas se veriam obrigados a encabeçar a luta das massas, com o conseqüente surgimento de tendências centristas que dirigiriam toda uma etapa da revolução.

Não houve guerra mundial nem surgiram as tendências centristas, mas foram inventando-se novas análises da realidade para continuar justificando aquela estratégia da década. Já tomamos conhecimento da última dessas justificativas, que diz que a estratégia do entrismo *sui generis* foi adotada porque se previu que “o processo de radicalização (...) se produziria, em essência, no seio das organizações de massas tradicionais”.¹⁹ E também sabemos que, como ficou demonstrado pelos fenômenos castrista e guevarista, isso não aconteceu.

A política do 9º Congresso para a América Latina é outro bom exemplo desse método. Os camaradas da maioria não levaram em conta, em nada, a análise marxista da luta de classes para definir sua estratégia. Não deram nenhuma importância à etapa que cada país latino-americano estava vivendo. Tomaram como ponto de referência o que se discutia na “vanguarda”: guerra rural ou não, luta armada ou não. Daí tiraram a estratégia. Primeiro foi a guerrilha rural; depois – quando a vaca já tinha ido para o brejo, porque todas as guerrilhas rurais foram derrotadas – a destilaram e obtiveram a quintessência, a “estratégia da luta armada”. Aos camaradas da maioria, não importava que no Brasil houvesse um regime semifascista ou ultrarreacionário; no Peru, um bonapartismo *sui generis*; certo movimento nacionalista em outros países latino-americanos e diferentes etapas da luta de classes em cada país. Eles englobaram todos numa só análise, para a qual necessitaram de uma estratégia comum.

A primeira análise-justificativa da estratégia de luta armada foi inventar um tipo de regime comum para toda a América Latina, um regime de acordo monolítico entre o imperialismo, as burguesias nacionais e as Forças Armadas. Mas depois do Congresso Mundial, surgiram governos como o de Torres, na Bolívia, e o de Allende, no Chile, e Onganía caiu na Argentina, acontecimentos que derrubaram aquela análise. Como era preciso manter a estratégia,

¹⁹ TMI. “A construção dos partidos na Europa capitalista”, p. 28.

inventou-se um novo tipo de regime: “reformismo militar”. Na realidade, a única coisa que havia de novo nos regimes englobados por esse nome era precisamente o nome. Foi Rockefeller quem o inventou. Quando visitou a América Latina, escreveu um informe no qual recomendava ao imperialismo uma nova política, o “reformismo militar”, com a qual estivessem de acordo o imperialismo, as burguesias nacionais e as Forças Armadas. Essa caracterização também foi derrubada quando surgiram os sangrentos golpes pró-imperialistas de Banzer e da Junta Militar chilena, por razões óbvias. Grande parte do governo Torres e o último período de Allende tiveram as características de governos “kerenskistas”. A única definição aproximada é a que nos dá Germain, pela negativa, quando qualifica Banzer de “korniloviano”, mas só de passagem. Por que os camaradas da maioria foram incapazes de prever esses governos e traçar uma política frente a eles? Porque a análise significava, por exemplo no caso de governos kerenskistas, propor a frente única operária contra o golpe reacionário e a formação de milícias como parte das organizações naturais do movimento de massas. Isto é, significava que não se teria que fazer guerrilhas. A análise não servia para justificar a sua estratégia.

Como caracterizávamos os regimes latino-americanos? Vejamos:

A derrota ou a necessidade de enfrentar o movimento de massas, assim como a conjuntura econômica, facilitaram a unidade imperialismo-burguesia nacional e essa unidade permitiu o surgimento de governos bonapartistas ditatoriais, apoiados pelo exército ou diretamente militares, em alguns casos semifascistas, como no Brasil.

Isso coloca um importante problema teórico: a frente única monolítica entre o imperialismo ianque e a burguesia nacional... irá se manter durante um período histórico de cinco ou dez anos ou, ao contrário, é um fenômeno transitório, como se viu em todos os outros períodos de governos fortes na região, que foram seguidos por governos fracos quando ascendeu o movimento de massas? A princípio, acreditamos que a solução castrista e guevarista do problema, de que esses governos seguirão sendo assim, é falsa.

A atual crise crescente entre setores burgueses nacionais e alguns destes com o imperialismo, combinada com um fator muito mais importante e decisivo, o do movimento de massas, está provocando a crise de todos esses governos. Ou seja, não são um fenômeno monolítico e eterno. Pelo contrário, é bem momentâneo, tanto quanto dure o retrocesso do movimento de massas.²⁰

Dois anos mais tarde, dizíamos:

Definir os governos e os regimes latino-americanos não é uma preocupação ociosa, mas uma das necessidades revolucionárias mais urgentes [...] A tentativa de ignorar o grave problema teórico de definir os atuais regimes latino-americanos com engenhosas frases jornalísticas, como por exemplo “reformismo militar”, não faz mais que esconder o problema e distanciar-nos da análise marxista, de classe. Os tenazes da colonização ianque, por um lado, a mobilização operária, por outro, originam violentas e espetaculares mudanças no caráter dos regimes burgueses. Alguns são semifascistas, o do Brasil, ou diretamente reacionários sobre bases de legalidade burguesa, como o do Uruguai. Outros, nacionalistas burgueses que tendem a transformar-se ou transformam-se em bonapartistas (*sui generis*) segundo os ensinamentos de Trotsky.

O espetacular do movimento de massas origina situações de poder dual institucionalizado ou atomizado, que dão origem a outros tipos de governos e regimes, os kerenskistas. Estes são típicos de situações revolucionárias, quando o poder operário é tão forte que o governo fica suspenso no vazio entre os dois poderes.

[O kerenskismo é] [...] sumamente instável, bonapartismo ou semibonapartismo entre os exploradores e o movimento de massas, e não como o (bonapartismo) *sui generis* entre o imperialismo e o movimento de massas. O atual ascenso revolucionário tende a transformar o bonapartismo *sui generis* em bonapartismo kerenskista ou em reacionário [...] Acreditamos que o regime [...] de Velasco [...] tem elementos de bonapartismo *sui generis*. Allende está na metade do caminho.

²⁰ Projeto de tese sobre a situação latino-americana, apresentado ao CC do PRT (La Verdad).

Na Bolívia houve os três tipos de governo que definimos: reacionário ou semifascista, o de Barrientos; tendendo a bonapartista *sui generis*, o de Ovando; kerenskista, o de Torres.²¹

Para nós, cada tipo de regime, por expressar uma distinta situação da luta de classes, deve ser enfrentado com uma estratégia diferente. Para os camaradas da maioria, a análise se reduzia a explicar por que valia uma mesma estratégia para qualquer tipo de etapa, regime e país. A explicação é, na realidade, muito simples: porque essa era a estratégia mais simpática para a vanguarda. Esse caráter vanguardista foi abertamente proclamado por Mandel quando disse que deveríamos realizar “... campanhas políticas nacionais cuidadosamente para coincidir com as preocupações da vanguarda...”.²²

Toda essa negação do marxismo navega a velas abertas no documento europeu da maioria. Não são feitas aí distinções de nenhum tipo entre as etapas que vivem os diversos países europeus. No entanto, alguns vivem uma situação contrarrevolucionária (como a Grécia, a Espanha e Portugal), que evolui para pré-revolucionária (como a Espanha) ou se combina com a guerra civil dentro do seu império (como em Portugal); outros vivem uma situação não revolucionária, mas evoluindo para pré-revolucionária (como a Itália, a França e, talvez, a Inglaterra, que vive uma guerra de fato na Irlanda) ou revolucionária (como a Irlanda do Norte). Os outros países vivem uma situação não revolucionária, sem possibilidades de se transformar em pré-revolucionária a curto prazo.

Nossa caracterização é sumária e possivelmente equivocada; gostaríamos que fosse considerada somente como um exemplo metodológico. O que queremos destacar é que das diferentes situações surgem, evidentemente, tarefas diferentes ou, às vezes, diametralmente opostas.

Na Grécia, na Espanha e em Portugal – com situações parecidas –, as grandes tarefas colocadas são as democráticas; nos dois últimos países com caráter urgente, porque na Espanha o movimento operário vem em contínuo ascenso, e Portugal enfrenta a guerrilha em suas colônias. Na Inglaterra, onde se dá uma situação oposta às mencionadas, a tarefa essencial é conseguir que os soldados ingleses se retirem da Irlanda do Norte e, além disso, elaborar um programa de transição para enfrentar a miséria crescente do movimento operário. Na Itália e na França, temos pela frente problemas objetivos diferentes do resto dos países europeus, porque a luta de classes está em um nível mais alto. Os camaradas da maioria dizem controle operário e trabalho sobre a vanguarda não porque acreditam que as situações de todos os países são iguais, mas porque percorrem um caminho inverso: em vez de dizer que para tal situação corresponde tal tarefa, dizem que “já que vamos aplicar a mesma estratégia, todos os países são iguais”.

Por que a II e a III Internacional degeneraram?

O avanço dos camaradas da maioria em direção a uma concepção vanguardista se expressa não somente no terreno das análises concretas, como também nas questões teóricas gerais. Há duas delas em que a dimensão das aberrações chega ao limite do revisionismo: a degeneração da II e da III Internacional e a caracterização das situações pré-revolucionária e revolucionária.

Em ambos os casos, o camarada baseia toda a sua explicação nas relações internas da classe operária e, dentro dela, no papel da vanguarda. Para Mandel, “a raiz da degeneração, tanto da II como da III Internacional, isto é, da subordinação dos partidos de massas social-democratas e depois dos comunistas da Europa Ocidental a uma burocracia conservadora e

²¹ 5º Congresso do PRT (La Verdad). “Os governos latino-americanos e a luta revolucionária”. Em: *Revista da América*, nº 8 e 9 pp. 10-11.

²² TMI. “A construção dos partidos revolucionários na Europa capitalista”, p. 42.

reformista, que na prática diária se converteu em parte do *status quo*”, obedece a uma lei geral da degeneração.

Vejamos essa lei:

O resultado destas tendências contraditórias depende da luta entre elas, que por sua vez está determinada, em última instância, por dois fatores sociais: por um lado, o grau dos interesses sociais específicos que se desprendem da “organização autônoma” e, por outro, o grau de atividade política da vanguarda da classe operária.²³

Nós, trotskistas, sempre tomamos como elemento fundamental para analisar as causas da degeneração da II e da III Internacional o processo geral da luta de classes no mundo. Acreditamos que a III Internacional se degenerou devido à existência e ao ascenso do imperialismo, que fez grandes concessões a setores importantes da classe operária graças à exploração de suas colônias. Isso provocou o nascimento de uma aristocracia operária intimamente ligada às concessões que outorgava o capitalismo. Mandel descobre agora que a “organização autônoma” ou a “autopreservação do aparato em si” se explicam pela necessidade de preservação dos “interesses sociais específicos” do próprio aparato e não como parte do processo geral de formação da aristocracia operária. A III Internacional se degenerou devido às derrotas e ao retrocesso do movimento operário em todo o mundo e devido à refração desse mesmo processo no primeiro Estado operário, a URSS, uma nação camponesa e atrasada. Daí a importância que novamente teve a preservação do “aparato em si”.

Mandel agora abandona essa análise clássica, e então agora a degeneração burocrática fica como resultante da relação entre uma burocracia que defende seu aparato e o “grau de atividade política da vanguarda”. As massas com suas lutas não servem para nada. Com esse método, é possível deduzir que a burocracia pode ser liquidada pela mera “atividade da vanguarda”, isto é, sem necessidade de apelar para a mobilização.

As situações pré-revolucionária e revolucionária

Todo um capítulo da “nova metodologia mandelista” está dedicado a revisar a teoria no que se refere à caracterização das situações pré-revolucionária e revolucionária.

Sempre partindo das relações internas do movimento operário e das vanguardas com o partido, Mandel afirma:

O amadurecimento de uma situação pré-revolucionária (explosão potencialmente revolucionária) é a integração da ação das grandes massas com a ação dos operários avançados. Uma situação revolucionária – ou seja, a possibilidade da conquista revolucionária do poder – aparece quando alcançada a integração das ações da vanguarda e das massas com a consciência da vanguarda e os setores revolucionários.

Ou seja, a burguesia e a pequena burguesia não entram nesse esquema. Temos o direito de pensar que Mandel considera que a situação dessas classes e sua relação com o movimento de massas não têm importância. Diferentemente, Trotsky pensava que “o descontentamento, o nervosismo, a instabilidade e o arrebatado fácil da pequena burguesia são sinais extremamente importantes de uma situação revolucionária”.²⁴ E definia uma situação “apta para a vitória da revolução proletária” como aquela em que se davam as seguintes condições: “1) o impasse da burguesia e a conseqüente confusão da classe dominante; 2) a aguda insatisfação e a vontade de mudanças decisivas nas filas da pequena burguesia, sem cujo apoio a grande burguesia não pode manter-se; 3) a consciência do intolerável da situação e a disposição para

²³ MANDEL, Ernest. *Teoria leninista da organização*, p. 37.

²⁴ TROTSKY, Leon. “Uma vez mais, para onde vai a França?” (março de 1935). Em: *Aonde vai a França?*, p. 60.

as ações revolucionárias nas fileiras do proletariado; 4) um programa inequívoco e uma direção firme da vanguarda do proletariado.”²⁵

Esse ordenamento, que Trotsky repete de forma sistemática durante a década de 1930, está repleto de lições: primeiro, a situação da burguesia; segundo, a da pequena burguesia; terceiro, a da classe operária; e, por último, a existência do partido revolucionário. Como bom marxista, começa pelo objetivo e termina pelo subjetivo. Da situação pré-revolucionária, Trotsky não nos deu uma lição tão exata. Assinalou que é uma situação intermediária entre a não revolucionária e a revolucionária. **Insinuou que esta é caracterizada pela existência das três primeiras condições e a ausência da última, o partido.**

Por outro lado, isso não é somente uma questão de ortodoxia trotskista, mas simplesmente de sentido comum: se a burguesia está unida numa sólida frente, goza de boa situação econômica, mantém satisfeita a pequena burguesia e conta com sua simpatia, as famosas “integrações” de Mandel não levam, nem por casualidade, à revolução. O mais avançado dos casos que poderíamos imaginar – massas, vanguarda e partido integrados em suas ações e sua consciência – terminaria com uma derrota brutal e sangrenta da classe operária nas mãos dessa burguesia unida, apoiada pela pequena burguesia e defendida por um exército sem nenhum tipo de divisão. Por sorte, não há nenhuma possibilidade real de que a tal “integração” mandelista se produza na luta de classes que conhecemos até este momento.

O conceito germainista de normalidade

A incompreensão dos camaradas da maioria, em especial de que é uma situação pré-revolucionária ou revolucionária, provocou toda uma discussão viciosa ao redor da palavra “normal”. Essa discussão começou por causa da América Latina, mas tem importância decisiva para a análise marxista da situação mundial. Os camaradas da maioria afirmam que não veremos na América Latina processos de desenvolvimento “normal” do movimento de massas, porque não haverá períodos prolongados sob condições de democracia burguesa. Com isso, pretendem demonstrar que é falho o prognóstico da minoria de que a **América Latina se aproxima das normas clássicas da revolução proletária.**

Se a revolução tende ou não a “se normalizar” é uma questão que nada tem a ver com a maior ou menor duração dos regimes de legalidade burguesa. Tem a ver com outra questão: se os processos revolucionários de todo o mundo tendem ou não para situações como as que foram descritas por Lenin e Trotsky, isto é, com a generalização ou não de situações parecidas com a da Revolução Russa. **“Normais” são as revoluções que têm como centro o proletariado industrial, as cidades como âmbito geográfico e a insurreição urbana como eixo da luta armada. “Normal” também é que tais revoluções só triunfem se têm à frente um partido bolchevique.**

Essa concepção de “normalidade” nasceu em oposição à de “anormalidade” que presenciemos no pós-Segunda Guerra Mundial, quando partidos pequeno-burgueses ou burocráticos, desde o stalinismo até o castrismo, foram obrigados a encabeçar governos operários e camponeses. A normalidade foi consequência de vários fatores combinados: primeiro, que duas das condições de uma situação revolucionária (o impasse da burguesia e a radicalização da pequena burguesia) passaram de conjunturais a crônicas. O *crack* financeiro, a crise crônica da economia, traduziram-se numa crise sem saída para a burguesia durante anos a fio e

²⁵ Leon: “Manifesto da IV Internacional sobre a guerra imperialista e a revolução proletária mundial”. Em: *Escritos*. Bogotá: Pluma, Tomo XI, vol. 2, pp. 297-298.

numa esquerdização permanente da pequena burguesia, que não encontrava nenhuma possibilidade de apoiar-se nem numa ligeira recuperação da economia burguesa.

Esses fatores se combinaram com a crise do imperialismo estadunidense no pós-guerra e sua divisão perante Castro e com duas carências revolucionárias fundamentais: a do movimento operário e de sua direção. O campesinato começou a desempenhar um papel preponderante, e as condições objetivas terminaram levando os partidos pequeno-burgueses ao governo e à ruptura com o regime imperialista, latifundiário e, por último, com o próprio regime burguês.

Definitivamente, a anormalidade consistiu em que, devido à ausência do movimento operário e do partido revolucionário, as duas primeiras condições da situação revolucionária adquiriram um peso fundamental, e o papel do partido revolucionário foi cumprido por partidos pequeno-burgueses com influência de massas. Essa combinação anormal havia sido prevista por Trotsky no *Programa de Transição*.

A atual volta à “normalidade” não significa simplesmente que se volte à situação anterior à Segunda Guerra Mundial, mas que o movimento operário se incorpore à situação revolucionária e que nossos partidos, os únicos operários e revolucionários existentes hoje, desenvolvam-se.

As demais condições não somente não vão retroceder como vão continuar avançando. O caráter da crise se estenderá a países capitalistas com uma estrutura muito mais sólida que os atrasados, e isso acentuará o peso da intervenção da classe operária industrial.

A combinação será muito mais explosiva que em qualquer etapa que tenhamos conhecido anteriormente: maior crise crônica da economia burguesa, maior esquerdização da pequena burguesia, maiores sentimentos e atividades revolucionárias da classe operária, colossal crescimento e influência no movimento de massas de nossos partidos e nossa Internacional. Isto é, a revolução volta ao “normal” de modo crescente porque fica objetivamente mais fácil e, sobretudo, porque a classe operária e nossos partidos entram em cena. Podem acontecer situações revolucionárias “anormais”, mas estas ficarão subordinadas (e ajudarão) a normalização em escala mundial.

O que tem a ver tudo isso com a maior ou menor duração dos períodos de legalidade burguesa? A Revolução Russa, a mais “normal” de todas as revoluções vitoriosas, aconteceu na Rússia czarista, com séculos de despotismo, um ano de legalidade em 1905 e uns meses em 1917, mais uns poucos anos de resquícios legais. Esta é a nossa “normalidade”: a clandestinidade do movimento revolucionário e o enfrentamento com governos reacionários de diversos matizes a maior parte do tempo. Não identificamos a “normalidade” com a situação da Europa ocidental, com um século ou mais de legalidade burguesa, interrompida brevemente por fenômenos como o fascismo.

Acreditamos, sim, que os períodos de clandestinidade serão muito menos prolongados que os russos, porque as condições são muito mais favoráveis ao movimento de massas. E afirmamos de forma categórica que, do mesmo modo que na Rússia, os resquícios legais e as etapas democráticas serão conquistadas unicamente pela ação do movimento de massas; e que quanto mais fortes forem os golpes que este acerte na burguesia, mais fracos serão os regimes que surgirão. A tendência ao surgimento de governos kerenskistas será cada vez mais aguda, na medida em que siga o ascenso, e somente uma oportunidade revolucionária desaproveitada, pela falta de um partido bolchevique e de uma política trotskista, explicará os retrocessos parciais a regimes semifascistas.

Estas foram as experiências da Bolívia e do Chile, que nosso método marxista de análise foi capaz de prever e que o método estrategista e vanguardista dos camaradas da maioria ignorou completamente. O camarada Germain, ao chamar Banzer de “korniloviano”, reconhece o governo Torres como kerenskista. Não percebe que reconhecer a existência de governos kerenskistas significa reconhecer as condições “normais” da Revolução Russa? Evidentemente não. Eles opinam que os golpes de Banzer e dos militares chilenos lhes dão razão porque demonstrariam a “excepcionalidade” dos períodos de democracia burguesa. No entanto, a Bolívia e o Chile tiveram mais tempo de democracia burguesa nos últimos cinco anos do que a Rússia revolucionária teve em todo um século! Silêncio absoluto: os camaradas da maioria continuam comparando a situação latino-americana com a Europa dominada pelo fascismo.

Diferentes países – Bolívia e Chile entre eles – entraram numa situação revolucionária clássica, e esta não se converteu em revolucionária devido à falta de um partido. Isso não quer dizer que todos os países latino-americanos entraram nessa etapa. Muito pelo contrário: é uma minoria de países a que se encaminha aquela situação, num processo no todo desigual. Mas essas “rússias” mostram o caminho a outros países do continente e, atrevemo-nos a dizer, pelo menos a todo o mundo ocidental.

O processo latino-americano e mundial confirma essa tendência, o que converte em ferramentas fundamentais de nossa análise as lições da Revolução Russa contra as estratégias de “luta armada”, de “trabalho sobre a vanguarda” e de “controle operário” da maioria. Os bolcheviques não assumiram outra forma de luta armada que não fosse a que exigia o ascenso do movimento de massas. Com a luta armada ou sem ela, com “controle operário” ou sem ele, construíam o partido em todo momento. Por que mudar? Ainda não fomos derrotados nem vemos esse perigo de ocupação nazista de nossos países que faz tremer a maioria. Quando essa perspectiva existir, coisa em que não acreditamos, poderemos discutir novas formas de luta armada. Enquanto isso, continuamos orgulhosos de nossa análise e de nossa política.

Os camaradas da maioria, Germain inclusive, têm de parar de brincar de filme de Oeste *made in Italy*, para voltar ao método e ao tradicional de nosso movimento. Isso é mais necessário do que nunca. É preciso partir da realidade e não da *Hora de los hornos*, nem dos filmes de Costa-Gravas*, nem das “inquietações (necessidades) da vanguarda”, que, em muitos casos, inspiram-se no cinema. Acabamos de ver o desenvolvimento acelerado de outro regime kerenskista, o de Allende. Acabamos de ver como o triunfo momentâneo dos “kornilovs” chilenos foi facilitado pela ausência de uma política e de um partido bolcheviques. Por isso, essa política e esse partido são mais necessários que nunca. Vamos sacudir a poeira dos três tomos que Lenin escreveu em 1917 e das análises de Trotsky sobre a Revolução Russa!

Lenin e Trotsky sobre a orientação dos partidos comunistas e trotskistas

O camarada Mandel assinalou de passagem que sua interpretação do novo papel do partido leninista foi antecipado por Lenin em *O Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. Suponhamos que os parágrafos que ele cita sejam os seguintes:

* *La hora de los Hornos*: filme realizado na Argentina em 1967, registra a história das lutas populares no país desde a queda do governo peronista em 1955. Seus realizadores, Fernando Solanas e Octavio Getino, vivem no exílio. O filme foi proibido na Argentina. *Costa Gravas*: cineasta grego, radicado na França, realizador de filmes de denúncia conhecidos, como *Z*, *A confissão* e *Estado de sítio*. No texto, a referência é a este último, cuja trama se desenvolve no Uruguai antes do golpe de 1973 e narra o sequestro de um diplomata dos Estados Unidos por um comando tupamaro. (Nota do autor)

O primeiro objetivo histórico (o de ganhar para o poder soviético e para a ditadura da classe operária a vanguarda do proletariado com consciência de classe) não podia ser alcançado sem uma vitória ideológica e política completa sobre o oportunismo e o social-chauvinismo...²⁶

O principal já se conseguiu: foi ganha a vanguarda da classe operária [...] a vanguarda proletária foi conquistada ideologicamente. Isso é o principal.²⁷

Lenin disse isso num momento histórico concreto: quando lutava contra o oportunismo para ganhar os operários socialistas de esquerda e anarcossindicalistas para a III Internacional. E referia-se a uma vanguarda também concreta: uma vanguarda operária que era o mais avançado de sua classe, que tinha forte influência e era muito reconhecida por amplos setores da classe operária. O capítulo em que se inserem essas citações começa assinalando esse fato, que configura uma situação diferente da atual, na qual a numerosa vanguarda existente não é reconhecida na classe trabalhadora e predominam nela os elementos não proletários. Para Lenin, tratava-se de ganhar essa vanguarda para concretizar a vitória dos revolucionários russos em nível organizativo e de vanguarda mundial. Porém essa tarefa central sobre a vanguarda não o levou a modificar as características principais dos partidos comunistas; continuou considerando-os um órgão para conduzir as massas à revolução proletária. O esforço de Lenin estava concentrado justamente em convencer a vanguarda de que deveria organizar partidos bolcheviques com uma política marxista revolucionária para as massas e não para a vanguarda em cada um de seus países.

Colocadas essas citações em seus devidos lugares, cabe perguntar por que as usou em vez de citar as resoluções da III Internacional. Nós sabemos por quê: porque os quatro primeiros congressos da Internacional Comunista disseram o contrário do que diz Mandel-Germain:

[...] esta minoria que é comunista e que tem um programa, que quer organizar a luta das massas, é o *Partido Comunista*. O Partido Comunista só difere da grande massa dos trabalhadores naquilo que considera a missão histórica de toda a classe operária. E se esforça a todo momento para defender não os interesses deste ou daquele grupo ou profissão, mas de toda a classe operária.²⁸

O Partido Comunista, se é realmente vanguarda da classe revolucionária... terá sabido unir-se indissolavelmente a toda a existência da classe operária e, por seu intermédio, a toda a classe explorada.²⁹

Como vemos, a Internacional Comunista coloca com nitidez que o objetivo dos partidos revolucionários deve ser “organizar a luta das massas” (não da vanguarda); definir sempre (“a todo momento”) os interesses de “toda a classe operária”, não de alguns grupos (o que é a vanguarda senão um “grupo” dentro do movimento operário?); e para isso deve “saber unir-se indissolavelmente a toda a existência da classe operária” (não a existência parcial de um setor, mesmo que seja de vanguarda).

Trotsky contra Germain

Germain afirma que a posição do documento europeu da maioria a respeito dos organismos de massas é similar à que teve Trotsky durante os anos de 1934-1936 para a Bélgica, França e Espanha, apesar de nossas organizações serem, na época, mais fracas. É uma pena que Germain não vá adiante em sua comparação e não nos explique qual foi a posição de Trotsky sobre o papel de nossos partidos para a mesma época.

²⁶ Lenin, V. 1. *O esquerdismo doença infantil do comunismo*. Em: *Obras completas*, p. 27.

²⁷ Idem, p. 101.

²⁸ Resolução sobre o papel do Partido Comunista na revolução proletária. Em: *Cuadernos de Pasado y Presente*. “Os quatro primeiros congressos da Internacional Comunista”, Buenos Aires, 1973, pp. 135 e 131.

²⁹ “A tarefa da Internacional Comunista”, idem, p. 118.

Trotsky jamais colocou nada do que dizem os camaradas da maioria. Nunca disse que não havia possibilidades imediatas de construir **partidos com influência de massas**. Nunca disse que nossa tática central para o próximo período era trabalhar sobre a vanguarda de massas. Muito menos disse que o trabalho sobre a vanguarda era o que caracterizava o partido bolchevique.

O que Trotsky colocou foi o oposto. Ele considerou que a situação pré-revolucionária naqueles países possibilitava um amplo trabalho sobre as massas e um rápido crescimento de nossas seções:

As forças de que dispomos são pequenas. Mas a vantagem de uma situação revolucionária consiste em que um grupo, inclusive pouco numeroso, pode chegar a ser uma grande força num curto espaço de tempo, com a condição de que saiba formular prognósticos exatos e lançar a tempo as palavras de ordem corretas.³⁰

É certo que no curso de uma revolução, isso quando os acontecimentos se sucedem num ritmo acelerado, um partido fraco pode converter-se num partido poderoso, com a única condição de que compreenda com lucidez o curso da revolução e de que possua quadros provados que não se deixem exaltar por palavras ou aterrorizar pela repressão.³¹

Uma dezena de milhar de militantes, com uma direção firme e perspicaz, pode encontrar o caminho das massas, arrancá-las da influência dos charlatões, stalinistas e social-democratas.³² É preciso dirigir-se às massas, às suas camadas mais baixas e exploradas.³³

Mas 20 mil ou mesmo 10 mil, com uma política inconfundível, decidida, agressiva, podem ganhar as massas num curto prazo, da mesma forma que as ganharam os bolcheviques em oito meses.³⁴

Devemos dirigir-nos às amplas massas, às organizações de massas, a qualquer preço, por todos os meios, sem nos deixar influenciar nem paralisar pela intransigência conservadora.³⁵

O primeiro dever de toda organização revolucionária, especialmente num período crítico como o presente, em que a consciência das massas muda literalmente dia a dia, consiste em manter os ouvidos atentos ao que o trabalhador comum comente na fábrica, na rua, nos transportes, no café e no lar, para saber como ele vê a situação, que esperanças tem, em que coisas acredita: temos de escutar atentamente esse trabalhador.³⁶

A situação europeia da época em que Trotsky escreveu essas linhas era parecida com a atual: estava entrando num período pré-revolucionário. Mas, da mesma maneira como acontece com os escritos de Lenin e com as resoluções da III Internacional, tudo o que disse Trotsky é o oposto do que dizem os camaradas da maioria. A maioria nos diz que não há possibilidade de se chegar a partidos com influência de massas. Trotsky não se cansa de repetir que “um grupo, inclusive pouco numeroso, pode chegar a ser uma grande força”, “um partido fraco pode converter-se num partido poderoso”, “com uma direção firme e perspicaz, pode encontrar o caminho das massas”, “com uma política inconfundível, decidida, agressiva, pode ganhar as massas a curto prazo etc. A maioria nos diz que temos de centrar nossa atividade na vanguarda. Trotsky afirma que “é preciso dirigir-se às massas, às camadas mais baixas e exploradas”, “devemos nos dirigir às amplas massas” etc. A maioria nos diz que nossas campanhas políticas devem girar ao redor de “problemas cuidadosamente escolhidos que

³⁰ TROTSKY, Leon. “Por um manifesto da oposição sobre a revolução espanhola” (Carta ao Secretariado Internacional, 10 de junho de 1931). Em: *A revolução espanhola*, vol. 1, p. 167.

³¹ TROTSKY, Leon. “Classe, partido e direção: por que foi derrotado o proletariado espanhol? Questões de teoria marxista”. Em: *A revolução espanhola*, vol. 2, pp. 313-314.

³² TROTSKY, Leon. “É possível a vitória?” Em: *A revolução espanhola*, vol. 2, p. 112.

³³ Idem, p. 110.

³⁴ TROTSKY, Leon. “A política de Lenin. Carta a Harold R. Isaacs” (25 de fevereiro de 1937). Em: *A revolução espanhola*, vol. 2, p. 77.

³⁵ TROTSKY, Leon. “Rumos às massas. Carta ao SI” (27 de julho de 1936). Em: *A revolução espanhola*, vol. 2, pp. 51-52.

³⁶ TROTSKY, Leon. “A Liga diante de um giro decisivo”. Em: *Escritos*, Tomo VI, vol. 1, p. 62.

correspondam a inquietações (necessidades) da vanguarda”. Trotsky afirma que manter ouvidos atentos “ao “trabalhador comum” é “o primeiro dever de toda organização revolucionária”.

Trotsky não se separa nem um milímetro dessa concepção quando aconselha, na mesma época, o trabalho entrista. Esse entrismo não tinha como essencial ganhar nenhuma vanguarda; era uma tática para ir em direção ao movimento de massas. Trotsky dizia:

É necessário ir às massas. É necessário que achemos um lugar para nós dentro da frente única, isto é, dentro dos marcos de algum dos partidos que a compõem. Na realidade prática, isso significa dentro da SFIO.³⁷

Para Trotsky, a função do partido é sempre intervir em cheio nas lutas das massas, disputar sua direção e levantar as palavras de ordem mais adequadas a essas lutas. Para Trotsky, é sempre possível transformar nossos partidos, por mais pequenos que sejam, em **partidos de massas numa etapa revolucionária**. Isto é, Trotsky tem sempre posições contrárias às de Germain. O novo tipo de partido leninista, cuja missão fundamental é trabalhar sobre a vanguarda, não se encontra em nenhum lugar dos escritos daquela época. Quem sabe prevendo que no futuro apareceriam alguns germains no movimento trotskista, também disse alguma coisa sobre a vanguarda:

Se o proletariado não demonstrasse, em alguns meses, no processo de luta, que suas tarefas e seus métodos se explicitavam e que suas fileiras se tornavam coesas e robusteciam, então, inevitavelmente, começaria a desagregação em seu próprio seio. Amplas camadas, despertadas pela primeira vez para o movimento atual, voltariam a cair na passividade. À medida que o solo começasse a afundar sob seus pés, a vanguarda criaria um estado de espírito à ação de grupos isolados e ao aventureirismo em geral.³⁸

Resumindo, somente o movimento de massas, orientado pelo partido, pode salvar a vanguarda de cair no desespero aventureiro e guerrilheirista.

Nosso trabalho político sobre as massas e a vanguarda: propaganda e agitação

Pelo que dissemos até agora, pode parecer que opinamos que o partido deve ignorar a existência das vanguardas que surgem a cada momento da luta de classes e que não se pode propor a elas nenhuma atividade. Isso não é verdade. Reconhecemos que a vanguarda do movimento operário e do movimento de massas é um setor ao qual devemos dar importância e sobre o qual devemos trabalhar. O que dissemos até agora é que essas vanguardas não são as que definem a política do partido, nem suas palavras de ordem, nem sua organização, nem suas análises.

Há uma **grande parcela da atividade do partido que está destinada à vanguarda: a propaganda**. Assim definiu Lenin quando disse:

Enquanto se tratava (e na medida em que ainda se trata) de ganhar para o comunismo a vanguarda do proletariado, a prioridade recaía e recai no trabalho de propaganda.³⁹

O problema é que, para Mandel-Germain, nosso trabalho sobre a vanguarda deve ser muito mais ambicioso do que nos propunha Lenin. Trata-se de

³⁷ Idem, p. 55.

³⁸ TROTSKY, Leon. “A revolução espanhola e as tarefas dos comunistas” (24 de janeiro de 1931). Em: *A revolução espanhola*, vol. 1, pp. 87-88

³⁹ LENIN, V. 1. *O esquerdismo, doença infantil do comunismo*.

[...] campanhas políticas nacionais em torno dos problemas cuidadosamente escolhidos para coincidir com as inquietações (necessidades) da vanguarda, que não estejam contra a corrente da luta de massas e ofereçam a nossas seções a possibilidade de demonstrar capacidade de iniciativa efetiva, ainda que modesta.⁴⁰ [e] concentrar sua propaganda e, onde seja possível, sua agitação, sobre a preparação desses operários avançados.⁴¹

E o documento de Germain esclarece ainda mais essa posição. Segundo ele, o que foi planejado no 9º Congresso

[...] foi um giro em direção à transformação das organizações trotskistas de grupos de propaganda em organizações já capazes daquelas iniciativas políticas, no nível da vanguarda de massas, que são solicitadas pela dinâmica da própria luta de classes.⁴²

Para a maioria, deve-se tender à agitação e às ações (“iniciativas políticas”) “no nível da vanguarda de massas”. Ainda que fosse correto que os esforços de nossas seções se concentrassem na vanguarda, só o fato de propor agitação e ações sobre ela já entra em contradição com o leninismo (“a prioridade recai sobre o trabalho de propaganda”).

Deveria ser amplamente conhecida a definição de propaganda como “a atividade de transmitir muitas ideias a poucos” e a de agitação como a de “transmitir poucas ideias a muitos”. A propaganda vai de um curso de economia marxista ou de lógica dialética até uma palestra individual com um ativista operário, a quem explicaremos a situação nacional e internacional, nosso programa e as diferenças entre a nossa e as outras organizações operárias. A agitação, pelo contrário, consiste em levantar umas poucas palavras de ordem (às vezes uma só) que deem saída para a luta que trava em cada momento o movimento operário e de massas (aumento de salários, liberdades democráticas, assembleia constituinte, todo poder aos soviets etc.).

O que caracteriza um partido leninista-trotskyista é que sua atividade principal é a agitação sobre toda a população explorada, e não só sobre um setor dela, ainda que esse setor seja a classe operária. O que caracteriza o partido mandelista é que sua atividade principal é a agitação e as campanhas políticas principalmente sobre a vanguarda.

A arte de encontrar as palavras de ordem

Um partido bolchevique começa fazendo uma análise da etapa da luta de classes. Dessa análise, surgem uma, duas ou três tarefas essenciais para o movimento de massas, que concretizamos em palavras de ordem. Esse é o aspecto concreto de nossa política, por isso é o fundamental. A teoria e a propaganda servem para precisar esse aspecto. Toda a nossa atividade (incluindo a teoria e a propaganda) está subordinada a este objetivo último: definir quais são as tarefas gerais que as massas enfrentam numa etapa determinada para traduzi-las em palavras de ordem.

Vejamos um exemplo: toma posse um novo governo. O esforço teórico do partido se concentrará em definir esse governo com precisão, em analisar com cuidado a relação de forças entre as classes, os setores que integram o novo governo e os que estão na oposição, a relação de ambos com o imperialismo, o papel que desempenham nele as Forças Armadas etc. Se daí se deduz, por exemplo, que é um governo bonapartista contrarrevolucionário, definiremos umas poucas palavras de ordem agitativas que responderiam às necessidades que esse governo coloca ao movimento de massas (defesa das conquistas econômicas, liberdades democráticas, defesa das organizações operárias). Constataremos, porém, que essa caracterização e essas tarefas são distintas das que propõem as direções reformistas e burocráticas e a ultraesquerda e que também se chocam com as tendências espontâneas da vanguarda. Isso exigirá que nossa

⁴⁰TMI: “A construção dos partidos revolucionários na Europa capitalista”, pp. 42-43.

⁴¹ GERMAIN, Ernest. *Em defesa do leninismo, em defesa da IV Internacional*, p. 113.

⁴² Idem, p. 102.

propaganda gire ao redor da explicação constante das características do regime, da polêmica com nossos inimigos internos ao movimento operário sobre essa caracterização e por que as tarefas que propomos ao movimento de massas são as corretas. Em síntese: nossa teoria estará voltada a descobrir quais palavras de ordem deveremos agitar; nossa propaganda, a explicar à vanguarda por que devemos agitar essas palavras de ordem e não outras. Isso não quer dizer que sejam nossas únicas atividades teóricas e de propaganda, mas são as principais.

Esquemmatizando, podemos dizer que toda a ciência e a arte trotskistas sintetizam-se na capacidade de elaborar as palavras de ordem adequadas para cada momento da luta de classes. Isso é o mesmo que dizia Lenin:

Portanto, o conteúdo capital das atividades de organização de nosso partido, o centro de gravidade dessas atividades deve consistir num trabalho que é possível e necessário, tanto durante o período da explosão mais violenta como durante o de calma mais completa, isto é, um trabalho de agitação política unificada em toda a Rússia, que lance luz sobre todos os aspectos da vida e que se dirija às grandes massas.⁴³

Lenin baseia essa linha de denúncias políticas numa confiança cega na capacidade de organização e de mobilização do operário atrasado ou do operário médio, e não na capacidade especial dos operários de vanguarda ou “avançados”. Em relação ao movimento de massas, nunca se detém na vanguarda operária ou na necessidade de que o partido tome iniciativas próprias na ação, mas somente na organização de campanhas agitativas. Para Lenin, se causamos impacto nas massas com uma dessas campanhas, os operários são capazes de tudo. O papel do partido é iniciar essas campanhas, acompanhar e dirigir o movimento de massas. Por isso criticava os intelectuais “que não sabem ou não têm a possibilidade de ligar o trabalho revolucionário ao movimento operário para formar um todo”.

Devemos imputar a culpa a nós mesmos, em nosso atraso com respeito ao movimento de massas, por não sabermos ainda organizar denúncias suficientemente amplas, sonoras, rápidas contra todas essas ignomínias [...], o operário mais atrasado compreenderá e sentirá [...] e, ao senti-lo, ele mesmo vai querer reagir, e vai querer com um desejo irresistível, e saberá então organizar uma batalha contra os censores, participar amanhã de uma manifestação em frente à casa do governador que tenha sufocado um levante camponês, dar depois de amanhã uma lição nos policiais de batina que desempenham a função de santa inquisição etc.⁴⁴

Já vimos como Trotsky recordava a Espanha (um país tão caro a Mandel-Germain que o usa como analogia para a atual situação europeia):

As forças de que dispomos são pequenas. Mas a vantagem de uma situação revolucionária consiste em que um grupo, inclusive pouco numeroso, pode chegar a ser uma grande força num curto espaço de tempo, com a condição de que saiba formular prognósticos exatos e lançar a tempo as palavras de ordem corretas.⁴⁵

Trotsky resume sua posição dizendo:

A agitação não é somente um meio de comunicar às massas esta ou aquela palavra de ordem, de chamá-las à ação etc. Para o partido, a agitação é também um meio de escutar as massas, de sondar seu estado de ânimo e seus pensamentos e, segundo os resultados, de tomar uma ou outra decisão prática.⁴⁶

E se cansou de dizer a mesma coisa para os Estados Unidos:

⁴³ LENIN, V. L. “Que fazer?” Em: *Obras completas*, p. 270.

⁴⁴ Idem, pp. 131 e 124.

⁴⁵ TROTSKY, Leon. “Por um manifesto da oposição sobre a revolução espanhola”. Em: *A revolução espanhola*, vol. 1 p. 167.

⁴⁶ TROTSKY, Leon. “Uma vez mais: para onde vai a França?”. Em: *Ande vai a França?*, pp. 81-82.

Quando iniciamos uma luta, não podemos estar seguros da vitória. Somente podemos dizer que nossas palavras de ordem se ajustam à situação objetiva, e os melhores elementos a compreenderão e os mais atrasados que não a compreendem não se oporão.⁴⁷

O importante, quando o programa for aprovado definitivamente, é reconhecer as palavras de ordem muito bem e utilizá-las de forma hábil para que, em cada parte do país, todo mundo utilize as mesmas palavras de ordem ao mesmo tempo. Três mil podem dar a impressão de quinze ou cinquenta mil.⁴⁸

A especificidade das palavras de ordem

Essas verdades superconhecidas foram esquecidas – ou nunca assimiladas – pelos camaradas da maioria. Eles defendem o trabalho sobre a vanguarda, enquanto Lenin e Trotsky defendem a agitação sobre as massas. Essa diferença entre nós, que seguimos as lições de Lenin e Trotsky, e os que seguem os camaradas da maioria se manifesta de forma nítida nas atividades militantes de nossas seções. Por mais que nos esforcemos em descobri-las, não conseguimos saber quais são as palavras de ordem gerais e importantes para a ação de nossa seção francesa, por exemplo. Se alguma coisa a caracteriza, é a carência de palavras de ordem gerais para o movimento operário e de massas.

Não falando do programa, mas de uma, duas ou três palavras de ordem que caracterizem e respondam às necessidades do movimento de massas na situação atual da França. Os camaradas estadunidenses tiveram uma palavra de ordem fundamental nos últimos anos: “Retiremos as tropas do Vietnã, já”. Nós, para a campanha eleitoral, tivemos outra: “Não vote em patrões, nem em militares, nem em dirigentes vendidos. Vote por seus companheiros operários”. Quais as palavras de ordem centrais da campanha eleitoral dos camaradas franceses? É impossível sabê-lo.

Vamos às bandeiras para o movimento operário e de massas francês. Se revisarmos a coleção de *Rouge* de junho a agosto de 1973, veremos que só há três campanhas de denúncia constantes: solidariedade com os operários da fábrica de relógios LIP, solidariedade com os operários imigrantes e a luta contra os grupos fascistas.

A única que poderia ter algo a ver com o conjunto do movimento de massas francês é a campanha contra os grupos fascistas, mas nela não se levanta a bandeira “freemos ou destruamos o *Ordre Nouveau* e o fascismo”. As outras duas são campanhas parciais para setores específicos. Perguntamos: qual é ou quais são as palavras de ordem gerais que dão solução aos problemas mais sentidos do movimento operário? Excetuando os grupos fascistas, o regime capitalista não cria nenhum problema para o movimento operário? Não responde a uma necessidade das massas dizer “freemos a ofensiva patronal contra nosso nível de vida e de trabalho”? Se o único problema é o fascismo, por que não levantamos uma palavra de ordem que mobilize as massas contra ele? Aqui não defendendo nem atacando uma ou outra palavra de ordem; colocando algo muito mais elementar: nossa obrigação de apresentar palavras de ordem para a ação do movimento de massas. Ou seja, nossa obrigação de fazer agitação.

Insistimos que não estamos negando a enorme importância do trabalho sobre a vanguarda operária ou de massas. Ao contrário, há momentos da luta de classes em que este se converte em nosso trabalho fundamental. Quando há uma grave derrota histórica do movimento operário, nossa atividade essencial é a propaganda sobre a vanguarda até que o movimento operário se recupere. Houve também uma situação excepcional que transformou o trabalho sobre a vanguarda no eixo da atividade revolucionária num período de ascenso. Foi a situação que já vimos,

⁴⁷ Discussão com Trotsky sobre o Programa de Transição, p. 63.

⁴⁸ Idem, pp. 79-90.

na construção da III Internacional, baseada na vitória da Revolução Russa e na aparição do primeiro Estado operário. Nesse caso, esteve colocado por um ou dois anos ganhar de uma só tacada toda ou quase toda a vanguarda mundial por meio do exemplo e entusiasmo despertado pelo triunfo espetacular do movimento de massas com uma direção bolchevique. Essa direção se expande em escala mundial por meio da vanguarda, porque a vanguarda assimila esse triunfo do movimento de massas. Essa situação se explica pela lei do desenvolvimento desigual e combinado no caso do movimento revolucionário mundial. Uma vitória colossal, com uma direção marxista revolucionária, do movimento de massas de um determinado país acontece paralelamente e de forma interconectada com o reflexo mundial dessa vitória na vanguarda. Mas, novamente, aqui o elemento decisivo foi o movimento de massas.

O mesmo vai acontecer conosco em escala nacional logo que obtivermos alguma vitória muito importante na luta de classes de algum país. Um triunfo decisivo num sindicato importante do movimento operário francês, como por exemplo o metalúrgico, ou o automobilístico, ou o de professores, dirigido por nosso partido, terá um impacto imediato sobre toda a vanguarda do movimento operário francês. Milhares de membros da vanguarda operária se aproximarão de nosso partido, e nossa tarefa central, por um tempo, será ganhá-los de um só golpe para o trotskismo. Mas não devemos nos enganar. Esse giro da vanguarda só acontecerá no impulso de uma vitória do movimento de massas e por nenhum outro motivo.

Como se ganha a vanguarda

Tanto uma situação “normal”, na qual a tarefa é a agitação no movimento de massas, como as situações momentâneas e excepcionais que descrevemos nos apresentam uma pergunta. Como trabalhamos com a vanguarda? Como a ganhamos? Talvez com uma política específica? A maioria opina que sim, que a vanguarda se ganha desenvolvendo campanhas nacionais sobre questões que “correspondem às inquietações da vanguarda” e tomando “iniciativas nessas questões”. Nós opinamos o contrário: que devemos ganhar a vanguarda explicando pacientemente a ela (fazendo propaganda sobre ela) nossa política para o movimento operário e de massas, e não com uma política específica para ela. Esse problema é muito importante, porque nele está a origem da maior parte das diferenças políticas concretas entre a maioria e a minoria.

A vanguarda nunca surge com tendências para a política trotskista ou bolchevique. Surge expressando as tendências espontâneas da luta do movimento de massas num momento e recebe a primeira lição política dos partidos reformistas com influência de massas, da burocracia sindical e dos fenômenos mundiais da revolução. Essas são as ideias que primeiro conhece, antes só conhecia o veneno que vomitam todos os dias os órgãos de propaganda da burguesia. O partido revolucionário não tem nenhuma possibilidade de competir com a propaganda da burguesia e seus agentes no movimento operário. Partimos, pois, de uma situação de inferioridade. A vanguarda contemporânea, por exemplo, nasceu para a vida política sob a pressão da propaganda stalinista, em um polo, e a castrista, em outro. Isso explica por que, durante um tempo, se discutisse fundamentalmente os problemas da luta armada.

Se tomamos essas “inquietações” como ponto de partida, seremos obrigados a optar (como ocorreu com os camaradas da maioria) por um ou outro polo. Talvez consigamos, moldando-nos a essa situação, captar um setor dessa vanguarda, mas somente à custa de sacrificar a nossa própria linha política.

Vejamos: captar a vanguarda pró-guerrilheira, transformando-nos em guerrilheiros, ou a vanguarda stalinista, transformando-nos em pró-stalinistas, de que servirá? De nada. É um golpe brutal na possibilidade de dirigir a revolução. Só estaremos fazendo o jogo de algumas

das políticas incorretas que se expressam com muito mais força que a nossa dentro da vanguarda. Bastará que fracasse a estratégia castrista ou a stalinista para que nosso partido se afunde com ela 

Como trotskistas, confiamos no movimento de massas; pensamos que ele fará a revolução se soubermos construir um partido que o dirija com uma política correta. Esse partido se construirá fundamentalmente ganhando a vanguarda para essa *política trotskista*, não para qualquer política ou para o seu desvio momentâneo. Essa tarefa é muito mais difícil e dura do que aquela que coloca a maioria, porém é a única correta.

Captar a vanguarda é um avanço para o processo revolucionário somente se a captamos para a política revolucionária. O stalinismo captou amplos setores da vanguarda para a sua política e os esterilizou para dirigir a revolução, os liquidou como vanguarda. Em nossos dias, o castrismo também captou quase toda a vanguarda mundial e a levou a um desastre; desmoralizou politicamente um setor e levou outro à liquidação física, como ocorreu com uma grande parte da vanguarda latino-americana dos anos 1960.

O que significa ganhar a vanguarda para a política trotskista? Algo muito simples: ganhá-la para a **agitação**, no movimento de massas, das palavras de ordem que nosso partido elabora de forma científica em cada etapa, para a estratégia de construir um partido bolchevique e para o programa do partido. E lutar dia após dia, contra as direções burocráticas e reformistas, em primeiro lugar, e contra as tendências ultraesquerdistas, em segundo.

Significa dizer, diante de cada problema da luta de classes: “Companheiro de vanguarda, diante dessa situação, o stalinismo propõe tal tarefa para o movimento de massas; essa tarefa é incorreta porque nos leva a acreditar em algum setor da burguesia, que terminará levando-nos ao matadouro. O esquerdismo propõe que você realize ações por sua própria conta e se isole do movimento de massas, de seus companheiros de trabalho de todos os dias. Se você fizer isso, terminará também sendo derrotado pela burguesia. Nós propomos que você não se separe nem um milímetro de seus companheiros de trabalho, que permaneça ligado ao movimento de massas para se converter em sua direção. Que detecte com cuidado quais são os problemas pelos quais seus companheiros estão dispostos a se mobilizar, que procure a palavra de ordem correta para levar adiante essa mobilização; e o que você está fazendo em seu trabalho faça também nacionalmente e em todo o mundo. Para realizar essa tarefa, deve dar um passo além do seu local de trabalho. É necessário organizar um partido de militantes como você. Nesse partido, que é o que nós construímos, fazemos a mesma coisa que você no seu lugar de trabalho: procuramos as palavras de ordem adequadas para mobilizar em cada momento as massas exploradas. Mas sabemos que essa mobilização das massas terminará na tomada do poder ou será derrotada e temos um programa, o programa de transição, que encadeia as palavras de ordem até conduzir as massas para a tomada do poder. Convidamos você a construir esse partido conosco e a aderir ao nosso programa.”

É bastante simples a tarefa sobre a vanguarda: partir das palavras de ordem que agitamos no movimento de massas e ganhá-la para o partido e o programa do qual emergem aquelas palavras de ordem. E o que é tudo isso que devemos dizer à vanguarda senão propaganda (muitas ideias para poucos)? Mas como poderemos fazer propaganda se não somos campeões da agitação daquelas palavras de ordem?

Mais que isso: nos casos “excepcionais” que citamos, nossa propaganda tem o mesmo sentido. **Depois de uma derrota histórica do movimento de massas, passaremos anos fazendo propaganda sobre a vanguarda.** E o que lhe diremos? “Companheiro, o movimento operário está derrotado, mas confiamos incondicionalmente que ele voltara a lutar. Não se meta em

ações por sua própria conta: estude e assimile toda a experiência acumulada pelos trabalhadores em mais de um século de luta; forme-se como direção dessas novas lutas que inevitavelmente vão vir; sonde com cuidado seus companheiros e, assim que os vir dispostos a reiniciar as lutas, ainda que seja por uma questão ínfima e mesquinha, procure e proponha a palavra de ordem adequada para essa luta. O único lugar no qual você pode estudar e aprender toda essa experiência, o único lugar no qual poderá elaborar essa palavra de ordem é o nosso partido.”

Vejamos o outro caso excepcional, o da III Internacional. Por acaso definiu uma política específica para ganhar a vanguarda mundial? Fez “campanhas políticas nacionais” em torno das “inquietações” da vanguarda? Colocou-se a favor dos socialistas de esquerda e dos anarcossindicalistas – os quais queria ganhar – contra o oportunismo e o social-chauvinismo dos partidos social-democratas? Nada disso. Ganhar a vanguarda significava convencê-la de que deveria ter “um trabalho de agitação... dirigido às grandes massas”, ganhá-la para a política do partido bolchevique russo. E isso significava fazê-la romper de forma definitiva com os partidos social-democratas e as tendências anarquistas para que construíssem, em cada um dos seus países, partidos bolcheviques ao estilo do partido russo.

Por que aquela foi a única ocasião em que Lenin propôs que a tarefa central era ganhar a vanguarda? Porque o impacto da grande vitória do movimento de massas que foi a Revolução Russa fez com que, pela primeira (e até agora única) vez na história, a propaganda do marxismo revolucionário pudesse competir com êxito com a propaganda burguesa e reformista; porque pela primeira (e até agora única) vez na história, a vanguarda de todo o mundo se orientou para o marxismo revolucionário, fascinada pelo exemplo do proletariado soviético e seu partido bolchevique.

A dialética massas-vanguarda

Tanto a teoria marxista quanto os exemplos históricos indicam que existe uma dialética entre as massas e a vanguarda e que, portanto, é falsa a concepção mecânica dos camaradas da maioria. De acordo com tal concepção, somente pelo fato de ganharmos a vanguarda já avançamos no caminho de nos dirigirmos às massas. Se ganharmos a vanguarda para uma política que não seja a leninista-trotskista de trabalhar sobre o movimento de massas, distanciamos nosso partido da política revolucionária, separamos a vanguarda das massas e terminamos liquidando tanto o partido quanto a vanguarda, abandonando o movimento de massas à sua própria sorte e fechando o caminho para a vitória da revolução. Se ganharmos a vanguarda para a política leninista-trotskista, teremos dado um passo imenso em direção à construção do partido com influência de massas, que leve ao triunfo da revolução.

Nessa dialética, também existe a possibilidade de que a vanguarda, ou setores dela, por problemas históricos e sociais concretos, não possa ser ganha para a política marxista revolucionária. Num sentido geral, esse é o caso de um setor importante da vanguarda estudantil, que está condenado pela lógica inflexível da luta de classes a abandonar cedo ou tarde as trincheiras do movimento de massas para passar às da burguesia. É justamente essa dialética que explica que tudo que os marxistas revolucionários ganhem ou percam em todos os níveis da luta de classes (movimento de massas, classe operária ou vanguarda) está determinado pela própria luta de classes, com seus vaivéns, nunca por uma política específica, mais ou menos correta, para a vanguarda. Visto de outro ângulo: a única forma de ganhar a vanguarda é ter uma política correta para o movimento de massas. Mas isso não basta. O mais importante é que essa política obtenha vitórias importantes que nos conduzam na direção do movimento de massas em escala nacional e internacional. Isso não foi o que se passou na França em maio de 1968: nossa política correta para o conjunto da estudantada e do movimento operário causou

impacto na vanguarda, mas não conseguimos ganhá-la de forma massiva porque o movimento de massas, em sua primeira grande mobilização conjunta dos últimos 35 anos, não obteve uma vitória completa e taxativa sobre a burguesia. A proporção do triunfo fez com que continuássemos influenciando na vanguarda quando diminuiu a mobilização.

Essa dialética revela o erro básico das elaborações dos camaradas da maioria. Eles apontam dois fatos reais: que existe uma numerosa vanguarda e que “não podemos alimentar a esperança de ganhar a simpatia política geral da classe operária de uma só vez”. Porém, desses dois fatos, tiram a conclusão equivocada de que devemos trabalhar principalmente sobre a “vanguarda de massas”, com uma política específica para ela, que parte de suas “inquietações”. Ainda que os camaradas da maioria não o digam, a lógica desse raciocínio leva à conclusão de que essa “vanguarda de massas”, sim, pode ser ganha por nós de “uma só vez”, a diferença do que ocorre com a classe operária.

Estamos de acordo que não podemos ganhar a classe operária de “uma só vez”. Mas o que é que nos impede de ganhá-las num processo? Se em cada momento da luta do movimento de massas ou de seus setores levantarmos as palavras de ordem corretas, iremos ganhando, gradualmente ou por saltos, sua “simpatia”. Ao se desencadearem lutas importantes, a “simpatia política” do movimento de massas ou de importantes setores dele por nossos partidos e nossa política crescerá em progressão geométrica.

Também não compreendemos o que nos permite ganhar a “simpatia política geral” da “vanguarda de massas” de uma só vez. A “vanguarda de massas” não tem necessidade de nosso partido nem de nossa política. Nos momentos de calma da luta de classes, tenderá a realizar ações isoladas do movimento de massas às quais deveremos nos opor. Isso levará a que somente um setor minoritário dela se aproxime de nossas posições e que o resto continue com suas tendências espontaneístas. Não há forma de evitar. Orientar o partido em torno dessas inquietações pode produzir um êxito momentâneo. Mas é também muito provável que, a menos que rompamos de forma total e absoluta com o trotskismo, surjam na vanguarda tendências não trotskistas muito mais hábeis e capazes que nós para seguir ao pé da letra o desvio (ou inquietação) momentâneo dessa vanguarda.

Mas o panorama mudará assim que entre em ação o movimento de massas. Neste momento, setores da vanguarda estarão muito mais preocupados em dar uma orientação correta para a luta das massas do que em realizar ações isoladas dela. **Então recordarão nosso paciente, porém intransigente, trabalho de propaganda e dirão: “os trotskistas tinham razão quando nos diziam que confiássemos no movimento de massas e não nos separássemos dele; vamos discutir com eles qual é a política correta para essa mobilização”**. Outros setores – os guerrilheiros, por exemplo – seguirão com suas ações isoladas da luta das massas, separar-se-ão cada vez mais dela e não serão reconhecidos por ela como alternativa de direção diante do reformismo e da burocracia. O partido entabulará um diálogo amplo e fraterno com o primeiro setor, tratando de ganhá-lo para a sua política em direção ao movimento de massas. Em relação aos guerrilheiros, a única coisa que o partido poderá fazer será uma caracterização: “estes companheiros são irrecuperáveis, neste momento, para o marxismo revolucionário; defendamo-los dos ataques da burguesia, porém deixemos que cozinhem politicamente em seu próprio molho”.

Por meio desse processo, e não “de uma só vez”, ganharemos dia a dia mais influência na vanguarda do movimento de massas. A dialética das relações vanguarda-massas é inflexível; só poderemos ganhar “de uma só vez” a vanguarda no momento do processo em que o nosso partido já tenha dirigido o movimento de massas na obtenção de uma vitória colossal. Somente neste momento, e em nenhum outro, a tarefa **(que continua sendo de propaganda)**

de ganhar a vanguarda será a central. E nunca por uma etapa indefinida. Assim que se esgotem as possibilidades deste trabalho, voltaremos (com nossas forças multiplicadas por cem) **à nossa tarefa central de agitar as palavras de ordem para cada momento da luta das massas.**

Em muitas oportunidades, nossas palavras de ordem agitativas não mobilizam as massas, sendo incorporadas somente por setores da vanguarda, como quando se realiza, por exemplo, uma manifestação de apoio ao Vietnã ou uma greve operária. A maioria poderia extrair daí a conclusão de que a vanguarda realiza ações e apenas esse fato faz necessária uma política para ela.

Nisso há uma parcela de verdade: a vanguarda realiza ações, mas nem todas são positivas. A condição apresentada pelos camaradas da maioria – de que ditas ações “não estejam contra a corrente das lutas das massas” – não basta. Pode-se realizar uma ação que, num sentido geral, coincida com a luta das massas, mas que naquele momento particular só sirva para desatar a repressão ou para distrair a atenção das massas de seus problemas centrais. Por exemplo: se no meio de uma mobilização de massas por salários um setor de vanguarda faz uma manifestação com a única bandeira de “abaixo a burocracia sindical”. O fato tira a atenção das massas, pois o problema central para elas são os salários, e a luta contra a burocracia só estará proposta como um aspecto (em princípio secundário) dessa luta antipatronal. Se essa manifestação da vanguarda termina com a morte de dez oficiais da polícia, desencadeará a repressão do regime sobre o movimento de massas que ainda não está preparado para enfrentá-la. Portanto, não é suficiente que as ações da vanguarda não estejam “contra a corrente da luta das massas”. É necessário que respondam milimetricamente às necessidades momentâneas dessa luta. Qualquer outra possibilidade deve ser energeticamente condenada pelo partido.

Que significado têm as ações da vanguarda do ponto de vista da luta de classes em seu conjunto? O que para a vanguarda é uma ação (uma manifestação, um ato relâmpago etc.), do ponto de vista da luta de classes, é uma tarefa de agitação que essa vanguarda realiza sobre o movimento de massas. Cumpre o mesmo papel que falar por rádio ou lançar um panfleto, tentando chegar às massas com nossas palavras de ordem. É uma ação agitativa do partido e da vanguarda. Não é uma ação direta do movimento de massas nem um enfrentamento contra os exploradores, mas uma técnica entre outras para agitar palavras de ordem. Se a burocracia, o reformismo, a ultraesquerda ou nós (porque nos enganamos) distribuimos um panfleto ou levantamos uma bandeira incorreta, prejudicamos a luta do movimento de massas. O mesmo ocorre com as ações da vanguarda: se o eixo dessas ações é o correto, a agitação que elas provocam no movimento de massa é positiva; se não, é negativa. E quais são essas ações da vanguarda, senão aquelas que têm como eixo as palavras de ordem que nós agitamos no movimento de massas?

Resumamos todo esse problema. Os camaradas da maioria afirmam que nossa tarefa central é o trabalho sobre a “vanguarda de massas”. Nós, que essa tarefa central só se justifica num período de derrota histórica do movimento de massas ou quando um importante triunfo do movimento de massas, sob nossa direção, empurrar toda a vanguarda em direção às nossas posições. E que **na situação, que tende a ser pré-revolucionária em nível mundial**, nossa tarefa central é sobre o movimento de massas na grande maioria dos países.

Os camaradas da maioria afirmam que nossa tarefa central é agitar na vanguarda as palavras de ordem que, partindo de suas inquietações, a levam à ação. **Nós afirmamos que nossa agitação está reservada ao movimento de massas, para levá-lo à ação, com bandeiras corretas. E que nossa tarefa sobre a vanguarda é de propaganda, devendo girar, fundamentalmente, ao redor da explicação dessas palavras de ordem.**

Os camaradas da maioria adotam como critério quase absoluto para as tarefas do partido as ações da vanguarda. Propõem que nossa tarefa central seja lançar campanhas políticas que respondam às suas inquietações, ou seja, aos objetivos espontâneos de suas ações. Propõem algo mais grave ainda (que veremos mais adiante): que nossas seções realizem ações por sua própria conta, tomando como base essas inquietações, para dar exemplo e ganhar a simpatia dessa vanguarda.

Nós somos totalmente favoráveis a que a vanguarda se unifique, cresça, se fortaleça e tenha iniciativa. Contudo, não nos cansamos de dizer: “Companheiros, liguem-se ao movimento de massas, confiem nele, realizem ações de propaganda e agitação que sirvam para agitar a palavra de ordem precisa para cada momento de suas lutas; nós estaremos junto a vocês em todas e cada uma dessas ações. Mas não estaremos com vocês se realizarem ações físicas que tentam substituir a ação das massas; por melhores que sejam suas intenções, estaremos contra vocês se essas ações prejudicam as massas. Se isso ocorrer, denunciaremos de forma implacável que vocês erraram, que suas ações são nefastas, e tentaremos dividi-los para ganhar o setor que ainda for recuperável para as fileiras do marxismo revolucionário e para desprestigiar definitivamente diante das massas o outro setor, que as despreza e realiza ações que vão objetivamente contra as suas lutas.”

Programas e palavras de ordem: sua relação com as necessidades e a consciência presentes no movimento de massas

Esta série de substituições que vamos descobrindo em Germain – conhecimento científico no lugar de consciência política; objetivos políticos no lugar de análise marxista objetiva; propaganda por agitação; trabalho sobre a vanguarda no lugar de trabalho sobre as massas etc. – é a base “teórica” que fundamenta as “graves” críticas que faz a Camejo sobre sua concepção do partido bolchevique nesta etapa.

Segundo Germain, enquanto Cannon fala de “revolução proletária”, Camejo a cita uma só vez, relacionando-a estritamente com o programa: “O partido procura *dirigir a classe operária e seus aliados até o poder de Estado como seu objetivo fundamental*, porém não trata de substituir ele mesmo as massas.”⁴⁹

Gostaríamos de perguntar ao camarada Germain se está de acordo ou não com a definição de “revolução proletária” que faz nosso *Programa de Transição*: a tomada do poder pela classe operária e seus aliados. O fato de que a “tomada do poder” seja para Camejo o “objetivo fundamental” do partido não lhe satisfaz, camarada Germain?

A primeira objeção séria que faz Germain é que Camejo apresenta

[...] a relação entre a vanguarda – o partido – e a classe trabalhadora... de uma forma unilateral e mecânica. O partido “trata de promover a luta de massas... por meio da mobilização das massas” em torno das necessidades “relacionadas com seu presente nível de consciência”.⁵⁰

Para demonstrar que isso é um erro, trata de apoiar-se em Trotsky trazendo esta citação:

Que pode fazer um partido revolucionário nessa situação? Em primeiro lugar, dar uma visão honesta e nítida da situação objetiva, das “tarefas históricas” que emanam dessa situação, independentemente de os trabalhadores estarem ou não maduros para isso. *Nossas tarefas não dependem da*

⁴⁹ GERMAIN, Ernest. *Em defesa do leninismo, em defesa da IV Internacional*, p. 91

⁵⁰ Idem, p. 93

mentalidade do operário... Nós devemos dizer a verdade aos trabalhadores e então ganharemos os melhores elementos.⁵¹

Como sempre, Germain tirou uma citação de seu contexto. Essas frases foram a resposta de Trotsky a alguns companheiros estadunidenses para quem o *Programa de Transição* não era adequado à mentalidade dos operários de seu país. E foi corretíssima, porque falava das “tarefas históricas” do programa geral histórico para toda a época, isto é, do *Programa de Transição*. Absolutamente não se referiu às tarefas concretas que enfrentavam os camaradas estadunidenses naquele momento. O que Trotsky disse é que **nós não escondemos nosso programa, pelo contrário, fazemos sua propaganda com todas as nossas forças, ainda que o operário médio não o entenda, para ganharmos os elementos de vanguarda** (“os melhores elementos”). Isso não tem nada a ver com a suposição de Germain de que essa é uma norma geral da atividade política do conjunto do partido em qualquer momento concreto.

Germain repete, corrigida e aumentada, a confusão que antes já havia feito entre propaganda e agitação. Camejo nunca disse que se deve levar em conta o grau de consciência das massas para formular o programa geral, histórico, do partido. Essa seria uma posição total e absolutamente reformista e economicista. O que ele disse é que temos de partir do “presente nível de consciência das massas” para formular as “necessidades” que sirvam para “mobilizar as massas”. Camejo se refere à nossa política concreta, às *palavras de ordem que agitamos para a ação do movimento de massas*; não à propaganda nem ao programa. A citação de Trotsky é correta justamente porque não se refere às palavras de ordem, mas ao programa.

Um programa trotskista que não fale de piquetes armados, soviets, insurreição, governo operário e camponês, ditadura do proletariado, não merece o nome de programa. Porém a direção de um partido que levante essas palavras de ordem ou algumas delas de forma permanente, para todas as etapas e momentos da luta de classes, merece ser internada em um asilo.

Trotsky, no *Programa de Transição*, diz exatamente o mesmo que Camejo, com a diferença que, no lugar de “presente”, diz “atual”:

E preciso ajudar as massas, no processo de luta cotidiana, a encontrar a **ponte entre suas atuais reivindicações e o programa da revolução socialista**. Essa ponte deve consistir num **sistema de reivindicações transitórias que, partindo das condições atuais e da atual consciência das amplas camadas operárias**, conduzam a uma só e mesma conclusão: a conquista do poder pelo proletariado.⁵²

Para a Espanha, propunha o mesmo:

A participação dos comunistas nessas lutas exige, sobretudo de sua direção, não só uma compreensão nítida do desenvolvimento da revolução em seu conjunto, mas também a capacidade de lançar determinadas palavras de ordem ardentes e combativas, que não se desprendam do “programa”, mas sejam ditadas pelas circunstâncias de cada dia e impulsionem as massas.⁵³

O objetivo dessas palavras de ordem é “empurrar as massas para adiante”. No mesmo texto de Trotsky citado por Germain, aquele propõe: “Toda a questão é como mobilizar as massas para a luta”. Exatamente o mesmo que defende o camarada Camejo: que essas palavras de ordem, “relacionadas com o presente nível de consciência (das massas)”, sejam utilizadas pelo partido para “mobilizar as massas”.

⁵¹ Idem, p. 94.

⁵² TROTSKY, Leon. *Programa de Transição*, p. 10.

⁵³ TROTSKY, Leon. “Pela ruptura da coalizão com a burguesia” (Carta ao SI, 24 de junho de 1931). Em: *A revolução espanhola*, vol. 1 p. 173.

O que o ataque de Germain a essa definição de Camejo esconde? Uma **típica posição ultraesquerdista: não formular uma política para as necessidades e a consciência presentes das massas, mas sim para as supostas necessidades e consciência futuras.**

O que é esse “presente nível de consciência das massas”? Ele é sempre o mesmo? Pode mudar rapidamente? Se é assim, o partido de combate deve esperar até que se tenha modificado para então “adaptar” suas reivindicações? Ou pode prever “essas mudanças e atuar de acordo com elas”? Em função de que fatores é possível prever essas mudanças? Não pode ser esse “presente nível de consciência”, até um certo grau, uma função das atividades do “partido de combate” dentro do movimento de massas? Porém, se um dos principais objetivos do “partido de combate” é *eleva*r o nível de consciência da classe operária, como pode o “presente nível de consciência”, em si mesmo, ser um critério decisivo para determinar o que o partido deve propor diante das massas?⁵⁵

Essas perguntas implicam suas respectivas respostas, a saber: Germain opina que o nível de consciência não é sempre o mesmo; que pode mudar rapidamente; que o partido de combate não deve esperar até que tenha mudado para adaptar suas palavras de ordem; que o partido pode prever essas mudanças e deve atuar de acordo com elas, isto é, deve lançar as palavras de ordem adequadas ao nível de consciência futuro; que o presente nível de consciência das massas é, até certo grau, uma função do papel do partido; que um dos objetivos principais do partido revolucionário é levantar o nível de consciência da classe operária e que, portanto, o presente nível de consciência não pode ser o critério decisivo para determinar que gênero de palavras de ordem o partido deve propor diante das massas.

Aqui está sintetizada uma das diferenças mais importantes entre a maioria e a minoria. Responderemos a cada uma dessas afirmações de Germain; porém tomaremos a liberdade de mudar a ordem de apresentação.

Primeira afirmação: “O nível de consciência das massas não é sempre o mesmo.” Tem toda a razão. Mais ainda, dentro das massas há um desenvolvimento desigual da consciência, o que faz com que, num mesmo momento, haja setores com diferentes níveis de consciência.

Segunda afirmação: o nível de consciência das massas pode mudar rapidamente. Novamente Germain tem razão, porém não assinala que isso ocorre somente em alguns períodos, os de grande atividade do movimento de massas. Nos de calma, o movimento de massas muda sua consciência de forma muito lenta.

Terceira afirmação: o nível de consciência imediato (“presente”) das massas é, em certo grau, função do papel do partido revolucionário. Falso. O nível presente de consciência é um fator objetivo para o partido revolucionário, e muito mais para nossos pequenos grupos. É o fator mais dinâmico da situação objetiva, mas nem por isso deixa de ser objetivo. Isso significa que é um dado, um fato da realidade que podemos ajudar a modificar no futuro, porém no presente é como é, o oposto de nosso partido, que é um fator subjetivo.

Como todo fato presente, é uma consequência do passado, da história. Se nosso partido teve alguma coisa a ver com essa história, então e somente então, “em certo grau”, a consciência presente é “função do partido”. Porém, se não fomos nem somos um fator objetivo, isto é, as massas não nos seguem nem educamos até agora setores do movimento de massas, não temos nada a ver com seu presente nível de consciência.

Lamentavelmente, essa é a situação atual. Os operários argentinos são peronistas e sindicalistas; os franceses, stalinistas e socialistas, além de sindicalistas; os ingleses, laboristas; e os alemães, sindicalistas e social-democratas. Esse nível presente não é em “nenhum grau” obra nossa.

⁵⁵ GERMAIN, Ernest. *Em defesa do leninismo, em defesa da IV Internacional*, p. 93.

Dissemos que o presente nível de consciência é uma consequência histórica. Devemos completar esse conceito. É uma consequência direta de dois fatores combinados: as mudanças objetivas do regime e o desenvolvimento das lutas de massas. O papel do partido pode ser importante e, às vezes decisivo, porém indireto, como agitador, organizador e dirigente dessas lutas.

Trotsky dizia o mesmo:

Para nós, sendo uma pequena minoria, tudo é objetivo, inclusive o estado de ânimo dos operários.⁵⁶

A consciência de classe do proletariado é atrasada, porém a consciência não é do mesmo material que as fábricas, as minas, as estradas de ferro; é mais variável; e, sob os golpes da crise objetiva, do exemplo dos milhões de grevistas, pode mudar rapidamente.⁵⁷

Há uma concepção muito típica da intelectualidade pequeno-burguesa radicalizada que consiste em atribuir às massas os mesmos sentimentos que ela tem. Há milhares de intelectuais pequeno-burgueses que “amam” a luta e pensam, de uma forma um tanto romântica, que com as massas sucede a mesma coisa. Lamentavelmente não é assim e, cada vez que um desses intelectuais tenta incitar os operários para a luta pela simples razão emotiva de que “eles têm que lutar”, sofre uma tremenda decepção: os trabalhadores não o entendem; acreditam que está louco; dão-lhe as costas. O operário comum, o explorado em geral, não sente nenhum prazer em ir à luta. É um ser humano normal, que não tem nenhum interesse em perder parte de seu escasso salário entrando em greves, nem de arriscar sua integridade física indo a manifestações, nem de arriscar sua vida pegando em armas contra o capitalismo. As massas trabalhadoras saem à luta porque o sistema capitalista as afunda na miséria, porque não lhes deixa outra saída além de lutar para sobreviver. O operário não “ama” a greve; arrisca-se a perder seu salário ou seu trabalho porque, se não luta, morre de fome; não “ama” a violência, mas se vê obrigado a utilizá-la para defender-se da violência dos capitalistas; não “ama” as armas; vê-se obrigado a usá-las quando o capitalista as utiliza contra ele.

Esse é o primeiro fator que determina o presente nível de consciência: qual é o problema, ou os problemas mais graves e sentidos, que podem fazer as massas se mobilizarem para arrancar do sistema capitalista uma solução.

O segundo fator é o desenvolvimento da própria mobilização das massas. Não basta que exista um problema objetivo para que automaticamente as massas saiam à luta. Os trabalhadores podem receber salários baixíssimos, mas sua atitude depende da situação das lutas contra a burguesia naquele momento. Se a redução dos salários acontece imediatamente depois de uma derrota imposta pelo fascismo ao movimento de massas, provavelmente não se produzirá nenhuma mobilização. Os trabalhadores estarão conscientes de que a sua situação é desfavorável; os seus dirigentes estarão mortos ou encarcerados, as suas organizações destruídas, todo o peso da repressão estará sobre suas costas e não se mobilizarão até reorganizarem suas forças. Se, ao contrário, tal situação se produz no outro polo do desenvolvimento da luta, com as massas em plena ofensiva, numa situação revolucionária, estas são capazes de chegar às portas da tomada do poder, impulsionadas pela necessidade de solucionar esse problema objetivo. Isso explica por que a palavra de ordem “pão” foi uma das que levaram ao poder o proletariado russo.

Assim se combinam esses dois fatores objetivos: a infâmia do sistema capitalista em determinado momento criará a necessidade de lutar e fixará o objetivo imediato da luta das

⁵⁶ Discussões com Trotsky sobre o *Programa de Transição*, p. 78.

⁵⁷ Idem, p. 52.

massas; o grau de desenvolvimento do movimento de massas determinará se essa mobilização acontecerá ou não, a envergadura que poderá ter, os métodos que utilizará e seus resultados concretos, que poderão ser desde a reorganização de um sindicato até a quase tomada do poder.

A consciência imediata, presente, das massas, está determinada por esses fatores: é a consciência da necessidade que sofrem e das condições em que se encontram para enfrentar os exploradores.

O partido não tem nada a ver com essa consciência imediata das massas. Porém Germain, ao afirmar que o papel de partido é “em certo grau” (não define qual é esse grau) um fator determinante da consciência imediata das massas, cai num típico erro ultraesquerdista: confundir seu próprio nível de consciência ou o do partido com o das massas. É o outro lado, o lado “racional” dessa intelectualidade romântica da qual falávamos: o que confunde não os seus sentimentos, mas o seu nível político com o das massas.

Quarta afirmação: o partido pode prever as mudanças no nível de consciência das massas. Isso é certo somente num sentido geral e histórico. Nós sabemos que o sistema capitalista em decadência, o sistema imperialista, jogará cada vez mais miséria e exploração sobre as costas dos trabalhadores; portanto, criará para eles cada vez mais necessidades, que os farão ser cada vez mais conscientes de que seus problemas só poderão ser solucionados com a luta. As lutas das massas irão se desenvolvendo de forma cada vez mais profunda e violenta. A relação de forças com a burguesia será cada vez mais favorável; estarão cada vez mais conscientes de suas próprias forças e cada dia mais dispostas a se lançarem a novas mobilizações. Esse processo levará as massas à beira da consciência política de classe, revolucionária, de que podem e devem tomar o poder. Porém ali se deterão e logo retrocederão se não existir um partido revolucionário que as faça totalmente conscientes dessa situação, as organize e guie para seguir adiante.

Todavia, isso se dá em termos gerais e para toda a etapa histórica. Num sentido concreto, imediato, o partido tem possibilidades muito limitadas de prever as mudanças na consciência das massas. Não tanto pelo fator econômico (as necessidades que o sistema capitalista cria para os trabalhadores), pois este não muda de forma muito veloz, mas pelo desenvolvimento das próprias lutas. Cada vez que as massas se lançam ao combate, não sabemos se triunfarão ou se serão derrotadas, e isso é decisivo para saber qual será o nível de consciência do qual partirão para as lutas que vierem depois. Suponhamos uma greve geral que se mantém por dois ou três dias. Pode ocorrer que as massas terminem derrotadas, com seus dirigentes demitidos e sem haver conseguido absolutamente nada. Pode ocorrer que voltem ao trabalho sem haver conseguido todos os seus objetivos, porém conquistando importantes triunfos parciais (aumento de salários, redução da jornada de trabalho etc.). Pode ocorrer, finalmente, que a greve desemboque numa insurreição que as deixe com o poder político nas mãos. Evidentemente, seu nível de consciência no dia seguinte à greve não será o mesmo nos três casos. Esquematizando, no primeiro exemplo começarão a ver a necessidade de sua reorganização para futuros movimentos. No último, tentarão organizar a defesa do Estado operário e irão propor a si o início da construção do socialismo.

O máximo que pode almejar o partido é manejar algumas hipóteses, assinalando a mais provável, e preparar-se teoricamente para enfrentar essa nova situação. Isso lhe será relativamente fácil nos períodos de calma na luta de classes e muito nos períodos críticos, quando as lutas e as consequentes mudanças na consciência imediata das massas se sucedem dia após dia. Tão difícil é a tarefa nessa última situação que as hipóteses do próprio partido bolchevique com relação à realidade iam sendo superadas à medida que se aproximava outubro de 1917.

Mas esse é um trabalho interno do partido, de preparação teórica, para enfrentar novas situações. Não tem nada a ver, como analisaremos adiante, com a política para as massas, porque assim que a realidade demonstre que nossa hipótese mais provável não se confirmou, seremos obrigados a improvisar uma nova política de acordo com a nova situação. Já faz muito tempo que nós, marxistas, dizemos que a realidade é mais rica que qualquer esquema.

Esclarecemos que continuamos a falar da consciência imediata das massas. O partido é capaz de fazer previsões gerais, baseando-se nas leis gerais da luta de classes descobertas pelo marxismo e para períodos determinados de tempo. Por exemplo: ascenso do movimento de massas = tendência a governos kerenskistas; crise econômica = divisão da burguesia etc. O camarada Germain, que se acredita capaz de prever mudanças na consciência imediata das massas, demonstrou-se totalmente incapaz de realizar esse outro tipo de previsão mais simples.

Quinta, sexta e sétima afirmações: Um dos objetivos principais do partido é elevar o nível de consciência da classe operária; portanto, não deve esperar que as mudanças na consciência imediata das massas se produzam para depois adaptar suas palavras de ordem a elas. Como é capaz de prever essas mudanças, deve atuar de acordo com elas, não tomando como critério decisivo para lançar suas palavras de ordem o presente nível de consciência das massas. Essas afirmações se destroem por si mesmas, porque o partido, como já o demonstramos, é incapaz de prever as mudanças na consciência imediata (presente) das massas. Porém vamos dar essa possibilidade a Germain. Suponhamos que fosse possível prevê-las. Eliminada essa dificuldade, o silogismo de Germain se desenvolve de forma nítida. **O partido tem o objetivo de elevar a consciência das massas para a consciência política de classe (correta).** Portanto, suas palavras de ordem não devem partir do presente nível de consciência, mas do que o partido prevê que virá no futuro (falso, mil vezes falso).

Se Germain fala de futuros níveis de consciência e propõe que nossas palavras de ordem se subordinem a eles, perguntamos por que propõe que nossa única palavra de ordem seja a tomada do poder, a revolução proletária em nível mundial. Não vemos a diferença entre propor uma palavra de ordem para um futuro nível de consciência que virá dentro de um mês ou um ano e propor uma palavra de ordem para dentro de 10 ou 20 anos. Para que andar com mesquinhas? Levantemos somente a tomada do poder em nível mundial. É uma palavra de ordem para um nível de consciência futura tão boa como qualquer outra. E se as massas estão dispostas a escutar e mobilizar-se com uma palavra de ordem para um futuro imediato, não vemos por que não estarão dispostas a fazê-lo com uma palavra de ordem para um futuro distante. Nos termos em que propõe Germain, o problema é quantitativo, não qualitativo. É um problema quantitativo (de quantidade de tempo) não pode definir o caráter de uma palavra de ordem. Assim, futuro por futuro, nós ficamos com a que nós mais gostamos: a tomada do poder em nível mundial.

Na realidade, o problema (palavras de ordem para o presente ou palavras de ordem para o futuro) é qualitativo. **Estamos a favor de usar todas as palavras de ordem que partam do nível de consciência e das necessidades de cada momento (presentes) do movimento de massas;** e contra usar qualquer palavra de ordem que parta de um suposto (ou previsto) nível de consciência e necessidade futura do movimento de massas. Poderão argumentar que, quando propusemos pela primeira vez, nos Estados Unidos, “Fora as tropas do Vietnã, já!”, o movimento de massas não tinha consciência imediata da necessidade dessa palavra de ordem, não a sentia como sua.

Isso ocorre porque, entre a necessidade imediata e a consciência imediata das massas, dá-se a mesma contradição e dialética que existe entre o objetivo e o subjetivo: o fato de que

exista uma necessidade objetiva não determina mecanicamente que as massas tenham consciência dessa necessidade. Mais ainda, a consciência imediata está sempre atrasada em relação à necessidade imediata. Justamente por isso, nossas palavras de ordem agitativas devem estender uma ponte entre esses dois fatores, desigualmente desenvolvidos. **Desses dois elementos, o decisivo, como sempre, é o objetivo: a necessidade presente.** Isso é o que Germain não se propõe, já que para ele o fator determinante de nossas palavras de ordem não é essa necessidade objetiva imediata, mas a provável consciência futura.

Se conseguimos estender essa ponte, elaborar a palavra de ordem que faça uma síntese da necessidade imediata das massas com sua consciência imediata, conseguiremos nos converter, “em certo grau”, num fator determinante de seu nível de consciência? Isso depende de as massas ou algum setor delas adotarem nossa palavra de ordem. Porque, ainda que nossa palavra de ordem esteja cientificamente elaborada e seja perfeita, há uma infinidade de razões históricas e objetivas imediatas que podem impedir as massas de transitar por essa ponte que nós estendemos, que é o mesmo que se mobilizar por nossas palavras de ordem. Isso não depende de nós, ainda que tenhamos elaborado a palavra de ordem. O verdadeiramente determinante, como sempre, é o fator objetivo. Se as massas adotam nossa palavra de ordem e se mobilizam por ela, efetivamente teremos sido, em certo grau, fator determinante de sua consciência. Se não é assim, não o seremos.

Trotsky não raciocinava como Germain, mas como nós o fazemos. Ele via que, em virtude do desemprego, a necessidade imediata da classe operária dos Estados Unidos depois da grande crise era conseguir trabalho. “Teoricamente”, a palavra de ordem correspondente deveria ser “escala móvel de horas de trabalho”. Porém Trotsky não a aplicou. Ele levou em conta, à parte a necessidade imediata, a consciência imediata da classe operária estadunidense, que confiava em Roosevelt, e propôs: “... exigimos que Mr. Roosevelt, com seu grupo de especialistas, apresente um programa tal de obras públicas que todo aquele que possa trabalhar possa fazê-lo com salários decentes.”⁵⁸

Com essa palavra de ordem dirigida a Roosevelt, construímos uma ponte entre a necessidade imediata (desemprego) e a consciência imediata (os operários acreditam em Roosevelt), para conseguir a mobilização da classe operária. Se Trotsky tivesse tomado somente a necessidade imediata (desemprego) para formular sua política, essa não teria sido apropriada para mobilizar a classe operária, pois não levava em conta qual era sua consciência imediata (que os operários confiavam em Roosevelt).

A partir da escalada ianque no Vietnã, apresentou-se como necessidade imediata a retirada das tropas, independentemente se isto era ou não adequado ao nível de consciência daquele momento. A ponte que tínhamos de construir só poderia rebaixar essa necessidade para se adequar à consciência imediata apenas na forma ou na linguagem; nunca até o grau de ignorar a necessidade que originava a nossa palavra de ordem. Toda tentativa de basear nossas palavras de ordem somente no nível de consciência de cada momento, que não tome como elemento decisivo a necessidade imediata do movimento de massas e a importância da mobilização para superá-la, é aventureirismo, já que **nossa política é total, abarca a análise, um programa (necessidade e consciência históricas), a propaganda, a agitação (necessidade e consciência imediata) e tem como objetivo a mobilização permanente das massas até a tomada do poder pela classe operária.** Isto é, tudo está intimamente relacionado, e os fatores dependem uns dos outros, sendo as palavras de ordem para a mobilização das massas o fator decisivo.

⁵⁸ Idem, p. 53.

Trotsky, criticando o costume de propor tarefas com base em previsões, dizia-nos há mais de trinta anos: “Nossa tarefa não consiste em fazer previsões olhando o calendário, mas em mobilizar os operários ao redor das palavras de ordem que surgem da situação política. Nossa estratégia é de ação revolucionária, não de especulação abstrata.”⁵⁹

Toda tentativa de lançar para uma etapa imediata da luta de classes reivindicações e palavras de ordem mais adequadas a um nível de consciência que não é o dessa etapa é um erro ultraesquerdista. Mais ainda quando, além das palavras de ordem e reivindicações, elabora-se toda uma estratégia, como ocorreu com o entrismo *sui generis*. Enquanto o stalinismo tinha uma política ultraoportunista e se dedicava a recolher assinaturas pela paz, Germain e os camaradas da maioria afirmavam que haveria guerra, que o stalinismo mudaria sua política e sua mentalidade obrigado pelas circunstâncias. Daí tiraram a estratégia de entrar no stalinismo a espera de que se dessem essas mudanças (que nunca ocorreram).

O mesmo ocorre com nossas palavras de ordem. Não podemos elaborá-las para uma etapa futura da luta de classes nem para a consciência e as necessidades que terão as massas num futuro incerto. Não podemos, em primeiro lugar, porque não o conhecemos. Porém, ainda que fôssemos capazes de adivinhar o futuro (“prever”, diria Germain), não poderíamos utilizar essas palavras de ordem por outro motivo muito mais importante: porque **as palavras de ordem têm um só objetivo, que é mobilizar os trabalhadores. Se refletem as necessidades e o nível de consciência futuros, serão incompreensíveis para as massas.** Um exemplo: se em vez da palavra de ordem pela paz o Partido Bolchevique, devido à guerra imperialista, tivesse defendido a rendição aos alemães, como em Brest-Litovsk, não haveria acontecido a Revolução Russa.

Que o partido tenha como objetivo elevar a consciência das massas em direção à consciência política de classe não quer dizer que seja capaz de fazê-lo por si mesmo. O camarada Germain é o primeiro em insistir que as massas só aprendem com suas ações. Nosso objetivo é, pois, mobilizar as massas para que, por meio dessa mobilização, adquiram consciência política de classe. Até aqui todos de acordo. No que não estamos de acordo é como proceder para mobilizá-las. Germain diz que mobilizamos as massas agitando palavras de ordem para o nível de consciência que estas terão mais adiante. Nós dissemos que mobilizamos as massas levantando palavras de ordem para as necessidades e o nível de consciência que têm no presente.

Germain e nós numa greve geral

Suponhamos que haja conflitos por salários, de forma isolada, em 30% ou 40% das empresas industriais. Qual é a necessidade das massas nesse momento? A de unificar todos esses conflitos numa greve geral. Qual deve ser nossa palavra de ordem? Greve geral por aumento geral de salários! Qual seria a palavra de ordem que proporia Germain? Ele raciocinaria da seguinte maneira: como a greve geral colocará o problema do poder, nossa palavra de ordem deve ser: greve geral para a tomada do poder! O que seria um erro catastrófico. As massas têm a necessidade de fazer uma greve geral para conseguir mais salários, são conscientes disso ou devem ser, mas não são conscientes de que necessitam tomar o poder. Nossa palavra de ordem de greve geral por mais salários cairia em terreno fértil e seria incorporada por todo o movimento de massas; a greve geral seria um fato. A palavra de ordem de Germain cairia no vazio; só seria seguida por algum pequeno setor da vanguarda; liquidaria a possibilidade de uma greve geral massiva.

⁵⁹ TROTSKY, Leon. “Por uma estratégia para a ação, não para a especulação” (Carta aos amigos de Pequim, 3 de outubro de 1932). Em: *Escritos*, Tomo III, vol. 2, pág. 322.

Sem dúvida, somos conscientes da mesma maneira que Germain de que a greve geral coloca o problema do poder. Porém coloca-o quando a greve é um fato. Para poder propor a tomada do poder, primeiro temos de conseguir que a greve geral saia. Se conseguimos que as massas entrem em greve geral, que paralisem o país, que desesperem a burguesia, que essa veja todo o seu sistema em perigo, que comece a organizar a repressão, só então as massas estarão em condições de ver de forma nítida que a única saída da greve geral é a tomada do poder. Essa será a necessidade mais imediata das massas, será a sua única saída. Nesse momento, se o partido continua mantendo a palavra de ordem de greve geral por mais salários, comete um crime e uma traição. Chegou o momento de mudar a palavra de ordem! A mobilização das massas chegou ao ponto em que estas podem compreender a necessidade de tomar o poder. A palavra de ordem para essa etapa deve corresponder à necessidade. Todo poder ao soviet! (ou ao comitê que dirige a greve) é a palavra de ordem do momento.

Se não conseguimos que as massas façam a greve geral porque propomos a elas uma greve com objetivo distinto do que elas sentem e querem (o poder no lugar de salários), podemos passar séculos gritando greve geral pela tomada do poder, mas não conseguiremos nada. Pode ocorrer que a greve geral aconteça apesar de nós; porém, o certo é que as massas não tomarão o poder.

Aqui, Germain poderia nos responder com o seguinte raciocínio: se nós, antes da greve geral, já estivéssemos dizendo que a única saída para as massas é a tomada do poder, no momento em que as massas enfrentassem essa situação saberiam reconhecê-lo e nos considerariam uma boa direção que soube prever os acontecimentos. Esse é um raciocínio intelectual falso. Assim se move a vanguarda; porém, não as massas. À vanguarda, efetivamente, temos que explicar com paciência, nas vésperas de uma greve geral, que esta colocará o problema do poder e que é preciso preparar-se para tomá-lo. Toda a nossa propaganda sobre a vanguarda deve ter esse único eixo. E a vanguarda saberá reconhecer que nossa previsão foi correta e entrará massivamente no partido.

Se as massas se comportassem dessa maneira, fazer a revolução seria muito simples: nós passaríamos cinco, dez ou vinte anos agitando a palavra de ordem da tomada do poder. Quando acontecesse a crise revolucionária (a greve geral, por exemplo) – que ocorrerá ainda que não existamos, porque é um momento inevitável da luta de classes –, as massas se recordariam de nossa agitação de tantos anos, reconheceriam a nós como sua direção e tomariam o poder. Mas as massas não se movem dessa maneira: elas reconhecem como direção quem soube mobilizá-las dando a palavra de ordem correta para cada uma das lutas que empreenderam. E para quem deu uma palavra de ordem que nada tinha a ver com suas necessidades ou com sua consciência, não só o desconhecem como direção, também, o considerarão um elemento alheio ao movimento de massas.

São, então, dois os motivos pelos quais o partido deve agitar diante das massas a palavra de ordem que responda ao seu nível de consciência e às suas necessidades presentes. O primeiro motivo é que é a única maneira de mobilizar as massas, e a mobilização das massas é a única maneira de elevar o seu nível de consciência. Isto é, o importante é realizar a greve geral, porque somente durante a greve geral as massas terão condições de elevar sua consciência até entenderem que há de se tomar o poder. O segundo motivo para agitar essas palavras de ordem é que é a única maneira de ser reconhecido como direção e ganhar prestígio, influência e confiança entre as massas. O que as massas lembram, e para isso têm boa memória, é quem foi que lhes disse que era preciso fazer frente única contra o fascismo

quando elas necessitavam fazê-lo, quem lhes propôs que lutassem por salários quando necessitavam lutar por salários, quem lhes propôs (por que não?) retroceder, quando necessitavam retroceder para não serem esmagadas.

Só assim, agitando essas palavras de ordem, um partido pode ganhar o direito de ser direção. Só assim será reconhecido como direção antes da crise revolucionária. Porque se isso não ocorre, no momento da luta revolucionária não haverá ninguém com autoridade, que seja escutado pelas massas, para propor a única palavra de ordem, a única tarefa da qual o movimento de massas nunca pode chegar a ser plenamente consciente por seus próprios meios: a palavra de ordem e a tarefa da tomada do poder.

Isso não é novidade. Trotsky travou uma longa luta contra o ultraesquerdismo com esse mesmo eixo. Contra o lançamento das palavras de ordem de soviets na Alemanha, de armamento na Espanha, de controle operário na Alemanha, quando as condições e o nível de consciência do movimento de massas não as permitiam.

Todo o segredo da política trotskista consiste, precisamente, em medir milímetro por milímetro as necessidades e o nível de consciência das massas em cada momento e descobrir as palavras de ordem adequadas a eles. **A política trotskista é concreta, presente, nas suas palavras de ordem; histórica no seu programa. Isso não é mais do que a expressão da velha contradição entre o imediato e o mediato, entre o concreto e o abstrato, que, nesse nível, se manifesta na contradição entre as palavras de ordem e o programa, entre a agitação e a propaganda.**

Isso explica por que o **Partido Bolchevique foi mudando de palavras de ordem no breve lapso de uns poucos meses:** Todo o poder aos soviets! Fora os ministros burgueses! **Todos contra a Assembleia Constituinte!**, novamente Todo o poder aos soviets!

Toda a arte e a ciência de nossos partidos e direções passam por saber detectar as mudanças nas necessidades e no nível de consciência do movimento de massas. Porém, para detectar essas mudanças na consciência das massas, vemo-nos obrigados a utilizar duas ferramentas. A primeira são as palavras de ordem agitativas: “Para o partido, a agitação é também um meio de escutar as massas, de sondar seu estado de ânimo e seus pensamentos e, segundo os resultados, tomar tal ou qual decisão prática.”⁶⁰

A segunda ferramenta é a que nos permite avaliar “o resultado” de nossa agitação e “tomar assim uma ou outra decisão”. Essa ferramenta é o nosso método de análise e nosso programa histórico, que resumem, por sua vez, a luta histórica e de classe do movimento operário e a história de toda a luta de classes.

Essa dialética entre o mediato e o imediato, o histórico e o presente, o abstrato e o concreto, sintetiza-se, unifica-se, quando o partido revolucionário consegue chegar a dirigir o movimento operário para a conquista do poder. Porém, para conseguir essa superação da contradição, deve-se passar por distintas etapas da luta de classes; etapas que sempre são concretas, imediatas e presentes, até que se transformam em históricas, isto é, até que a luta imediata do movimento de massas seja a tomada do poder, a grande tarefa histórica.

O imediato, as lutas concretas do movimento operário, transformam-se numa tarefa histórica graças ao partido. Essa síntese se manifesta quando se produz a unidade entre nosso partido e seu programa – ambos expressões dos interesses históricos do proletariado – com a classe operária, e desta com as grandes massas. Ali se sintetizam as contradições entre partido e movimento de massas, entre programa e palavras de ordem, entre propaganda e

⁶⁰ TROTSKY, Leon. “Uma vez mais, para onde vai a França?” Em: *Aonde vai a França?*, p. 82.

agitação, entre tarefas do partido e tarefas do movimento de massas. Na insurreição, as massas, a classe operária e o partido têm uma só e única tarefa, uma só e única palavra de ordem, um só e único programa, e realizam uma só e única ação, imediata e histórica ao mesmo tempo: tomar o poder.

“Iniciativas revolucionárias” do partido?

A terceira crítica do camarada Germain aos seis pontos de Camejo é a seguinte:

Terceiro: outra dimensão essencial do conceito leninista de partido revolucionário está ausente na “essência” do camarada Camejo: a iniciativa revolucionária. [...] Uma coisa é “promover” as lutas das massas por diferentes meios, começando por ser bons sindicalistas e tendo quadros que são aceitos pelos trabalhadores nos locais. Tomar a iniciativa de organizar e de ser capaz de dirigir as lutas anticapitalistas de massas como um partido revolucionário é algo bastante diferente. [...] E uma das características essenciais do centrismo clássico na escola de Kautsky-Bauer era precisamente essa inabilidade para perceber a necessidade de uma iniciativa revolucionária do partido, fazendo com que a “relação de forças”, as “condições objetivas”, o “estado de ânimo das massas”, sempre decidissem tudo de um modo fatalmente determinado. O leninismo separa-se desse tipo de centrismo precisamente por sua capacidade de compreender como a iniciativa revolucionária pode modificar a relação de forças.⁶¹

O desastre da guerrilha (uma “iniciativa revolucionária do partido” por excelência) na América Latina faz com que o camarada Germain seja muito cauteloso e escorregadio na sua definição de “iniciativa revolucionária”. Primeiro nos diz que há uma diferença entre fazer sindicalismo e “tomar a iniciativa de organizar e dirigir as lutas anticapitalistas de massas”. Ninguém pode opor-se a esta afirmação: é evidente que o partido deve tomar a iniciativa, com toda a audácia, para “organizar e dirigir as lutas anticapitalistas de massas”, e não se limitar a fazer sindicalismo. Por outro lado, não vemos para que serve essa digressão de Germain, a menos que ele ache que há alguma seção de nossa Internacional que se proponha a fazer (ou faz) exclusivamente sindicalismo. Se acha isso, deveria dar mais importância ao problema, porque seria um gravíssimo desvio.

Mas logo ele começa a elucidar um pouco mais o panorama. Germain diz que o centrismo de Kautsky-Bauer propõe que tudo está fatalmente determinado pela “relação de forças”, as “condições objetivas”, o “estado de ânimo das massas”, e que o leninismo, ao contrário, diferencia-se dele porque propõe que a “iniciativa revolucionária (do partido) pode modificar a relação de forças”.

A relação de forças mede, como a expressão diz, a *força relativa* em cada momento dos dois antagonistas principais na luta permanente de classes. Quando dizemos que estamos *mais* fortes queremos dizer, portanto, mais fortes que a burguesia. Em dado momento, o movimento de massas pode estar na ofensiva (em ascenso) e a burguesia na defensiva; pode acontecer o inverso e, inclusive, podem existir períodos de relativa estabilidade. Porém, em linhas gerais, podemos dizer que um afrouxamento por parte do movimento de massas corresponde a um avanço da burguesia. Essa relação de forças entre as classes, como já vimos, dá lugar, segundo Trotsky, a quatro situações gerais, quatro regimes: contrarrevolucionário, não revolucionário, pré-revolucionário e revolucionário.

Se retomamos a afirmação de Germain de que “a iniciativa revolucionária do partido” pode “modificar a relação de forças”, isso quer dizer que a iniciativa do partido pode transformar um regime contrarrevolucionário em um não revolucionário, e este em um pré-revolucionário e este último em um revolucionário. Contrastando com sua manifesta tendência

⁶¹ GERMAIN, Ernest. *Em defesa do leninismo, em defesa da IV Internacional*, pp. 94-95.

de encher-nos de citações e exemplos históricos, Germain não oferece nem ao menos um para ilustrar essa afirmação. Não é casual: não existe nenhum.

Para os marxistas sérios, as superestruturas (entre as quais o partido revolucionário) são determinadas pelas estruturas (as classes), não o inverso. É absolutamente impossível que uma superestrutura modifique, por “iniciativa” própria, as relações entre as classes. Existe nisso também uma dialética: as superestruturas adquirem um peso colossal nos momentos de grande instabilidade e crise de estrutura – numa situação revolucionária, por exemplo – e somente nesses momentos. No entanto, a gênese dessa situação de crise não depende absolutamente da superestrutura, mas das leis que regem a luta de classes.

É uma lei do funcionamento capitalista o que explica que o enfrentamento entre as classes chegue ao ponto de crise total e absoluta da estrutura (crise revolucionária). Segundo essa lei, haverá crises econômicas cada vez mais profundas, e o movimento de massas reagirá sempre à penúria provocada por essas crises. Quando acontece uma crise revolucionária, e somente nesse momento, as superestruturas definem o desenlace da situação. O Estado burguês, os partidos burgueses e pequeno-burgueses com influência no movimento de massas “empurram” a sociedade para a saída reacionária burguesa. O partido revolucionário empurra para o lado da saída operária, revolucionária. O desfecho da crise dependerá do resultado desse embate. Ou seja, se o partido revolucionário conseguir ganhar a classe trabalhadora, se esta tomar a direção do movimento de massas, e a ampla maioria das massas pequeno-burguesas apoiarem ou permanecerem neutras na luta, a crise se definirá a favor da revolução proletária. Se o partido não o conseguir, as superestruturas burguesas arrastarão a pequena burguesia, confundirão amplos setores do movimento de massas e da classe operária, e a saída da crise será burguesa, contrarrevolucionária.

Mesmo nesse caso, o papel das superestruturas não é diretamente determinante. A superestrutura “partido revolucionário” não tem “a iniciativa” de tomar o poder: tenta ganhar o movimento de massas para que este tome a “iniciativa revolucionária” de tomar o controle do Estado. “Ganhar o movimento de massas para a iniciativa revolucionária” é simplesmente uma tarefa política do partido.

Nos períodos de estabilidade da estrutura, a dialética entre o partido e a relação de forças entre as classes acontece de forma qualitativamente inferior. Quanto menor é o impulso das lutas de massas, menor será a influência do partido. Quando elas crescem, também cresce a influência partidária. O partido só pode acelerar (dentro de limites bem precisos) o desenvolvimento do movimento de massas, nunca provocar uma mudança na relação de forças por sua própria iniciativa. Não nasce uma mesma relação de forças entre as classes se uma greve vence ou é derrotada.

O partido pode cumprir um importante papel nessa situação, sempre e quando for a direção da greve ou se em algum momento da luta conseguir transformar-se em direção. Se o partido conduzir a greve à vitória, esse fato acelerará o avanço do movimento de massas: muda a correlação de forças a favor do movimento operário. Se a greve for muito importante, o fato poderá até significar uma mudança no regime político – fazendo a situação passar, por exemplo, de revolucionária a pré-revolucionária. Mas aqui, de novo, o que produz a mudança na relação de forças não é o partido diretamente. É a vitória do movimento operário. Tendo dirigido o movimento de forma correta nessa greve, o partido *ajudou o movimento de massas* a mudar a correlação de forças frente à burguesia. *O partido não mudou a correlação de forças por “iniciativa própria”*. Se as massas não estivessem dispostas a entrar em greve ou se a greve desembocasse numa derrota – isso pode ocorrer por fatores objetivos, ainda que sob nossa direção –, o partido nada poderia fazer.

Isso é o ABC do marxismo e é o que nos mostra a realidade histórica e atual. Por isso, não é casual que Germain não tenha podido comprovar, com nenhuma citação, suas famosas “iniciativas revolucionárias” que seriam capazes de “modificar a relação de forças” nem tenha contribuído com exemplos concretos.

Ou não é verdade? Houve alguma iniciativa revolucionária do partido que serviu para mudar a relação de forças entre as classes? Poderia mencionar alguma, camarada Germain? Teria sido a guerrilha de Inti Peredo na Bolívia? Ou foram os longos anos de “preparação para a luta armada” do POR(C)? Talvez as ações dos tupamaros no Uruguai? Ou as do PRT(C)-ERP na Argentina? Nenhum desses casos apoia a concepção germanista. Em todos esses países, a relação de forças foi transformada por mobilizações das massas: pela greve geral contra o golpe de Miranda na Bolívia, pelas grandes greves gerais, como a dos bancários e a dos operários da carne, no Uruguai, pelo *Cordobazo* na Argentina etc. E, nesses fatos da luta de classes que realmente mudaram a relação de forças, nem o POR(C), nem Inti Peredo, nem os tupamaros, nem o PRT(C)-ERP tiveram influência alguma. Sua única contribuição à situação objetiva foi fornecer pretexto aos regimes burgueses para que estes justificassem um incremento da repressão, pela qual o movimento operário pagou caro.

Com as “iniciativas revolucionárias” ou com o movimento de massas?

Como toda questão teórica, essa não se esgota na teoria. Manifesta-se com muito mais transparência na política prática. Até agora, polemizamos com Germain sobre nossas palavras de ordem: se estas devem responder ou não às necessidades e à consciência imediatas das massas, se a agitação deve ser feita sobre o movimento de massas ou sobre a vanguarda.

Pode parecer que coincidimos em considerar as palavras de ordem (reivindicações) ferramentas fundamentais para nossa política. Mas, ao contrário do que parece, agora nosso desacordo tende a ampliar-se.

Para Germain, as “iniciativas revolucionárias” são “dimensão essencial do conceito leninista de partido revolucionário”. O que equivale dizer que, para ser leninista, o partido deve ter como tarefa central tomar “iniciativas revolucionárias” por sua própria conta e risco. O papel dessas iniciativas revolucionárias não está muito óbvio no parágrafo no qual Germain faz a crítica a Camejo. Mas, observando toda a sua concepção e a política aplicada em algumas seções orientadas pela maioria, nota-se nitidamente que essas iniciativas têm como função dar exemplo às massas, mostrar o caminho pelo qual estas devem mobilizar-se. O POR(C) tomou a “iniciativa” da luta armada (ou da preparação para ela) para que as massas bolivianas o seguissem, lançando-se à luta armada (ou preparando-se para ela). A Liga Comunista tomou a iniciativa de lutar fisicamente contra o fascismo e atacou um ato de *Ordre Nouveau* para que as massas seguissem seu exemplo e destruíssem o fascismo em toda a França etc. Se nossos partidos não tomam tais iniciativas, para Germain, não são dignos do nome de partidos leninistas ou trotskistas.

Como Germain qualificaria o Partido Bolchevique russo? Não queremos nem imaginar! Lembremos somente que, semanas antes da Revolução de Outubro, Lenin e Trotsky discutiam se seria preciso tomar o poder em nome dos soviets ou do partido. Nem o próprio Partido Bolchevique, no momento culminante de sua influência no movimento de massas, pôde aventurar-se a tomar “a iniciativa revolucionária” de tomar o poder! Evidentemente, esse partido carecia da “dimensão essencial” que tanto preocupa a Germain.

Não nos opomos a que o partido tome iniciativas. Mas somos contra as iniciativas com as quais o partido pretenda substituir o movimento de massas em tarefas que são do movimento.

Opomo-nos a que o partido enfrente por sua própria conta o regime burguês, algum setor da classe inimiga ou uma organização que responda a este ou aquele setor da burguesia (como é o caso das organizações fascistas). Somos a favor que o partido enfrente politicamente todas as classes, setores e organizações inimigas do movimento de massas, que as denuncie em sua propaganda, que agite no movimento de massas as bandeiras que o mobilizem contra aqueles inimigos. Mas somos contra que o partido enfrente esses inimigos fisicamente, por sua própria conta e risco, sem o apoio ativo do movimento de massas ou de algum setor deste.

Isso não quer dizer que devemos cruzar os braços e esperar convencer a maioria do movimento de massas e suas organizações para, só aí, lançar nossas palavras de ordem e mobilizar os setores que já estejam mostrando objetivamente a necessidade de enfrentar nossos inimigos. É a esses setores que devemos dirigir nossas maiores iniciativas. Mas estas devem ter um só e único objetivo: criar ou descobrir as palavras de ordem que incentivem a mobilização e a organização revolucionárias do movimento de massas ou de algum setor dele. Curiosamente, os grandes defensores de que o partido tome iniciativas próprias são particularmente pouco audazes e criativos no momento de realizar as que são as verdadeiras iniciativas revolucionárias do partido. Isso ficou demonstrado na Bolívia, onde o POR(C) gastou toda sua imaginação para inventar um Exército Revolucionário, mas não teve iniciativa nem audácia para propor aos trabalhadores bolivianos a tarefa que levava efetivamente ao armamento das massas: o armamento de suas organizações para enfrentar os golpes de Estado reacionários. Na Europa, não tiveram nenhuma iniciativa quando era necessário apoiar e defender as guerrilhas que lutavam pela independência das colônias portuguesas.

Também não consideramos que só quando o conjunto ou a maioria do movimento de massas adotar nossas palavras de ordem haverá chegado o momento de passar para a ação. Polemizamos com Germain, entre outros motivos, porque ele vê a vanguarda como um setor formado por indivíduos do movimento, enquanto nós consideramos que impera no movimento de massas um desenvolvimento desigual que faz com que, em cada momento da luta, exista um determinado setor na vanguarda à frente dos outros. Como regra geral, devemos concentrar nosso trabalho sobre aqueles setores que insinuam a possibilidade de uma mobilização. O sistema capitalista exige, de forma permanente, que diferentes camadas da classe operária e dos explorados se mobilizem para se defenderem dos ataques dos exploradores. Nós devemos intervir, com todas as nossas forças, nesses processos objetivos e desiguais. Neles, devemos lançar as palavras de ordem que mobilizem e organizem de forma permanente os setores mais ativos. Cada mobilização e cada vitória dos setores citados servirá como alavanca para mobilizar e fortalecer a luta dos demais.

Não conseguiremos derrubar a burocracia nem dar exemplos permanentes ao movimento de massas por meio da atuação isolada da atual vanguarda ou do partido sozinho, como Germain acredita ser possível. Só alcançaremos vitórias, como a derrubada de burocratas, apoiando-nos em setores do movimento de massas que, com suas lutas, causarão impacto nos outros setores. Toda a ciência de nossos partidos consiste justamente em saber especificar quais os setores de massas mais dispostos a se mobilizar, devido à sua situação objetiva e ao seu nível atual de consciência. Todo o segredo da política bolchevique está nessa dialética. Nos Estados Unidos, durante a intervenção militar no Sudeste Asiático, teria sido um crime não tomar como eixo de nossa política para a juventude a reivindicação que expressava sua necessidade mais imediata e seu nível de consciência – “*Que retornem já as tropas do Vietnã!*”. Teria sido criminoso esperar que todo o movimento de massas dos Estados Unidos estivesse em condições de se mobilizar. Tomar aquela bandeira e agitá-la, desde o primeiro momento, foi, de verdade, uma excelente e exemplar iniciativa do SWP! Mas não teve nada a ver com o conceito germainista de “iniciativa revolucionária”.

Na França, por exemplo, tudo nos leva a concentrar nossas forças entre os operários imigrantes, que têm dois grandes problemas específicos – o da opressão nacional e o de fazer parte da parcela mais explorada da classe operária. Devemos tentar mobilizá-los contra os ataques fascistas e do capitalismo francês em geral, que pretendem mantê-los na condição de trabalhadores e cidadãos de segunda categoria. Por que os operários imigrantes? Porque esse setor dá indícios de que quer mobilizar-se e porque, como parte do movimento operário desenvolvida de forma desigual, eles poderão estar, por um período, à frente da classe trabalhadora e das massas francesas. Essas são as razões pelas quais uma de nossas tarefas mais urgentes na França é encontrar palavras de ordem capazes de mobilizar os operários imigrantes. Nosso partido não pode tomar a “iniciativa revolucionária” de lutar contra o fascismo por conta própria, sem que os operários imigrantes participem dessa luta.

Iniciativas revolucionárias exclusivas do partido são muito perigosas. Educam mal o movimento de massas e retardam o avanço de suas mobilizações e de sua consciência. Os camaradas da maioria, num gesto típico de sua concepção, parabenizaram o PRT(C)-ERP* argentino pelo sequestro de Sylvester, cônsul inglês na cidade de Rosário. O diplomata foi libertado em troca de uma série de melhorias nas condições de trabalho para os operários do frigorífico Swift. Tal “iniciativa revolucionária” educou os trabalhadores da Swift? Segundo os camaradas da maioria, sim: os operários teriam tido o exemplo de que, por meio da luta armada, é possível conseguir melhorias, satisfazer necessidades. Nós opinamos o contrário. Consideramos que a iniciativa do PRT(C)-ERP deseduca os trabalhadores porque sugere que a mera ação de um grupo de gente bem intencionada e audaciosa poderia substituir a mobilização ativa dos trabalhadores em defesa de seus próprios interesses e direitos. A dura realidade da luta de classes acabou confirmando o que dizemos. Pouco tempo depois, a burocracia peronista voltou a vencer as eleições sindicais dos trabalhadores de frigoríficos. As condições de trabalho ficaram tão ruins ou piores que antes da “iniciativa revolucionária” do ERP.

O mesmo podemos dizer da ação da Liga Comunista francesa contra o *Ordre Nouveau*. Mais que isso. Podemos demonstrar, no caso francês, que quanto maior o êxito relativo dessas “iniciativas”, mais prejudiciais serão para o avanço do movimento de massas. Se continuamos realizando ações isoladas contra os ataques fascistas e continuamos tendo sucessos técnicos, com que argumento tentaremos mobilizar os operários imigrantes? Quando tentarmos chamá-los à luta, é provável que eles nos respondam: “*Para que vamos lutar se esses caras da LCR já se encarregaram de liquidar os fascistas?*” Desgraçadamente, quanto menos os operários imigrantes e o movimento de massas se mobilizarem contra os ataques fascistas, mais os fascistas atuarão e com mais força. Afinal, trata-se de um problema de relação de forças entre classes.

Chegará o momento em que somente o movimento de massas poderá derrotá-los. Nesse momento, nossas “iniciativas revolucionárias” mostrarão seu lado negativo. Tendo confiado que o fascismo podia ser enfrentado pela Liga, vários setores do movimento de massas não estarão politicamente preparados para se mobilizar. As consequências podem ser nefastas. Por sorte, não há perigo maior, porque tão logo o fascismo dê sinal de crescimento, nossa seção e suas “iniciativas revolucionárias” de enfrentá-lo por conta própria serão arrastadas pelo movimento de massas.

Outro grande perigo das “iniciativas revolucionárias” isoladas é que nos levem a esquecer ou a ignorar as iniciativas revolucionárias das próprias massas. E é obrigação do partido e de seus quadros intervir nessas ações. Nós acreditamos que o processo que começou na

* O Partido Revolucionário dos Trabalhadores (El Combatiente), dirigido por Santucho, nasceu da ruptura do PRT em 1967. Em 1971, criou o Exército Revolucionário do Povo (ERP), que fez inúmeras ações guerrilheiras até ser destruído pela ditadura militar argentina a partir de 1976.

Europa, como antes já aconteceu no nosso continente, será marcado por milhares de mobilizações de massas de todos os tipos. Diante das milhares de lutas de massas, nossos partidos têm poucos quadros para intervir, para atendê-las, para dar a elas orientação política e organizativa adequada. Faltarão a nós tempo, militantes e capacidade dirigente para isso. Portanto, é um crime tirar quadros das mobilizações de massas para colocá-los nas ações independentes, próprias, distanciadas das que realizam as massas.

A visão de que a dimensão do partido nesta etapa é sua própria iniciativa revolucionária tende a distanciar-nos da solução da contradição mais grave que enfrentam nossas seções: sua tremenda debilidade frente às iniciativas ou mobilizações do movimento de massas. Essa contradição ameaça ir agravando-se ou, pelo menos, mantendo-se como uma contradição aguda durante uma extensa etapa, já que nosso crescimento e elevação do nível político serão seguidos de maiores iniciativas revolucionárias do movimento de massas em ambos os continentes, para não dizer em todo o mundo.

Lamentavelmente, não tivemos a oportunidade de conversar com os camaradas da maioria europeia. Conseguimos fazê-lo com a nova vanguarda latino-americana e com os representantes da maioria no nosso continente. Também faz tempo que dialogamos com os camaradas da direção do SWP. Nessas conversas, houve algo que sempre nos chamou a atenção: a profunda diferença de linguagem entre os companheiros latino-americanos da maioria, por um lado, e os camaradas estadunidenses e nós, por outro lado. Os primeiros têm a mania de utilizar os termos “criar” e “iniciativa revolucionária”. Nós, por “descobrir oportunidades” e “desenvolver com toda audácia uma política para essas oportunidades”. Acreditamos que, de forma muito esquemática, essa diferença de linguagem expressa uma das diferenças de fundo entre a maioria e a minoria. Para a maioria, temos de “criar”, por meio de “iniciativas revolucionárias”, lições, exemplos, para o movimento de massas. Para a minoria, o movimento de massas não necessita de nenhum tipo de exemplo nem de “iniciativas revolucionárias” de nossa parte. Para a minoria, devemos saber “descobrir as mobilizações que as próprias massas levam adiante ou as que podem levar, empurradas por suas necessidades e consciência imediatas”. A essas mobilizações presentes ou para um futuro imediato, chamamos oportunidades, e toda a nossa política deve orientar-se para intervir nessas lutas, tentando conduzi-las com nossas propostas de reivindicações para evitar que sejam freadas e para ganhar sua direção.

Como já dissemos, além de teórica, essa é uma questão prática. Para que quebrar a cabeça pensando na maneira de atacar por nossa conta a *Ordre Nouveau*? Se *Ordre Nouveau* começou a atacar os argelinos e outras nacionalidades oprimidas pelo imperialismo francês, devemos começar agora mesmo um trabalho profundo sobre as nacionalidades que são alvos preferenciais dos ataques fascistas. Somente esse trabalho nos permitirá conhecer a mentalidade e as reações dos imigrantes e saber se estão dispostos ou não a se defenderem desses ataques. Se nossas palavras de ordem não “pegam”, isso indica que o partido deve abandonar momentaneamente essa tarefa. Se ocorre o contrário, se nossas bandeiras forem bem recebidas pelos operários imigrantes, se tivermos êxito em organizá-los, então e somente então, intimamente ligados aos bairros argelinos atacados pelos da *Ordre Nouveau*, imporemos um castigo exemplar a estes fascistas. As condições para essa tarefa, como para toda política revolucionária de verdade, é, então, que responda a uma necessidade imperiosa do movimento de massas (defender-se dos sucessivos ataques fascistas) e a uma iniciativa do próprio movimento: que ele se mobilize contra tal perigo.

Nosso papel é atuar nas mobilizações que estão acontecendo e nas que são potenciais, levantar ali as reivindicações corretas, que expressem as necessidades e a consciência desse setor do movimento, organizá-lo e nos postularmos como direção alternativa, se houver uma

direção oportunista, ou dirigir a luta, se não tivermos rivais. (Essa última hipótese pode ocorrer com frequência quando trabalhamos sobre os setores mais explorados da classe operária e das massas.) Portanto, em vez de “criar”, precisamos “descobrir”, no próprio movimento, em qual setor das massas nossas palavras de ordem de transição podem ser mais facilmente incorporadas.

O terceiro perigo dessas “iniciativas revolucionárias” é que fazem as relações do partido com o movimento de massas passarem de objetivas a subjetivas. Para os camaradas da maioria, as iniciativas são úteis se despertam simpatias no movimento. Maitán enalteceu as ações do ERP por essa razão; o mesmo fez Frank.

Nossa relação com o movimento de massas tem de ser essencialmente orgânica e política, não pode ser emotiva e baseada na propaganda. Nós queremos grupos do partido nos organismos e nas lutas concretas, objetivas, do movimento de massas. Nós queremos que esses grupos partidários e seus militantes disputem a direção dos organismos de massas e das lutas, em nome do partido. É uma relação precisa e objetiva: lutas e organismos do movimento operário e de massas, por um lado; organismos partidários disputando a direção desses organismos e lutas, por outro.

Os camaradas da maioria não são consequentes com sua própria política de “iniciativas revolucionárias”. Na Argentina, por exemplo, não houve grande diferença entre as “iniciativas” do PRT(C) e as dos grupos armados peronistas. As ações de ambos foram levadas adiante à margem do movimento de massas, configuravam igualmente ações exemplificadoras de uma vanguarda, caracterizavam-se pela mesma tentativa de resolver, por conta de grupos políticos, problemas que só podem ser resolvidos pelas mobilizações dos trabalhadores. No entanto, as que atraíram maior cota de “simpatia” foram as organizações armadas peronistas e não o PRT(C), como ficou demonstrado em todas as manifestações de rua posteriores à posse do governo peronista de Campora*. As colunas da FAR e dos Montoneros – as organizações armadas peronistas – chegaram a mobilizar até 40 mil jovens. As do ERP nunca passaram de 500. As do nosso partido chegaram a quatro mil. Quem atraiu mais “simpatia”? Em primeiro lugar, sem dúvida, a esquerda peronista, sobre a base de uma capitulação política permanente. Os peronistas de “esquerda” capitularam à confiança que as massas ainda têm em Perón (configurando uma “capitulação armada” ao peronismo). Em segundo lugar, ficou nosso partido, porque esteve presente em todas e cada uma das lutas do movimento de massas e porque se diferenciou com toda a nitidez da política peronista. Não simpatias graças a nenhuma “iniciativa revolucionária” isolada. Em último lugar, ficou o PRT(C), que também se diferenciou do peronismo, mas esteve ausente das mobilizações porque estava muito ocupado pensando, organizando e realizando suas “atividades revolucionárias”.

As conclusões são óbvias. Os camaradas da maioria não devem ficar na metade do caminho: ou estão com as “iniciativas revolucionárias” (e, por consequência, abandonam o trabalho político sobre o movimento de massas) ou estão com a política trotskista. E a Europa não será uma exceção: à medida que a crise econômica se aprofundar, surgirão setores da pequena burguesia desesperados com tendência a tomar “iniciativas revolucionárias” infinitamente superiores às das nossas seções. Nesse momento, nossas seções terão feito muito bem se já tiverem definido sua atitude. Poderão capitular politicamente e obter os êxitos e as “simpatias” momentâneas que tiveram as organizações armadas peronistas da Argentina. Ou podem abandonar essas famosas “iniciativas revolucionárias” e obter os êxitos e as simpatias

* Héctor Campora (1909-1980) foi eleito presidente da Argentina pela Frente de Libertação em 1973, renunciando no mesmo ano para convocar as eleições que viabilizaram o retorno de Perón ao poder.

muito mais modestas, porém muito mais importantes, que obteve nosso partido. Seria lamentável que cumprissem o mesmo triste papel do PRT(C).

Uma concepção superestrutural e subjetiva da frente única

A polêmica entre a maioria e a minoria sobre as “iniciativas revolucionárias” deriva em um outro debate, de certa forma tácito, sobre a frente única operária. Graças à gentil visita de dois membros da seção francesa ao nosso partido, tivemos a oportunidade de conhecer uma versão mais nítida de sua concepção:

Achamos que, sozinhos, como organização política, não temos força para impor a frente única aos partidos reformistas. Podemos polemizar sobre a necessidade da frente e o fazemos, mas não é suficiente. Trotsky colocou muito bem a questão, quando disse que a correlação de forças dentro da frente devia ser de um terço a um sétimo das forças operárias. Quando não se tem sequer um sétimo das forças operárias, a tática de frente única não é suficiente, *não pode ser aplicada*. Quando se tem mais de um terço, o partido revolucionário pode assumir suas responsabilidades.⁶²

Sem tanta certeza, Germain defende a mesma concepção. Discordamos dessa maneira de encarar a frente única. É um desvio subjetivo, do mesmo gênero dos demais desvios da maioria. Essa concepção é, por seu conteúdo, superestrutural e subjetiva, aventureira e sectária. Considera que a frente única é essencialmente uma questão de relação de forças entre partidos.

Para a nossa seção francesa, a possibilidade de propor uma frente única aos partidos reformistas depende da relação numérica que existir entre nossas forças e as deles dentro do movimento operário. Se tivermos menos de um sétimo, não podemos propor a frente. Se tivermos entre um sétimo e um terço, sim, podemos propor. Se tivermos mais de um terço, não necessitamos fazer frente única, porque nos bastamos a nós mesmos.

A frente única é uma tática

Os camaradas da Liga Comunista estão equivocados. Em primeiro lugar, a frente única não é um princípio nem uma estratégia de nosso partido. É uma tática política para situações específicas da luta de classes. Em segundo lugar, como qualquer outra de nossas políticas, deve responder às necessidades profundas de uma etapa do movimento de massas, e não às relações internas entre os diferentes setores do movimento. Em outras palavras: a frente única é uma tática que nós aplicamos quando a situação da luta de classes exige objetivamente que o movimento operário unifique suas forças para enfrentar a burguesia. Depende das relações entre o movimento de massas e os exploradores, não das relações entre os diferentes partidos do movimento de massas. Ou seja, o que determina nossa política de frente única é o fator estrutural (relações entre as classes), não o superestrutural (relações entre os partidos operários).

No entanto, essa política tem um aspecto superestrutural muito importante, que é o modo como se deve propor a frente única. Contra a política oportunista, que propõe a frente única somente às direções e não a propõe às bases para não ter atritos com os dirigentes, e contra a política ultraesquerdista, que a propõe somente às bases e ignora as direções, a política trotskista consiste em propor a frente única às bases e às direções com três objetivos. Primeiro: não romper com as bases dos partidos reformistas ignorando as direções que elas reconhecem. Segundo: promover a pressão das bases sobre as direções para obrigar os líderes

⁶² Intervenção de um camarada da direção da Liga Comunista Francesa na reunião em nossa sede. Em: *Actas*, Arquivos do PST(A).

a aceitar a frente única. Terceiro: esgotar a experiência das bases com as direções reformistas, desmascarando-as por suas vacilações e traições diante da necessidade da frente única, para nos colocarmos como direção revolucionária alternativa.

Mas essa maneira de propor a frente única – sem a qual não existe uma verdadeira política de frente única – não é mais do que uma forma, um aspecto superestrutural. Não é o elemento determinante. O requisito decisivo é que o conjunto do movimento operário sinta uma necessidade tão urgente de se unir que nos obrigue a propor essa política.

Justamente porque a frente única operária responde a uma necessidade objetiva do movimento de massas numa etapa precisa da luta de classes, geralmente é uma tática defensiva. Se a frente única não esteve na ordem do dia na Europa durante anos, não foi por razões numéricas, mas por uma profunda razão objetiva: não houve uma ofensiva brutal dos exploradores a ponto de colocar a necessidade de defender os explorados como um todo. A pobreza relativa (ou riqueza absoluta) dos trabalhadores europeus é o que explica por que a frente única não esteve colocada de forma imediata, para a agitação. Não poderia ter estado e não estará colocada enquanto a classe operária não enfrentar, de forma objetiva, uma ameaça grave e imediata – fascismo, reação, carestia de vida, desemprego, racismo...

Como aplicar a política de frente única? Esse é um problema muito delicado. Como distribuímos nossos militantes? Sobre que setores do movimento de massas atuamos de preferência? Com que palavras de ordem o faremos? As respostas a essas questões dependerão da habilidade das nossas direções e partidos em avaliar a situação objetiva, de nossas próprias forças e da capacidade para distribuir essas forças e propor as bandeiras corretas. Não existe uma resposta geral a esse problema, porque todas as situações são peculiares. O máximo que podemos dizer é que será preciso atuar preferencialmente sobre os setores do movimento nos quais os problemas objetivos se apresentem de forma mais aguda (caso se trate de problemas econômicos ou democráticos parciais, como as questões nacionais) ou sobre os setores que já tiverem demonstrado maior disposição para a mobilização, caso se trate de problemas políticos gerais (perigo de golpe reacionário, por exemplo). A esses setores, devemos direcionar a maior parte e o melhor de nossas forças. Devemos buscar a palavra de ordem específica que expresse no seio do setor escolhido, o problema geral que o movimento de massas estiver enfrentando. Como qualquer outra de nossas políticas, a possibilidade de êxito da frente única depende do transcurso objetivo da luta de classes e, secundariamente, da nossa relação numérica com os demais partidos operários.

A frente única na França

Se propusermos hoje um programa e uma palavra de ordem pela defesa do nível de vida e de trabalho do conjunto do movimento operário francês e com esse eixo chamarmos à unidade duas ou três centrais sindicais, é possível que tenhamos êxito parcial ou total ao final de certo tempo. Isso se as condições objetivas ajudarem e se soubermos corretamente nossa política. Se a ofensiva patronal contra o nível de vida se acentuar cada vez mais, se soubermos aplicar taticamente nos diferentes sindicatos essa estratégia de defesa do nível de vida e de trabalho, concentrando-nos naqueles nos quais há maiores possibilidades de que se lute de forma unitária a curto prazo, essas lutas parciais, unitárias, de frente única, poderão ter êxito.

Caso alguma dessas lutas vença, causará impacto no conjunto do movimento operário francês e poderá levá-lo a uma luta conjunta para frear a ofensiva patronal. Então, nossa política de frente única terá sido vitoriosa.

Na França, já fizemos uma experiência de aplicação de uma concepção reta, subjetiva e superestrutural de frente única. Em 21 de junho de 1973, a organização fascista francesa *Ordre Nouveau* realizou uma manifestação contra os imigrantes argelinos. Nossa seção, a Liga Comunista, havia chamado a realização de uma contramanifestação de esquerda. Ao não encontrar eco, realizou o ato por conta própria. Deu-se, então, um violento enfrentamento com os fascistas. O governo francês aproveitou esse fato para declarar ilegal a Liga e encarcerar Alain Krivine e Pierre Rousset, dois de seus porta-vozes mais destacados. Alguns dias mais tarde, o Comitê pelas Liberdades, organização do Partido Socialista, chamou um ato ao qual compareceram o conjunto da esquerda e umas 15 mil pessoas. Estava formada, de fato, uma frente única de todos os partidos de esquerda, incluindo o PC, contra o governo, a favor das liberdades democráticas. Mas, ainda que o motivo do ato fosse exigir a revogação do decreto de proscricção da Liga, nossos companheiros não puderam falar.

Teria sido outra a situação se tivessem posto em prática uma política de frente única correta e conseqüente. Se a Liga Comunista tivesse transformado sua campanha contra os ataques fascistas e as tendências reacionárias do governo numa campanha permanente pela frente única, dirigida ao PC e ao PS, e se a tivesse mantido constante no decorrer do último ano, o ato teria sido uma vitória espetacular da nossa política. Todos os presentes teriam dito ou pensado: “A Liga tinha razão; era preciso fazer uma frente única, e esta já começou a estruturar-se.”

Os camaradas da Liga talvez não tivessem podido falar de qualquer modo, mas, frente às manobras da direção do PC para tentar impedir que falássemos, as bases do ato teriam se perguntado: “Por que não os aceitam se são os únicos que há mais de um ano vêm afirmando a necessidade de uma ação concreta, não somente um ato, contra o rumo reacionário do governo e os ataques fascistas?” Só esse fato já teria permitido que a base do PC começasse a pressionar sua direção e até a questioná-la.

O mais importante, no entanto, teria sido propor a frente única entre os operários imigrantes. Ainda há tempo de fazê-lo. Com nosso trabalho paciente sobre essas nacionalidades, cedo ou tarde se abriria o caminho para a política de frente única de todas as tendências, para defendê-los dos ataques racistas se esses continuassem.

Mas, se os camaradas da Liga Comunista continuarem esperando uma proporção numérica determinada para só então tomar a política de frente única como tática central do partido, acontecerá novamente o que já ocorreu no ato em defesa da Liga francesa e na Assembleia Popular boliviana: a frente única se formou de fato, sem que a Liga Comunista ou o POR(C) pudessem estender aos trabalhadores o mérito operário e revolucionário de terem sido os que mais agitaram e organizaram a frente única. Quem ficou com todo o prestígio de ter formado as citadas frentes únicas foram o stalinismo, na França, e a burocracia de Juan Lechín, na Bolívia. Pode até ser que a frente única não se forme e, portanto, a derrota do movimento de massas seja inevitável. Além dos dirigentes oportunistas que tiverem se negado a fazer a frente, essa derrota terá como corresponsáveis políticos os camaradas que não tiverem feito da bandeira da frente única sua principal palavra de ordem de agitação no movimento. A derrota terá, então, como origem teórica, a concepção superestruturalista e subjetiva de frente única preconizada pela maioria.

Dois esquecimentos: os militantes profissionais e o centralismo democrático

Germain ataca Camejo de forma raivosa devido à concepção de partido que o segundo defende. O interessante é que Germain não completa o ataque criticando Mandel de forma igualmente raivosa, uma vez que Mandel esqueceu dois pilares da concepção leninista de partido bolchevique: os militantes profissionais e o centralismo democrático. Dois “esquecimentos” que têm explicação. Já vimos que, para Mandel, o desenvolvimento da consciência dos operários avançados acontece pela via intelectual e é produzido por intelectuais: é um processo subjetivo de aprendizagem de filosofia, sociologia, economia e história do marxismo. Ou seja, do “marxismo como ciência”. Esse processo, que só pode acontecer de forma individual, tem seus executores, sempre segundo Mandel, nos intelectuais. O papel destes, como setor de classe, seria levar

[...] para os estratos despertados e críticos da classe operária o que eles não podem levar a cabo por si mesmos, devido ao estado fragmentado de sua consciência: o conhecimento científico que lhes possibilitará reconhecer a verdadeira face da escandalosamente velada exploração e da opressão disfarçada a que são submetidos.⁶³

Sobre que bases objetivas se realiza essa aprendizagem dos “setores despertados e críticos da classe operária”, isto é, da vanguarda operária? Em outras palavras, como um operário de vanguarda organiza a vida para conseguir transformar-se em militante revolucionário? Mandel nos responde, em outro de seus trabalhos, dizendo que um dos privilégios políticos dos “militantes revolucionários” é o de... “dedicar à atividade social uma fração de sua vida muito maior que a dos outros trabalhadores”.⁶⁴

Aqui o camarada Mandel está dizendo – pelo que não diz – que o operário de vanguarda deve continuar na mesma situação objetiva que antes, só que se sacrificando muito mais. Isto é, que deve organizar sua vida da seguinte maneira: cumpre seu horário de trabalho todos os dias na fábrica, depois recebe em sua casa um intelectual que lhe explica e lhe faz estudar o socialismo marxista e trotskista. Depois tem de visitar outros operários ou ir ao sindicato, onde lutará pelos seus companheiros e pelo partido. Em síntese, na transformação de um operário de vanguarda em militante revolucionário, o partido não tem nada a ver. A tarefa de educação no marxismo é dos intelectuais; a tarefa de se virar para sobreviver é do operário, que continua trabalhando na fábrica. Se os intelectuais cumprem sua tarefa e o operário a dele, este terá conseguido o “conhecimento científico” e, portanto, a “consciência”. Isso não é marxismo nem teoria leninista da organização.

Os militantes profissionais

O marxismo é materialista. Lenin também era. Para Lenin, a superação da consciência fragmentada do operário avançado era, em essência, um processo material, não intelectual. Era questão de dar tempo livre ao operário para que este se capacitasse em todos os aspectos (tanto teórico quanto prático) como revolucionário profissional. A militância não era uma penosa e terrível obrigação que se somava as já penosas e terríveis obrigações do operário pelo fato de ser operário. Era uma tarefa que começava por dar tempo livre ao operário avançado para que deixasse de ser o operário “fragmentado” da vida real e começasse a ser revolucionário na vida real também.

⁶³ MANDEL, Ernest. *A teoria leninista da organização*, p. 61

⁶⁴ Mandel, Ernest: “O debate sobre o controle operário”, p. 55.

Lenin, por ser materialista e dialético, não podia conceber que se superasse uma consciência derivada de uma situação material (a alienação do trabalho numa linha de montagem durante oito, onze ou quatorze horas diárias) por meio de cursos. Isto é, enquanto o operário dedicasse tantas horas a um trabalho que lhe era indiferente, dentro de uma cadeia de produção cujo mecanismo desconhecia, para elaborar um produto cujo destino final não lhe importava, sua consciência refletiria essas características de sua atividade. Seria uma consciência fragmentada, parcializada. Os cursos que lhe pudesse oferecer o partido (não os intelectuais como setor social, camarada Mandel!) poderiam aliviar o problema, mas não solucioná-lo. A única forma de resolver o problema seria modificar suas condições de vida material.

A solução altamente marxista que Lenin propõe para esse problema é sua teoria dos revolucionários profissionais. Essa teoria era para ele quase uma obsessão:

Nós não devemos nos preocupar só com as reivindicações que a massa proponha, mas também que da massa de operários se “destaquem”, em um número cada vez maior, estes revolucionários profissionais. Assim chegamos ao problema das relações entre a organização de revolucionários profissionais e o movimento puramente operário. [...] Todo agitador operário que tiver algum talento, que “prometa”, *não deve trabalhar onze horas em sua fábrica*. Devemos organizar-nos de modo que viva por conta do partido. [...] E saberemos fazê-lo precisamente porque as massas que despertam espontaneamente destacam também de seu seio mais e mais “revolucionários profissionais”. [...] Não compreendemos que é nosso dever ajudar a todo operário que se destaque por sua capacidade de se converter em agitador profissional [...] O operário revolucionário, se quiser preparar-se plenamente para seu trabalho, deve converter-se também em revolucionário profissional.⁶⁵

Esse “esquecimento” do camarada Mandel da transformação dos operários em militantes profissionais de vanguarda pelo partido não se limita ao plano teórico. Há a respeito uma estatística muito ilustrativa, que tem ligação com uma polêmica subjacente ainda não formulada, entre os camaradas da maioria e o e o nosso partido. A estatística é a seguinte: de todos os militantes profissionais que têm nossa Internacional, entre 70% e 80% pelo menos pertencem à minoria. Além disso, se tomarmos as direções das duas seções numericamente mais fortes da IV Internacional – a francesa e o partido argentino –, veremos que a proporção de camaradas que vivem ou viveram de uma profissão liberal na Liga Comunista é de vinte ou trinta para um em relação aos camaradas do PST. Ou seja, tomando os cem dirigentes mais importantes da seção francesa e da direção do PST, para cada vinte ou trinta doutores e professores na seção há um no partido argentino. Concretamente, no nosso Comitê Central de 120 membros, há somente três com profissões liberais. Dos quase cem profissionais do partido, 80% foram dirigentes do movimento operário. O Comitê Executivo, a máxima direção de nosso partido, excetuando quatro companheiros, é formado por militantes profissionais que foram importantes dirigentes do movimento operário. Finalmente, há uma tradição em nosso partido (que o vertiginoso crescimento atual nos impede de aplicar ao pé da letra) que estipula que ninguém pode chegar à direção sem ter cumprido dois anos de atividade destacada como militante profissional no seio do movimento operário. Se compararmos outras seções da maioria com o SWP, veremos relações e situações parecidas.

Há um último aspecto do problema dos militantes profissionais. Eles devem ser a base de sustentação do partido. Isso é assim porque a atividade revolucionária exige atenção e aprendizagem totais, e não parciais. Um militante revolucionário integral, um quadro de direção do partido, de uma zona ou de uma frente importante, é aquele que pode resolver por seus próprios meios os problemas políticos (não “científicos”) que lhe sejam colocados em qualquer situação da luta de classes. Deve saber analisar uma situação, formular as palavras

⁶⁵ LENIN, V. I. *Que fazer?*, pp. 177; 179; 208; 209.

de ordem precisas que respondam a essa situação, propor as formas de organização convenientes, distribuir as forças do partido em geral ou em sua zona ou frente, definir os setores fundamentais de trabalho, orientar os eixos da propaganda sobre a vanguarda, dar cursos elementares de formação marxista, captar para o partido e organizar dentro do partido os novos setores que ingressam. Seria absurdo exigir de um só quadro partidário que seja o melhor em todas essas tarefas, pois o trabalho de direção é um trabalho de equipe, em que se combinam as capacidades e as experiências desenvolvidas de modo desigual dos que a integram. Mas um quadro de direção deve ser capaz de dar uma primeira resposta, ainda que seja elementar, a essas, tarefas.

É absolutamente impossível que a especialização como revolucionário integral, marxista, possa ser adquirida de outra forma que não seja tomando essa atividade como uma profissão de verdade. Para isso, é necessário ser um militante profissional, um revolucionário *full time*. E esses militantes profissionais são, insistimos, a base fundamental sobre a qual se assenta o partido. Por isso, é imperdoável que o camarada Mandel tenha se “esquecido” deles.

O centralismo democrático

Quando define partido leninista de combate, Mandel omite o centralismo democrático. Um “esquecimento” não menos perigoso que o anterior. O centralismo democrático é uma forma organizativa essencial num partido bolchevique. Funcionar de acordo com esse princípio significa que, além de uma vida interna democrática, nossa organização precisa de uma direção centralizada, com poder executivo, e de uma disciplina interna rígida.

A disciplina interna estrita e centralizada é necessária por razões objetivas impostas pela própria luta de classes. Primeiro, só poderemos cumprir o objetivo máximo do partido (dirigir-nos ou postular-nos à direção da luta das massas de forma permanente, até a tomada do poder e depois até a construção do socialismo) se formos um exército organizado de forma férrea. Não podemos nos dar ao luxo de presentear o inimigo com o menor relaxamento ou descoordenação de nossas forças. Em segundo lugar, existem os partidos contrarrevolucionários e os grandes aparelhos burocráticos no seio do movimento operário, que também compõem o bloco inimigo. Não podemos reagir com desordem frente a um inimigo organizado, nem sequer em nome da democracia. Diante de um ataque fascista a uma sede, não vamos fazer consultas prévias a todo o partido para decidir qual nossa resposta. Numa assembleia em que a burocracia tenta nos dividir, não esboçaremos posições diferentes, ainda que não tenhamos terminado de discutir em nosso interior o tema em questão.

A necessidade de vida interna democrática tem a ver com a relação objetiva que o partido tem com o movimento de massas e com a dialética dessa relação. O partido precisa de democracia porque a elaboração de sua linha política é uma tarefa coletiva. Não é obra de um ou outro indivíduo inteligente ou preparado em particular, mas do choque das opiniões de todos aqueles que militam no partido, cada um refletindo o setor do movimento de massas sobre o qual atua. Uma vez elaborada, a linha deve ser confrontada com a realidade pela atividade militante de cada equipe, cada indivíduo e do partido como um todo. A atividade prática é o único canal pelo qual podemos obter um “retorno”, por parte do movimento de massas, sobre que aspectos da linha votada são corretos e quais os incorretos. No momento de fazer o balanço da aplicação da linha, a discussão democrática permite que a linha seja retificada.

Sintetizando, a democracia é o aspecto do centralismo democrático que estabelece a relação do sujeito (partido revolucionário) com seu objeto (movimento de massas). É, portanto,

a única garantia de uma elaboração objetiva (científica) calcada na realidade da luta de classes. Mas a fórmula “centralismo democrático” compõem-se de dois polos que, no limite, são antagônicos: o mais absoluto centralismo significa que a direção resolve todos os problemas – desde teoria e caracterizações até os mais ínfimos detalhes táticos, passando pela linha política geral. Quando isso é levado à prática, a democracia desaparece. Simultâneo a isso, a mais absoluta democracia leva a que todos esses mesmos problemas se resolvam por discussões que só podem acontecer num permanente estado coletivo de deliberação. E, com isso, desaparece o centralismo.

A proporção com que cada elemento contribui para essa combinação, a cada momento, não pode ser fixada de antemão. Isso não é uma receita nem uma fórmula aritmética. Não é possível estabelecer, por exemplo, que o partido seja constantemente 50% centralista e 50% democrático ou algo parecido. Nossos partidos são organismos vivos, em processo permanente de construção, razão pela qual o centralismo democrático é uma fórmula algébrica. A combinação específica entre os elementos centralista e democrático varia de acordo com o momento da construção partidária e, em cada momento, deve ser redefinida com cuidado.

Como fazer para encontrar essa correta proporção? Temos hoje em nossa Internacional uma discussão pendente com os camaradas Frank e Krivine. Eles são da opinião de que agora é preciso fortalecer o polo centralista da fórmula, enquanto nós acreditamos que é necessário reforçar o polo democrático. Daremos um primeiro passo nessa discussão.

Uma das grandes virtudes da fórmula leninista é, justamente, seu caráter algébrico. Ou, em outras palavras, o fato de que submete sua própria quantificação aritmética às circunstâncias da luta de classes e do desenvolvimento do partido. Para conseguir precisá-la de forma quantitativa, será necessário levar em conta como um dos elementos essenciais o prestígio político da direção do partido diante da base. De nodo esquemático, quanto maior prestígio, maior centralização.

Quanto maiores forem os acertos políticos da direção, maior será a confiança da base nessa direção. Quanto maior for a confiança, mais fortes serão a disciplina e a centralização. Inversamente, erros – ou acertos em menor escala – provocam desconfiança. E essa desconfiança atenta contra a disciplina e a centralização, quer o reconheçamos ou não. Em última instância, a fórmula do centralismo democrático é político-moral-organizativa. Não é uma fórmula isolada da luta de classes e do desenvolvimento do partido, mas intimamente ligada a ambos. Não se confunde com esses dois fatores, porque, mesmo nos piores momentos de uma direção, devemos nos esforçar, de forma consciente, para manter o centralismo, do mesmo modo como devemos cuidar para que, mesmo em seus melhores momentos, continue havendo democracia. No entanto, ainda que não se confunda com os ziguezagues da luta de classes e do processo de construção partidária, a concretização aritmética da fórmula centralista democrática está, insistimos, fortemente influenciada por aqueles dois elementos.

Nós estamos construindo a arma revolucionária mais formidável que a história já conheceu: um partido mundial bolchevique. Justamente por isso, a tarefa é tão difícil e leva tanto tempo. Nesse processo de construção partidária, impõe-se, na etapa atual, fortalecer o polo democrático, não o centralista. Isso porque nossas direções, tanto as nacionais quanto a internacional, ainda não tiveram êxito suficiente como dirigentes do movimento de massas que as fizessem acumular grande prestígio diante da base de nossas seções. Somente o prestígio poderia fortalecer o polo centralista e disciplinado. Enquanto tal prestígio não existir, o aspecto democrático deve predominar.

Isso não quer dizer que devemos abandonar todo o centralismo, toda a disciplina. Devemos continuar sendo centralistas e democráticos, mas dando ênfase ao fator democracia. A

luta atual entre duas tendências, constituídas em frações delimitadas de forma nítida, comprova que nossa análise se ajusta à realidade e às necessidades da IV Internacional. Tentar impor um forte centralismo em meio ao embate entre duas frações que divergem em aspectos fundamentais da política, implicaria, fatalmente, na ruptura da Internacional, qualquer que fosse a fração que ganhasse a direção no próximo congresso.

Voltemos ao partido leninista-trotskista

A acusação mais original que faz Germain é a que lança contra a definição de partido revolucionário elaborada por Camejo. Segundo Germain, Camejo atribui à organização as mesmas características dos partidos social-democratas de antes da Primeira Guerra Mundial. Lembremos que, para Camejo, o partido revolucionário

[...] tenta promover lutas de massas, dando a estas confiança em suas próprias forças, ao mobilizá-las por reivindicações transitórias, democráticas ou imediatamente relacionadas com seu nível de consciência atual [e] incentiva qualquer forma de luta que seja apropriada, lançando mão de táticas que vão das marchas pacíficas à luta armada (incluindo a guerra de guerrilhas).⁶⁶

Para Germain, estas seriam, então, as características de um partido social-democrata.

No entanto, Mandel – o professor de Germain – assegura que a democracia do período anterior à Primeira Guerra Mundial estava caracterizada, por um lado, por “... atividades eleitorais e parlamentares e, por outro, por uma luta por reformas imediatas de natureza econômica e sindical”.⁶⁷ Os camaradas Mandel e Germain por acaso concordam que as “reformas imediatas” e as “atividades eleitorais e parlamentares” constituem o contrário de “lutas de massas” e de mobilização “por reivindicações transitórias, democráticas e imediatas”? Qual desses tipos de atividades a social-democracia realmente levava adiante? Seria recomendável que, em pouco tempo, Mandel e Germain se encontrassem para chegar a um acordo sobre essa questão. Tal tarefa não será fácil, porque suas divergências não terminam aí: Mandel, em seu *A teoria leninista da organização*, afirma que a atual política do stalinismo é similar à da velha social-democracia. Como vimos antes, Germain considera que a definição de Camejo de partido revolucionário também se encaixa na definição de social-democracia. Por caráter transitivo, se Germain é igual a Mandel, a definição de Camejo é igual a stalinismo. Conclusão para Mandel-Germain: os partidos stalinistas contemporâneos

[...] são construídos sobre a base de um programa revolucionário, incentivam a luta de massas, dando a estas confiança em suas próprias forças, ao mobilizá-las por reivindicações transitórias, democráticas ou imediatamente relacionadas com seu nível de consciência atual; o partido incentiva qualquer forma de luta que seja apropriada, lançando mão de táticas que vão das marchas pacíficas à luta armada (incluindo a guerra de guerrilhas); procura dirigir a classe operária e seus aliados em direção ao poder do Estado como seu objetivo fundamental, mas não substitui as massas. Cada partido nacional é parte de um único partido internacional do proletariado mundial.⁶⁸

Se Germain tivesse deixado explícita essa opinião, nosso movimento teria explodido em gargalhadas unânimes e estrondosas. Todos teriam compreendido que a descrição de Camejo é efetivamente a de um partido revolucionário, trotskista, oposta pelo vértice à definição de partido stalinista e reformista. Para evitar essa compreensão, Germain tenta confundir os companheiros jovens, assegurando que a descrição de Camejo coincide com o que faziam e diziam os sociais-democratas de antes da guerra – a quem os jovens camaradas não conheceram diretamente como conhecem os stalinistas. Mas a manobra lhe saiu mal quando esqueceu

⁶⁶ GERMAIN, Ernest. *Em defesa do leninismo, em defesa da IV Internacional*, p. 91.

⁶⁷ MANDEL, Ernest. *A teoria leninista da organização*, p. 38.

⁶⁸ GERMAIN, Ernest. *Em defesa do leninismo, em defesa da IV Internacional*, p. 91.

(o que tem ocorrido com muita frequência) que seu mestre Mandel tinha afirmado que o stalinismo tem atualmente a mesma política que já teve a social-democracia. O que fazemos aqui não é mais do que cortejar a afirmação do discípulo com uma do professor, jogando luz sobre a falsidade da acusação contra Camejo.

Só existe um programa revolucionário

Camejo diz: “O partido se constrói ao redor de um programa revolucionário.” Germain responde: “Um programa do partido revolucionário? Além do mais, o programa de Erfurt da social-democracia alemã não foi corrigido e aceito pelo próprio Engels?”⁶⁹

Concretamente, **Germain não acredita que o programa revolucionário seja a essência do partido revolucionário; não acredita que esse programa seja a primeira característica do partido.**

Trotsky, no entanto, diz, de forma categórica, o mesmo que disse Camejo: “Não é possível formular os interesses de classe de outra maneira que não seja através de um programa, assim como não é possível defender um programa se não for através da criação de um partido.”⁷⁰

Não sabemos se Germain é favorável ou contrário a essa afirmação, mas sabemos que, no desprezo que sente pelo conceito de programa revolucionário como base de sustentação do partido, existe um típico equívoco idealista: acreditar que um programa pode ser sempre o mesmo, independentemente das etapas da luta de classe. Essa é a razão da recordação do programa de Erfurt, analogia que ele não leva às últimas consequências.

Acontece que o programa não é independente das etapas. Muda de acordo com elas e supera-se no ritmo das lutas da classe operária e das mudanças na situação objetiva. O programa de Erfurt foi revolucionário para uma etapa do capitalismo e da luta de classes: começou a deixar de sê-lo e acabou superado por outro programa que, é lógico, era imposto pela nova situação. Basta dizer que o programa de Erfurt não definia o imperialismo.

O mesmo ocorreu com os programas mínimos dos partidos social-democratas. Foram úteis, “revolucionários” para a etapa da organização política e sindical da classe operária. Foi um processo que se desenvolveu durante a primeira fase da época imperialista e que possibilitou melhoras reais no nível de vida dos trabalhadores dos países metropolitanos. Naquele momento, e graças à proposta de organizar a classe politicamente, de forma independente, os programas socialistas foram úteis e “revolucionários”. Mas única e exclusivamente naquele momento e nesse sentido.

Os grandes líderes e intelectuais que levaram adiante aquela tarefa progressiva – os Bebel, Kautsky, Jaurés – viveram o mesmo processo que vitimou os programas socialistas: passaram de progressivos a centristas; e de centristas, a oportunistas. Os programas e os líderes confirmaram, assim, uma tendência objetiva. Sobreviveram como direção e programa, depois de terem deixado de ser progressivos e revolucionários, devido ao peso da inércia e à existência, naqueles países, de uma aristocracia operária agente do imperialismo que lhes deu sustentação.

Com sua concepção idealista e estática, Germain contrapõe ao programa algo para ele muito mais importante: “as perspectivas e as lutas revolucionárias”. Essa oposição é incompreensível. **Não pode haver um programa revolucionário que não seja justamente a síntese das tarefas colocadas, numa determinada época, pelas perspectivas e pelas lutas revolucionárias dessa mesma época da luta de classes.** Quando essas lutas e essas perspectivas não

⁶⁹ Idem, p. 91.

⁷⁰ TROTSKY, Leon. “O ultimatismo burocrático”. Em: *A luta contra o fascismo na Alemanha*, p. 111.

estiverem contempladas no programa, tal programa terá deixado de ser revolucionário. Ou nunca terá sido, como o de Bernstein.*

Nesta época de transição do capitalismo para o socialismo e de decadência do sistema mundial capitalista, só existe um programa que coloca as tarefas que surgem das “perspectivas e lutas revolucionárias”: nosso *Programa de Transição*. Diga o que disser Germain, nosso programa é a base de todo partido revolucionário contemporâneo. Sem ele, não pode haver partido revolucionário.

O que é a IV Internacional para Germain?

Camejo diz que “cada partido nacional faz parte de um único partido internacional do proletariado mundial”. Germain responde: “A necessidade de ‘fazer parte de um partido internacional do proletariado mundial’... Não foi a social-democracia alemã o principal alicerce da II Internacional?”⁷¹

O que Germain quer dizer com isso? A condição colocada por Camejo seria falsa porque a social-democracia alemã foi o alicerce da II Internacional? Essa constatação, aliás, só consegue demonstrar que existiu uma II Internacional cujo partido mais forte, que teve papel dirigente, foi o alemão. A constatação não prova que Camejo está equivocado. Talvez Germain faça a analogia porque vê na II Internacional um “partido internacional do proletariado mundial” do qual faziam “parte” os partidos social-democratas nacionais...

Esta é a única explicação racional. O silogismo seria o seguinte: houve um “partido internacional do proletariado mundial”, que foi a II Internacional; a social-democracia alemã fazia parte dele e era seu alicerce; a social-democracia alemã não era revolucionária, mas oportunista; portanto, o requisito defendido por Camejo para que um partido seja revolucionário, o de que faça parte de um partido internacional do proletariado mundial, não é tão importante. Afinal, a social-democracia alemã cumpriu o citado requisito e nem por isso tornou-se um partido revolucionário.

Infelizmente, o silogismo está furado na base. Até hoje, todo o movimento trotskista considerou, como considerava Trotsky, que a II Internacional foi uma “soma de partidos nacionais”, nunca um “partido internacional do proletariado mundial” do qual fazem parte os partidos e as seções nacionais, como interpreta Germain. O concreto é – e Camejo tem razão novamente – que o fato de fazer parte de um “único partido internacional do proletariado mundial” é um requisito indispensável para que qualquer partido nacional seja realmente um partido leninista de combate. O único partido mundial que existe, o único que pode chamar-se assim porque não é uma federação de partidos nacionais, é nossa IV Internacional.

As características essenciais dos partidos leninistas-trotskistas

Em meio a toda essa discussão sobre as características e o papel de nossos partidos, somos obrigados a referendar as seis características expostas por Camejo – que não repetiremos – e somar a elas outras quatro, tão essenciais quanto as primeiras para os partidos leninistas-trotskistas:

Primeira: Antes de traçar uma linha política para uma etapa – com estratégia, táticas, propaganda e agitação, programa e palavras de ordem – o partido faz uma análise marxista,

* *Bernstein*, dirigente da social-democracia alemã, foi um dos mais importantes teóricos do revisionismo.

⁷¹ GERMAIN, Ernest. *Em defesa do leninismo, em defesa da IV Internacional*, p. 92.

científica, das relações entre todas as classes e sua provável dinâmica. Essa análise deve sintetizar-se em definições precisas sobre o caráter da etapa. O partido repudia a análise obreirista que leva em conta fundamentalmente as relações internas ao movimento de massas para definir a etapa. Também rechaça a análise economicista, que pretende extrair dos processos internos à economia burguesa as características da etapa. Finalmente, o partido repudia a ausência de análise que advém da inversão do processo, quando se fixa primeiro à estratégia ou quando as definições se baseiam no que quer ou pensa a vanguarda, para depois se inventar uma pseudoanálise que justifica a estratégia previamente traçada.

Para fazer uma análise marxista, o partido utiliza a ferramenta conceitual mais aperfeiçoada pelo marxismo – a lei do desenvolvimento desigual e combinado.

Segunda: A política do partido dirige-se a todo o movimento de massas, com todos os seus setores, ainda que reflita os interesses da classe operária e procure a esta como caudilho da revolução. A atividade partidária concentra-se no movimento de massas e não na vanguarda. O objetivo é mobilizar as massas e não a vanguarda (Camejo assinala essa característica, mas não enfatiza o suficiente que o partido se propõe a levar a classe operária ao papel de caudilho da revolução).

A política partidária tem uma **teoria-programa, o da revolução permanente**, que se resume numa frase: o objetivo do partido é mobilizar a classe operária e as massas de forma permanente até a sociedade socialista. E **tem também um programa e um método, o programa de transição**, que igualmente pode ser resumido numa frase: **o partido deve levantar aquelas bandeiras que mobilizem as massas contra os exploradores, partindo das necessidades e da consciência imediatas das massas e aumentar tais reivindicações à medida que a própria mobilização eleve a consciência das massas e as faça criar novas necessidades, até culminar na palavra de ordem e na luta pela tomada do poder.**

Terceira: Dentro do movimento operário e de massas, o objetivo do partido é transformar os elementos de vanguarda em militantes profissionais como única maneira de transformá-los em revolucionários trotskistas completos, uma vez que o trabalho alienante os impede de chegar a esse patamar. O objetivo na vanguarda tem a ver com outro objetivo muito mais geral: o partido deve ter como coluna vertebral os militantes profissionais, porque fazer a revolução deve ser e é uma atividade total, não um *hobby*, uma atividade de lazer ou intelectual.

Não há partido com diletantes, amadores, membros das profissões liberais, mas com militantes profissionais surgidos, em sua maioria, do movimento de massas, principalmente do movimento operário.

Quarta: A construção de cada partido é parte da construção do partido mundial da revolução socialista. Tanto o partido nacional quanto o partido mundial constroem-se sob a vigência do centralismo democrático. É obrigatória a mais rígida disciplina partidária. Em primeiro lugar, porque sua aspiração de dirigir as massas na luta contra os exploradores exige que atue como um só homem, sem a menor vacilação. Em segundo lugar, porque tem de levar adiante uma batalha feroz contra os aparelhos burocráticos. Essa centralização, no entanto, deve existir junto a um funcionamento democrático, porque a elaboração democrática da linha política é a única garantia de que esta expresse as necessidades e o nível de consciência do movimento de massas e porque a discussão democrática dos resultados de aplicação da política é a única garantia de que esta seja ratificada, total ou parcialmente, com a mesma objetividade.

A centralização deve existir simultaneamente às maiores garantias morais e de lealdade militante. Também está ligada ao prestígio político que a direção que a aplica já tenha conquistado, uma vez que o centralismo não é um juramento ou um compromisso meramente moral; tem consequência política. Por isso, **quanto menor o prestígio da direção, maiores devem ser as garantias democráticas.** A fórmula adquirirá diferentes conteúdos de acordo com as etapas da construção do partido leninista-trotskista nacional ou mundial e da consolidação de suas direções.

As dez características do partido leninista-trotskista podem ser resumidas numa só: a relação entre a mobilização das massas e da classe operária com o partido revolucionário. Os dois polos essenciais do movimento são o movimento operário e de massas e o partido. São os dois polos que dividiram a esquerda europeia do início do século. Rosa Luxemburgo* e Trotsky consideraram que a mobilização das massas era onipotente. Lenin não chegou a acreditar que o partido fosse, mas alguns de seus discípulos assim pensaram. O mérito de Lenin foi compreender que um único polo – a mobilização da classe e das massas – era total e absolutamente insuficiente se não existisse ao mesmo tempo o outro polo – o partido.

Quando o refluxo do movimento operário dos países mais industrializados e o *boom* econômico do pós-guerra dificultaram ao máximo o trabalho revolucionário sobre o movimento de massas, surgiram tendências seguidistas das organizações burocráticas do movimento, que defendiam a necessidade de abandonar por um longo tempo a tarefa de construir o partido revolucionário. Naquele momento, lutamos de forma dura contra aquelas tendências, reivindicando a necessidade de continuar na tarefa central de construir o partido.

Atualmente, quando o revolucionário mais grandioso que a história já conheceu dá seus primeiros passos, surgem concepções pequeno-burguesas, subjetivas, que tendem a atribuir o papel fundamental à vanguarda, à organização armada ou ao heroísmo dos dispostos à luta. Contra essas concepções subjetivas da revolução, é preciso reafirmar que o fator decisivo é a mobilização das massas, e que o móvel dessas mobilizações são as profundas necessidades objetivas, que existem independentemente de nossa vontade. Reafirmamos também que existe uma relação dialética, dinâmica, entre o movimento de massas e o partido revolucionário que dirigir essas mobilizações. Essas são as razões pelas quais mantemos a única estratégia que permanece mesmo quando mudam as condições da luta de classes: mobilizar as massas e construir o partido bolchevique leninista-trotskista.

* Rosa Luxemburgo (1870-1919), socialista revolucionária de origem polonesa, liderança revisionista da social-democracia alemã, principal partido da II Internacional. Foi assassinada, junto com Karl Liebknecht pelo governo dirigido pela social-democracia.

Conceitos políticos básicos

Nahuel Moreno

[...]

Os acordos, pactos, unidades de ação e as frentes

As infinidades de táticas para fazer acordos, unitários e frentistas são muito importantes, tanto para as tarefas de construção do partido quanto para a mobilização das massas. O terreno específico da primeira tarefa dará lugar, em todas as situações da luta de classes, a vários acordos e, tal como voltaremos a insistir mais tarde, consideramos que **a tática da frente única revolucionária com as correntes e organizações operárias, políticas ou sindicais, centristas de esquerda ou progressivas, que enfrentam ou vão colocando-se no caminho do enfrentamento com as direções traidoras, reformistas ou burocráticas, é de vida ou morte para o desenvolvimento da direção revolucionária, ou seja, para a construção do partido.**

Na etapa do ascenso nas lutas, e muito mais certo em sua máxima expressão – a situação e a crise revolucionária –, coloca-se, com toda sua importância a questão da unidade para a luta, a unidade para a mobilização. Nesses momentos, as táticas unitárias são mesmo decisivas para fazer avançar e aprofundar a mobilização e fazer com que não apenas sejam contra a burguesia, como também contra seus dirigentes dentro do movimento de massas, as direções traidoras, e para desenvolver o rumo à esquerda das correntes centristas espontâneas ou organizadas de esquerda.

Poderíamos fazer o seguinte resumo superesquemático:

Primeiro: a ação operária e de massas, a mobilização, é um processo objetivo para um partido como o nosso, e é nossa obrigação intervir nela.

Segundo: isso se concretiza ou significa dar a ela bandeiras para a ação.

Terceiro: nessas ações e mobilizações, nós priorizamos o fortalecimento das ações e das mobilizações operárias ou dos setores operários nas mobilizações populares.

Quarto: nessas ações e mobilizações de massas objetivas podem intervir, obrigados pela pressão do movimento ou por necessidade própria, direções traidoras, reformistas ou burguesas, e nós não renunciamos a intervir nesses processos da luta e da mobilização porque intervêm ou porque, como ocorre hoje em dia na maioria dos casos, são essas direções traidoras e não operárias quem dirigem.

Quinto: podemos fazer qualquer tipo de **acordo, pacto ou unidade de ação** com essas direções traidoras ou burocráticas (ou até frentes, se são operárias), se servem para a mobilização e se não significam nenhum cerceamento de nossa **total independência**, se não nos implica nenhum tipo de diplomacia nas críticas ou inclusive, freá-las, já que o momento de mobilização é justamente quando mais críticas temos de fazer a essas direções.

Sexto: toda ação e mobilização profunda de massas origina inexoravelmente um deslocamento à esquerda dentro das correntes traidoras e burocráticas, de lutadores ou correntes

operárias centristas progressivas, que vão para posições de independência de classe, de democracia operária e mobilização consequente, de têm que ser o **objetivo privilegiado de nossas táticas unitárias e frentistas seja no terreno sindical ou no político**, já que seu fortalecimento é a melhor ajuda para enfraquecer a direção traidora, para a vitória da mobilização e para a construção do partido.

A tática é unidade-enfrentamento

Nós conhecemos, dentro do movimento trotskista, grupos que poderíamos chamar a vertente sectária, que repudiam de forma sistemática a intervenção em comum com outras organizações ou com as direções traidoras, que estão obcecados em manter seu mais absoluto isolamento e pureza. Nós sabemos também que existe outra vertente, também equivocada e muito mais grave, que é o oposto, o “acordismo”, ou diretamente o apoio a correntes stalinistas, pequeno-burguesas burocráticas ou diretamente burguesas nacionalistas. É o caso do mandelismo, corrente internacional do trotskismo agrupada em torno de Ernest Mandel e que se autodenomina Secretariado Unificado. Eles insistem na tendência à unidade e ao apoio durante anos às direções de correntes pequeno-burguesas, burocráticas, stalinistas ou nacionalistas burguesas, como fizeram com o apoio a Tito na Iugoslávia entre 1948 e 1951, com o apoio ao maoísmo, com “entrismo *sui generis*” na Europa, que significou viver de forma vegetativa dentro dos partidos comunistas durante 18 anos, o apoio à direção da FLNA na Argélia, ao castrismo e agora ao sandinismo.

Em nível mundial, os mestres da “unidade”, não como tática ou necessidade revolucionária, mas como armadilha mortal para levar a luta operária à conciliação de classe, à capitulação à burguesia, à coexistência pacífica com o imperialismo, é sem dúvida o Partido Comunista da URSS e seus agentes em cada país, os partidos comunistas nacionais, ou seja, o stalinismo. Seu poderio e periculosidade provêm do fato de que são organizações políticas dominadas pela burocracia contrarrevolucionária de um Estado operário, o que lhes dá uma identidade social com os trabalhadores de todo o mundo, um caráter operário a seus agentes nacionais, além da particular composição social de cada um deles (como, por exemplo, o PC argentino, que apenas de forma muito minoritária tem base operária; e em sua maioria pequeno-burguês, inclusive burguês). Por definição, tanto o Partido Comunista da URSS quanto os partidos comunistas nacionais correspondentes, que determinam sua política nacional segundo a orientação da política exterior da URSS, são organizações que entram na classificação de “operárias” porque seu apoio social essencial é o Estado operário. No entanto, essa definição é insuficiente: são organizações operárias burocráticas, dominadas pela camarilha burocrática soviética, que domina o Estado operário e o PCUS, e pelas diferentes camarilhas nacionais agentes de Moscou. Todos esses burocratas têm como objetivo não a defesa dos interesses dos trabalhadores da URSS, dos estados operários de todo o mundo, não a derrota do imperialismo e o triunfo do socialismo no mundo, mas sim a defesa de seus privilégios burocráticos. Por isso, sua afinidade não é com os explorados do mundo – os trabalhadores – mas com os outros privilegiados, os exploradores dos pulsos capitalistas e imperialistas. Por isso, se unem diretamente ou capitulam ao imperialismo na política contrarrevolucionária de derrotar ou desmobilizar as lutas revolucionárias das massas em todo o mundo. Sua política, sintetizada no lema de Moscou da “coexistência pacífica”, busca manter um equilíbrio com o imperialismo e impedir que surjam e se desenvolvam direções operárias independentes e revolucionárias, já que o triunfo das massas encabeçadas por uma nova direção revolucionária significaria o fim do sistema capitalista, do imperialismo, e o fim de todos os privilégios, sejam burgueses, sejam burocratas.

Nesse sentido, o mandelismo é um aspecto do que criticamos acima. É a ala do movimento trotskista que reflete o impacto produzido na classe média, estudantil e universitária,

em especial na Europa, pelos processos revolucionários nos quais direções pequeno-burguesas, burocráticas ou stalinistas tomaram o poder. O mandelismo, ao invés de implementar uma política trotskista correta e consequente, capitula a essas direções, adaptando-se a elas.

Voltando ao stalinismo, sem fazer uma história detalhada, recordemos o nascimento formal, na década de trinta [1930], da unidade policlassista das *Frentes Populares*: a unidade política, unidade para governar, com a burguesia (e, certamente, com a pequena-burguesia) segundo eles, “democrática”, em particular nos países imperialistas, com a qual empurraram as lutas operárias à conciliação de classes e à capitulação ao governo burguês. Na lista das traições stalinistas, as derrotas das revoluções operárias na Espanha e na França, nessa década, correspondem à clássica política da Frente Popular.

Esse impulso inerente à política stalinista, de se unir à burguesia, manteve-se no pós-guerra e até os dias de hoje. Onde podem, incorporaram-se a governos burgueses – imperialistas ou não – como na Itália e na França no pós-guerra e depois no Chile, no Panamá, outra vez na França e na Bolívia, mas também existem países nos quais passaram anos e anos sem conseguirem algum burguês disposto a unir-se a eles ou a quem apoiar (por exemplo, no México e, nos últimos anos, na Argentina). De qualquer forma, desde a década de cinquenta [1950], a partir da qual iniciou a crise do stalinismo mundial, e muito em particular a partir do triunfo da Revolução Cubana, foram esboçando-se políticas diferentes da ortodoxia frentepopulista dos anos trinta.

Na América Latina, a vitória do Movimento 26 de Julho, em janeiro de 1959, que como já dissemos era uma direção pequeno-burguesa nacionalista oposta a Moscou, deu origem ao primeiro Estado operário do continente e ocorreu sem nenhuma participação dos comunistas, pois o raquítico PC cubano esteve na trincheira oposta, ao lado do ditador Batista contra os castristas. Apesar de, com os anos, Moscou e os stalinistas terem se apossado do processo revolucionário cubano, o triunfo de Cuba socialista sem eles foi um duro golpe para o stalinismo mundial.

Em julho de 1979, os sandinistas tomaram o poder na Nicarágua, num governo de coalizão com a burguesia antissomozista. A FSLN, na qual coexistiam três correntes, era independente de Moscou, e a maioria do PS nicaraguense, que era o partido local fiel a Moscou, apoiava Somoza contra os sandinistas. Aparentemente, esse segundo “erro” grosso da política stalinista para a América Latina vem gerando uma discussão desde as altas esferas de Moscou até os distintos PCs da América Latina. Dizemos aparentemente, porque, no momento, temos pouca documentação, estamos apenas começando a investigar. Por exemplo, um tal Kiva Maydanik, membro da Academia de Ciências da URSS, publica, imediatamente depois da queda de Somoza em 1979, um artigo na revista *América Latina*, no qual diz que é necessário estender o conceito de “revolucionário” a outras forças radicais além dos comunistas (ainda que em seu artigo ele exclua os “trotskistas” e os “maoístas”), que o processo nicaraguense mostrou que é possível a correta unidade orgânica entre diferentes correntes (referindo-se às três correntes da FSLN) e que o grande ensinamento da vitória nicaraguense é a necessidade da “unidade dos partidos comunistas com aquelas forças insurrecionais que durante decênios têm sido chamadas, por inércia, *ultraesquerdistas*” (grifo nosso).

Acrescenta que é imprescindível hierarquizar a importância dos dois tipos de unidade que estão colocados, “*a das forças de esquerda e a ampla unidade democrática*” e que “*a unidade da esquerda constitui o elo principal, decisivo, para impulsionar o processo revolucionário* (grifado no original)”. E, para que não fiquem dúvidas, continua: “*E quanto mais ampla – no plano nacional e internacional – é a frente potencial das forças antiditatoriais e antifascistas, tanto maior será o imperativo da unidade da esquerda*”. Sem nenhuma dúvida, a discussão é importante, porque, segundo a política que propõe esse artigo, Moscou teria dado uma ordem

oposta a seu partido cubano vinte anos atrás, em 1958-1959 (unir-se aos castristas ao invés de enfrentá-los e apoiar o ditador Batista), ou ao PS nicaraguense em julho de 1979, que atacou os sandinistas. O autor propõe adotar a orientação dos cubanos, dos salvadorenhos e do PC uruguaio, que já vinham dizendo que, ao tratar-se de uma política para o poder, o primeiro passo para a unidade mais ampla é a unidade das forças de esquerda.

Qual é a política que os salvadorenhos propõem, com a qual coincidiria o estrategismo soviético? Segundo seu secretário-geral desde 1973, o comandante Schafik Handal, desde 1976, “corresponde ao Partido do Comunista salvadorenho o mérito de ter agitado primeiro e defendido de forma mais sistemática a bandeira da unidade de esquerda”²⁴. Vejamos como explica essa política tão peculiar do PC em relação às políticas mais tradicionais dos diversos partidos comunistas do continente:

É curioso e sintomático que os partidos comunistas tenham nos demonstrado nos últimos decênios uma grande capacidade para nos entendermos com o vizinho do lado direito, enquanto em troca, não conseguimos, na maioria dos casos, estabelecer relações, alianças estáveis e progressivas com nossos vizinhos da esquerda. Entendemos perfeitamente todos os matizes que vão desde nós mesmos até a direita, suas origens, seu significado etc., mas com relação a quem está à nossa esquerda, não somos capazes de compreender a essência em si do fenômeno de sua existência e características, nem seu significado histórico objetivo, nem nossas tarefas para eles. Nós, os comunistas latino-americanos, não tivemos, durante muito tempo, uma linha consistente e sistemática para unir todas as forças de esquerda, inclusive a esquerda armada.

Não há nada de depreciativo nem menosprezível na denominação “vizinhos de direita”. É apenas um recurso para enfatizar a exposição destas ideias. Dos comunistas salvadorenhos nos orgulhamos e nos sentimos honrados pela amizade de uma grande parte destes aliados, firmes e consequentes lutadores pelos ideais democráticos, de independência e progresso social.

Em síntese, a política unitária, cujo modelo é o PC salvadorenho e que o estrategista de Moscou considera acertada, pode ser sintetizada em que, como existem “organizações revolucionárias nascidas fora das estruturas” dos partidos comunistas – e Handal diz que isso se deve não somente aos “erros reformistas” de alguns PCs, mas também às razões objetivas – não é correto fazer unidade somente com a direita, mas também com a esquerda. Mais ainda, essa unidade da esquerda é o primeiro passo, decisivo, para conseguir também a unidade mais ampla de “todas as forças antiditatoriais e antifascistas”. É a política pela qual se desenvolveu a FDR/FMLN em El Salvador, onde conseguiram a unidade político-militar dos lutadores operários e pequeno-burgueses de quatro organizações guerrilheiras e o PC salvadorenho com um importante setor burguês, encabeçado pelo sinistro agente do imperialismo, o burguês Guillermo Ungo, e com o qual conseguiu não somente tirar o PC salvadorenho da crise e da marginalidade, como também, e muito importante, impedir por enquanto a queda do regime de Duarte, a derrota de seu exército genocida e a tomada do poder em El Salvador pelas heroicas massas em luta que seguem a FMLN.

Ao contrário dos partidos comunistas, que utilizam as necessidades e os desejos de unidade para diluir as fronteiras de classe, para fortalecer as direções não operárias ou burocráticas e para salvar os regimes burocráticos e o próprio capitalismo ou, ao contrário de Mandel e seus seguidores, que capitulam constantemente a essas direções, **para nós, a unidade exige sempre a delimitação de classe e a definição crítica do tipo de direção à qual estamos nos unindo circunstancialmente.** Por isso, as táticas de unidade de ação ou frentista com direções stalinistas, ou pequeno-burguesas, ou operárias burocráticas (muito mais se são burguesas!) são *uma combinação, desde o início e a todo momento, de unidade e de enfrentamento, de ruptura*. Porque nós intervimos na ação, na mobilização, é óbvio, para enfrentar e derrotar o

²⁴ Tanto esta como as demais citações de Handal correspondem ao artigo “O poder, o caráter e a via da revolução e a unidade da esquerda”, de dezembro de 1981, publicado como suplemento especial de *El Combatiente* nº 318.

imperialismo, o capitalismo e os exploradores, mas ao mesmo tempo para enfrentar, enfraquecer e se possível derrotar essas direções inimigas irreconciliáveis da organização independente e democrática dos trabalhadores e da vitória revolucionária. Isso é decisivo, porque a mobilização é justamente o melhor momento para enfrentar essa sífilis que corrói por dentro o movimento operário, o momento no qual se dão as condições para varrê-la.

Por isso dizemos que é uma tática muito complexa, muito contraditória, que temos de adotar com muito equilíbrio. Por um lado, para ajudar a ação e a mobilização, fazemos todo tipo de acordos e nos parece extraordinário que intervenham todas as forças operárias, mesmo que sejam organizações stalinistas ou burocráticas. E de acordo com o tipo de luta, inclusive as não operárias, como as pequeno-burguesas ou burguesas que circunstancialmente estejam enfrentando o governo burguês ou o imperialismo. Porém esses acordos têm de estar sempre combinados, têm de ser parte de uma estratégia de delimitação de classe e de enfrentamento com essas direções. Ou seja, entre o acordo e o enfrentamento, se chega o momento em que se coloca de forma aberta essa contradição, nós continuamos denunciando essas direções, mesmo que o acordo rompa. É imprescindível que isso seja discutido muito bem, porque, ao contrário, corremos o risco de cair num erro muito comum, de tipo mandelista: silenciar nossas críticas a esses burocratas traidores ou pequeno-burgueses ou apoiá-los diretamente em sua política antioperária pelo fato circunstancial de haver pontos em comum de luta. Ao fazê-lo, somente conseguiríamos enfraquecer essa luta, confundir as bases e a vanguarda e livrar a cara da direção traidora. Recordemos, por exemplo, a atuação da Brigada Simon Bolívar na revolução nicaraguense. Os combatentes da BSB lutaram – e três deram sua vida – junto à FSLN para derrotar Somoza. Tiveram o mérito e o heroísmo de libertar a primeira cidade da costa atlântica, o porto de Bluefields. Quando Somoza foi derrotado, os dirigentes sandinistas impuseram um governo formado pelos comandantes e a burguesia antisomozista (Violeta Chamorro e Robelo). A Brigada, por sua vez, lançou-se à organização sindical independente dos trabalhadores. Em menos de um mês, o acordo que existia e que havia permitido à Brigada ter um amplo local em Managua, foi pelos ares, já que os brigadistas não renunciaram, como exigia a direção sandinista, a impulsionar a organização sindical independente. Os brigadistas, apesar de terem sido apoiados por uma manifestação de cinco mil trabalhadores, foram expulsos da Nicarágua pela polícia sandinista e espancados pela polícia panamenha, à qual foram entregues na fronteira. Os mandelistas, por sua vez, apoiaram a repressão do governo e da polícia burguesa contra os brigadistas – muitos deles troskistas – para manter seu apoio à FSLN.

Nosso ponto de partida para definir qualquer tática unitária é o interesse da luta, da mobilização pelas necessidades mais prementes dos trabalhadores. Somente a partir daí começamos a colocar as diferentes possibilidades de aliança ou unidade. Esquecer isso pode nos levar ao ponto de vista mandelista ou do partido comunista: andar buscando algum burguês “progressivo”, algum pequeno-burguês “revolucionário” ou algum burocrata centrista incurável ou diretamente traidor, com o qual nos unirmos para, a partir daí, chamar a unidade ou, pior ainda, apoiá-lo diretamente. A realidade e a política revolucionária são o oposto. As ações de luta das massas são, como dizem, um processo, e nossa grande tarefa é procurar as melhores palavras de ordem para desenvolvê-las. Entre elas, veremos qual é a melhor tática de unidade para fortalecer essa luta e derrotar ou pelo menos enfraquecer o burocrata traidor com o qual podemos estar unidos pela tática num momento da mobilização.

No mesmo sentido, é bom esclarecer que nós nunca *apoiamos* uma direção burguesa, pequeno-burguesa ou operária traidora, reformista ou burocrática, mesmo quando estivermos unidos de forma tática numa luta. *Nós somente apoiamos as lutas, as mobilizações, dirigidas por quem quer que seja.* Essas direções, além da questão de forma, do meio e do momento em

que expressamos essa denúncia – as denunciemos sempre e, dialética e contraditoriamente, o momento que mais as denunciemos é quando estamos unidos de forma tática a elas, porque é o momento da mobilização. Isso é assim porque a mobilização é a única forma de derrotar essas direções burocráticas e abrir caminho para uma nova direção. Somente quando há mobilização pode-se deixar evidente aos olhos das massas as vacilações e as traições dos maus dirigentes e, às vezes, ter a força necessária para varrê-los e forjar os novos dirigentes que poderão substituí-los. Por isso, insistimos sempre que o fundamental é a luta, a mobilização. Se essa mobilização exige táticas unitárias as levantamos e seguramente o próprio desenvolvimento da mobilização irá desmascarar a traição burocrática e nos permitirá fazer avançar a construção da nova direção. Conforme definimos no começo os termos de estratégia e táticas, poderíamos dizer que dentro de nossa estratégia decisiva e fundamental de construir o partido revolucionário com influência de massas, combatendo dia a dia as direções traidoras, ajudando as massas operárias e populares a romper com elas, a destruí-las, a fazer a revolução contra elas e encabeçadas por esse partido revolucionário, um acordo, unidade de ação ou frente única, sempre será tático, mesmo que essa tática, num momento fundamental, possa ser decisiva para conseguir a mobilização operária e popular.

Por último, queremos assinalar que tampouco é uma lei absoluta que, diante desses processos de luta e mobilização, estamos obrigados a levantar a tática de acordo ou unidade de ação com as direções traidoras. Muito pelo contrário. É tático. Faremos se for o melhor para desenvolver nossa estratégia de mobilizar e construir o partido. Por isso, muitas vezes levantamos o chamado à ação e à mobilização contra a vontade expressa da direção. A forma como o fazemos – que pode incluir também algum tipo de proposta unitária – dependerá de cada situação. Podemos chamar a direção traidora a se colocar na cabeça ou a refletir e mudar, mil variantes. O importante é que nós não nos atrelamos a uma tática unitária, por mais importante que ela seja, já que, em última instância, o que mais queremos é o enfrentamento e a derrota dessas direções. De forma mais concreta, como a burocracia sindical incrustada da direção da CGT e da ampla maioria dos sindicatos nos mostra dia a dia, vivemos constantemente mobilizações, greves e conflitos que, para triunfar, têm de ir contra essas direções, combatê-las e derrotá-las, ao mesmo tempo que combatem e derrotam a patronal. Em muitas situações assim, a proposta de unidade não se justifica ou se justifica somente de forma muito secundária ou pedagógica. Todos conhecem o caso da luta da Ford de Pacheco, em 1985, no qual o centro de nossa política – muito correta – para a direção do SMATA (Sindicato dos Trabalhadores nas Montadoras de Automóveis), José Rodriguez, foi denunciá-lo como traidor por não apoiar a luta.

E, mais em geral, diante da tremenda crise da burocracia sindical, passa a ser um problema de vida ou morte para a ação a questão da democracia operária – que sejam as bases a discutir e votar o que fazer contra a fome e o entreguismo ao imperialismo e, por isso, vamos nos encontrar mil vezes com [situações em] que as propostas táticas de unidade são secundárias ou somente educativas diante da colocação frontal de que a direção burocrática é canalha, com a qual não se pode sair à luta para ganhar –, que seja a base quem decida como e quando sair. Recordemos a experiência nefasta e negativa da última luta do sindicato da alimentação na capital, na qual, por inexperiência, colocamos em primeiro lugar a unidade em torno do plano de luta do sinistro burocrata Daher – formalmente “votado” num plenário de delegados –, contra o que queriam os melhores ativistas e grande parte da base em Bagley (fábrica alimentícia).

[...]

As condições

Depois de ter explicado de forma ampla a questão de nossa estratégia histórica (o partido e a mobilização), fica mais nítido expor as condições mínimas para que seja possível colocar alguma tática de acordo ou unitária: *Que seja, nesse momento, a mais adequada para o desenvolvimento do partido e da mobilização, e não limite nossa independência, nem política nem organizativa, não limite nossas possibilidades de crítica feroz às direções traidoras, reformistas ou burocráticas, mesmo que tenhamos algum acordo ou frente conjuntural com elas, ou o que quer que seja.*

Em outras palavras, podemos fazer pactos, acordos, unidades de ação ou qualquer coisa pelo estilo, conjuntural, até com o diabo e sua avó, se ajudar nos fins estratégicos de construir o partido e ampliar a mobilização.

Algo parecido se coloca para uma frente com organizações operárias. Diante de cada situação específica, serão definidas como se concretizam essas condições segundo o tipo de frente.

Mas, além desses condicionamentos políticos, organizativos e de classe, existe um problema concreto na atividade cotidiana que também devemos levar em conta, já que é um condicionamento de tipo objetivo: o tamanho das organizações, a correlação de forças entre os possíveis protagonistas do acordo ou frente. A grosso modo, estamos falando de táticas para atuar, para intervir em comum, que estarão colocadas entre organizações de um tamanho mais ou menos equivalente, mais ou menos semelhantes. Por exemplo, na França, não podemos imaginar propostas do tipo que “nosso grupo, a Liga Socialista e o PC façam alguma coisa juntos”, e menos ainda procurar o PC e propor formalmente, porque pensariam que somos loucos. Nós somos um grupo minúsculo e o PC ainda é, apesar de estar em retrocesso, um partido com influência massiva entre os trabalhadores, que tinha tradicionalmente um alto percentual dos votos e dirige a CGT, a principal central operária. Em todo caso, teríamos de dizer “que o PC faça tal coisa” e lutar junto com ele, se este chegasse a fazê-lo. Caso contrário, criticá-lo por não fazer. Na Argentina, a relação de forças é totalmente diferente. Tanto o PC quanto nós, sem ter nenhuma influência massiva, somos importantes partidos nacionais, e podemos lhe fazer propostas “de igual para igual”. Mas, em geral, a questão do tamanho sempre influi na escolha e na formulação de todas as questões táticas.

Esquecer a questão do tamanho na formulação de nossas táticas unitárias pode nos fazer cair no ridículo. Trotsky, por exemplo, muito ao contrário da imagem de “sectário” feita pelo stalinismo, era um maníaco das propostas unitárias, dos acordos e das frentes. Era habitual que, nas conversas e discussões com outros dirigentes e militantes da IV Internacional, ele fosse o primeiro a propor as mais audaciosas táticas de acordo, que muitas vezes eram rechaçadas pelos demais. Por isso, levado pelo entusiasmo da intervenção na luta de classes, podia, às vezes, esquecer-se das proporções. Quando Mateo Fossa o visitou em 1938, conversando sobre os problemas da libertação nacional na América Latina, Mateo perguntou sua opinião sobre o APRA, o partido nacionalista-burguês peruano dirigido por Haya de La Torre. Como parte de sua resposta, o “Velho” assinalou que lhe pareciam “desejáveis e possíveis os acordos com os apristas para determinadas tarefas práticas, com a condição de manter uma total independência organizativa”. Sem dúvida nenhuma, ao formular a política, estava deixando de lado o fato de que o APRA era um partido nacional com influência de massas, e os peruanos, que deviam propor o acordo, seriam aproximadamente... dois ou três.

Os diferentes tipos

De propósito, não começamos por fazer um enunciado teórico ou um esquema classificatório dos diferentes tipos e níveis de acordos e frentes porque, na prática, poderíamos dizer que são quase infinitos. Seria um erro partir de um esquema classificatório e tentar aplicá-lo à realidade ou tratar de copiar de forma mecânica as táticas dos clássicos: a própria realidade nos coloca uma infinidade de vezes, em questão de detalhes ou de grande magnitude, diante de situações que podem resolver-se com um acordo, com um pacto, ou que exigem que se adote uma tática unitária para a mobilização, para desenvolver a independência de classe no terreno superestrutural etc. Vejamos alguns exemplos.

Como insistimos em que os acordos podem ser de qualquer tipo, de qualquer ordem, recordemos um extremo com os fascistas: anos atrás, antes do golpe de 1976, tanto nosso jornal quanto um pasquim fascista eram impressos na mesma gráfica e coincidia o dia de fechamento, o que toda semana provocava todo tipo de situação tensa e choques entre nossos companheiros e os fascistas pela utilização da mesa. Finalmente, o diretor de nosso jornal, muito corretamente, discutiu com o chefe dos fascistas e conseguiu um acordo com eles, que permitiu compartilhar de forma ordenada a utilização da mesa. Começamos por esse exemplo supermínimo e com o extremo oposto do espectro político, os fascistas, para insistir no caráter amplíssimo, concreto e tático da questão.

Outro exemplo também extremo, já não técnico como o anterior, mas do tipo parlamentar, poderia ser dado se tivéssemos hoje em dia um deputado no parlamento francês. Contra a posição de centro-direita liderada por Chirac, que quer impor a representação distrital, tanto os semifascistas de Le Pen quanto os socialistas de Mitterrand acham que deve manter-se a representação proporcional. Nós achamos que essa é mais democrática e se tivéssemos um deputado poderíamos fazer *um acordo parlamentar mínimo*, conjuntural, com os *semifascistas e os socialistas* que estão no governo para votar sobre essa questão no parlamento.

Sem dúvida, são dois exemplos superlimitados. O primeiro, como usar uma mesa com os fascistas. O segundo, uma situação que pode se dar a cada vinte, trinta ou cinquenta anos ou nunca em todo o século: colocar em acordo a extrema direita e a extrema esquerda em um voto parlamentar. Num terreno parecido, poderíamos imaginar uma situação aqui na Argentina, em 1984, quando se discutia a questão do acordo de paz com o Chile e o referendo. Se o governo dissesse “damos tanto tempo grátis na televisão aos que estão pelo não, e que entre eles se entendam para repartir o tempo”. Não podemos descartar que, para aproveitar essa grande ferramenta que é a televisão, teríamos de sentar numa mesa com o supergorila almirante Rojas para fazer um acordo sobre a distribuição do espaço. Continuamos falando de mínimos acordos técnicos. Com certeza, muito mais importantes são as possibilidades de ação política, como a que fizemos em novembro de 1985 com setores do Partido Justicialista pelo referendo de Beagle, ou a que se esboça hoje, ou que já começou a manifestar-se pela paralisação nacional de 24 de janeiro contra o pagamento da dívida externa. Quando surgem essas oportunidades, não temos de ser sectários. Temos de levantar sem medo essa unidade e buscar a forma e o equilíbrio corretos de nossas propostas unitárias e de nossas críticas. Por exemplo, como nos interessa o não pagamento da dívida, fazemos pacto com quem quer que seja em torno dessa linha e fazemos as críticas no jornal, e não cada vez que nos reunirmos com nossos aliados ocasionais, já que quase seguramente estragaremos essa possibilidade se cada vez que nos encontramos dissermos de tudo a eles, ainda que seja correto tudo o que dissermos.

[...]

Teses para atualização do Programa de Transição

Nahuel Moreno

[...]

TESE XXXV

Propaganda, agitação e ação O papel das palavras de ordem

Desde o começo do século, o marxismo definiu com clareza a diferença e a relação que existe entre propaganda e agitação. **Propaganda é a explicação de muitas ideias a poucas pessoas; agitação é a explicação de poucas ideias a muitas pessoas.**

Propaganda se faz por meio de artigos, palestras, conferências, cursos, livros, ao passo que a agitação é levada a cabo por palavras de ordem. Isso não quer dizer que deixemos de explicar e sustentar essas palavras de ordem em artigos escritos e mesmo de folhetos ou palestras. Porém as poucas ideias que queremos expressar pela agitação são concretizadas em palavras de ordem, isto é, numa frase acessível à linguagem operária e popular que indique com clareza a ideia que queremos expressar. Como nosso objetivo é mobilizar as massas, o aspecto que apresenta maiores dificuldades para o marxismo é formular essas frases ou palavras de ordem. É uma ciência e uma arte. Assim como nós elaboramos frases que sejam compreensíveis para as grandes massas, procurando mobilizar a classe operária, os aparatos contrarrevolucionários fazem a mesma coisa: formulam palavras de ordem, frases compreensíveis para as grandes massas, mas com o objetivo oposto ao nosso: desmobilizá-las. No pós-guerra imediato, o PC francês lançou a famosa palavra de ordem “*Primeiro produzir*”, para frear a onda de greves e o processo de mobilização revolucionária do proletariado francês. Da mesma forma, quando caiu do governo em 1955, Perón – para frear a mobilização dos trabalhadores argentinos, de um movimento operário que não conseguia controlar por meio do governo e do Estado – lançou a famosa palavra de ordem “*Desmontar até o tempo clarear*”, isto é, não fazer nada e esperar para ver o que acontecia.

Nosso objetivo é o oposto: chegar às palavras de ordem, às frases que o movimento operário compreenda e que por meio dessa compreensão possa se mobilizar, fazer uma ação. **As palavras de ordem são de dois tipos. Algumas são para ir convencendo o movimento de massas, mesmo que não haja possibilidades imediatas de se passar à ação.** Nem por isso deixamos de agitá-las. Por exemplo, a palavra de ordem de [exigência de] que Mário Soares,

junto com Álvaro Cunhal, tomasse o governo em Portugal, era uma palavra de ordem magnífica, embora todos tivéssemos consciência de que, pela situação da luta de classes, a traição destes partidos (PS e PC) e a nossa pouca força – os dois partidos não se uniriam para lutar por um governo de Soares-Cunhal. Mesmo assim, fazíamos agitação em torno dessa palavra de ordem.

Contudo, **existem outras palavras de ordem que são para a ação ou que possibilitam o surgimento de uma ação ou de uma mobilização do movimento de massas, em seu todo ou em alguns setores.** Por exemplo, quando convocamos uma greve com muito apoio dos trabalhadores, quando existe uma forte pressão destes no sentido da greve ou de qualquer outra mobilização do mesmo tipo. Essas são palavras de ordem para a ação. Depois de analisar qual é a melhor palavra de ordem para a ação, o partido faz destemidos esforços para que essa ação seja realizada pelo movimento de massas, porque ela é possível, porque estão dadas as condições para essa ação.

Toda palavra de ordem tem de responder à situação presente do movimento operário e de massas, pois é uma síntese das necessidades imediatas das massas e do seu nível de consciência. Na busca de uma palavra de ordem mobilizadora, não apenas devemos expressar as necessidades imediatas do movimento de massas, mas também partir do seu nível de consciência para formular a palavra de ordem. Devemos procurar fazer com que a palavra de ordem seja uma síntese das necessidades imediatas e da consciência imediata do movimento de massas, com o objetivo de alcançar uma mobilização. Assim, Trotsky, diante do desemprego nos Estados Unidos (necessidade imediata) e do fato de que os operários acreditavam em Roosevelt (consciência imediata), aconselhou uma palavra de ordem mobilizadora de pressão sobre Roosevelt, para que desse trabalho a todos os desempregados. Essa palavra de ordem levava em conta, por um lado, o baixo nível político do proletariado estadunidense – que acreditava num governo que era agente dos monopólios e do imperialismo – e, por outro lado, a necessidade de superar o desemprego. A palavra de ordem para a ação, por mais oportunista que pareça (pressionar Roosevelt ou pedir para que ele desse empregos), é correta do nosso ponto de vista trotskista se for a melhor fórmula para mobilizar os trabalhadores, se for a ponte para sua mobilização, para sua unidade, para que saiam à luta. Trotsky era mestre na adequação de nossas palavras de ordem ao nível de consciência da classe operária, fosse qual fosse. Por isso, sugeriu que se a classe média alemã rompesse com Hitler, era possível levantarmos a palavra de ordem de convocação do Reichstag (parlamento), o mesmo velho Reichstag que elegeu Hitler, para que tirasse dele os poderes de primeiro-ministro e nomeasse um novo governo, que possivelmente seria um governo burguês. Trotsky estava partindo da mentalidade legalista, democrático-burguesa da classe média alemã, para ver se conseguia sua unidade com a classe operária por meio de uma instituição reconhecida por todas as organizações pequeno-burguesas e operárias, até aquelas que tinham votado no fascista Hitler, com o objetivo de derrotá-lo, com o objetivo de alcançar uma mobilização de toda a população alemã contra ele. Esse é um bom exemplo de que o trotskismo não é ultraesquerdismo, e sim uma política científica, que se expressa na arte e na ciência das palavras de ordem para mobilizar as massas a partir do nível de suas necessidades e do nível de sua consciência, qualquer que seja esse nível.

Essas considerações são fundamentais para poder **transformar rapidamente nossos partidos em partidos com influência de massas.** Com a morte de Trotsky e devido às circunstâncias objetivas da tremenda força dos aparatos contrarrevolucionários, temos a tendência de nos limitarmos à atividade de propaganda, abandonando a **ciência e a arte mais importantes para um partido revolucionário, que é formular as palavras de ordem mais adequadas a cada momento da luta de classes.** É preciso retomar com urgência essa ciência e essa arte. É preciso abandonar o preconceito contra formular palavras de ordem adequadas ao baixo nível de consciência da classe operária. É preciso abandonar o fetichismo das palavras de ordem de tipo geral, de propaganda, que se mantêm por meses e meses e, às vezes por anos e anos. O que é tremendamente difícil para um marxista é justamente ter a rapidez necessária para ir mudando as palavras de ordem à medida que vai mudando a situação da luta de classes. Essa necessidade é hoje imperativa, porque a luta de classes muda a cada minuto, em todos os países do mundo. Podemos formular uma lei: um autêntico partido trotskista, nesta época revolucionária, é aquele que vai combinando e mudando sistematicamente suas palavras de ordem. Todo partido trotskista que, nesta hora de mudanças ininterruptas na luta de classes, continua com as mesmas palavras de ordem e análises, está equivocado.

Isso não significa que o partido revolucionário sempre levante uma única palavra de ordem. A complexidade da luta de classes, as necessidades dos diversos setores do movimento de massas e de seus aliados, as mudanças na situação, fazem com que a política trotskista se expresse sempre num sistema de palavras de ordem, de várias palavras de ordem combinadas, algumas das quais são preponderantes, determinantes. Mas elas não devem ficar sozinhas, e sim combinadas com outras. Precisamos conseguir uma nítida combinação de algumas palavras de ordem, cuja estrutura vai sendo modificada.

O Partido Bolchevique levantou “*Assembleia Constituinte*”, “*Todo poder aos soviets*”, “*Renúncia dos ministros burgueses*”, “*Contra Kornilov*”. No curto período de poucos meses, foram aparecendo e adquirindo ênfase diversas palavras de ordem, mas sempre dentro de uma combinação e com um eixo – que também não foi permanente –, que era “*Todo o poder aos soviets*”. Esses exemplos supremos devem ser assimilados por todos os partidos trotskistas. **Nossa principal atividade será a que definirá o caráter dos nossos partidos: se for de propaganda, se não for ao encontro do movimento de massas, se não for para a ação, nossos partidos vão continuar sendo propagandistas, seitas, e não partidos de massas** 

A traição da OCI(u)

Nahuel Moreno

1982

CAPÍTULO VII

A política diante dos partidos operários contrarrevolucionários

A ascensão dos partidos operários contrarrevolucionários ao governo, seja para exercê-lo de forma direta com a “sombra da burguesia” (caso atual da França), seja para participar de um gabinete com maioria de partidos burgueses (o primeiro governo francês do pós-guerra, no qual Thorez foi ministro do trabalho) é um fato realmente inusitado na maioria dos países capitalistas, ainda que mais frequente nos adiantados. Quando ocorre, provoca diferentes tipos de reações no movimento marxista. Justamente essa reação é um excelente termômetro para saber se o partido em questão é revisionista ou, por consequência, marxista. Adiantando o que seria o desenvolvimento do presente capítulo, sintetizemos brevemente as diferenças.

Para os revisionistas, o ascenso dos partidos operários contrarrevolucionários ao governo significa uma mudança favorável nas características dos mesmos. O fato de as massas confiarem neles lhes outorga certas virtudes que os convertem de contrarrevolucionários e agentes da burguesia em reformistas que estão contra a burguesia, mas têm um método equivocado: a colaboração de classes.

Daí se conclui que a denúncia violenta e constante dos mesmos e de suas direções deve ser abandonada em troca de uma política de apoio combinado com a crítica fraternal para que modifiquem sua orientação equivocada.

Os marxistas revolucionários pensam exatamente o contrário. Quando tais partidos fazem parte do governo burguês, seu caráter contrarrevolucionário é acentuado ao máximo, porque, à sua função habitual de agentes da burguesia no movimento operário, acrescenta-se a função de governantes, gerentes políticos do Estado capitalista contra os trabalhadores. Essa é a análise de princípios que fazem os marxistas revolucionários: que se converteram de agentes da burguesia no movimento operário em agentes da burguesia e avalistas da ordem burguesa *em nível da sociedade em seu conjunto*. **Podemos dizer que passaram de partidos operários burgueses a partidos burgueses operários: sua característica de classe não muda pelo fato de entrarem no governo burguês, mas a partir de então sua função é aplicar a política da burguesia ao nível de toda a sociedade, não só do movimento operário.**

A política que se depreende dessa apreciação é que nossa denúncia dos partidos traidores, se foi violenta antes de sua ascensão ao governo, agora é um milhão de vezes mais violenta e conseqüente. Para não nos estendermos, digamos apenas que, quando os mencheviques entraram no governo provisório, Lenin falou que a política dos bolcheviques para eles devia ser igual à que possuíam com relação aos *kadetes* antes de fevereiro. Quando Blum chegou ao governo em 1936, Trotsky o qualificou como irmão gêmeo do partido radical burguês.

Essas são, em traços gerais, as diferenças entre revisionistas e marxistas frente aos partidos operários contrarrevolucionários no governo. Como é a política da OCI(u)? *Revisionista até a medula*, como veremos a seguir.

A OCI não combate os partidos operários contrarrevolucionários

A OCI(u), partido que se reivindica trotskista, mudou por completo a caracterização marxista tradicional dos partidos operários contrarrevolucionários e da política revolucionária com relação aos mesmos desde que o PS e o PCF subiram ao governo com Mitterrand.

Se prestamos atenção os *IO* [*Information Ouvrieres*, jornal da OCI(u), NdR] que apareceram nos oito meses que transcorreram desde as eleições, encontramos o seguinte panorama. *Não há nenhum artigo* contra o Partido Socialista.

Exatamente o oposto: o *IO* número 1.004 expressa sua alegria porque, nas eleições, o PS ganhou 46 cadeiras do PC. Afirma: “A derrota esmagadora dos partidos burgueses é acompanhada de um retrocesso considerável do PC.” O *IO* número 1.024 publicou um artigo sobre o congresso do PS, ao qual já nos referimos em outra parte, com um violento ataque frontal à ala Rocard, suposta representante do “campo reacionário” nas fileiras do partido do governo.

Com respeito ao partido stalinista, encontramos *artigos* nos seguintes números de *IO* (ressaltamos a palavra artigos porque não nos referimos a tal ou qual frase solta): 1.007, 1.014, 1.022, 1.023, 1.027, 1.030 e 1.032. Dois deles (1.014 e 1.032) não se referem à França e sim à Polônia e criticam a direção do PCF por apoiar a burocracia polonesa e soviética em sua guerra contra os operários poloneses. Temos então que, em trinta e três edições do jornal, aparecem somente sete artigos contra o partido stalinista, e dois deles não se referem à sua política na França.

Pois bem, o “Projeto de informe político” afirma: “Sua presença [no governo] significa que o PCF, o aparelho stalinista da CGT, não somente acoberta o conjunto da política do governo como toma sob sua responsabilidade o freio e o retrocesso das massas, a defesa da burguesia, do Estado, da V República e de suas instituições, avalizando as exigências econômicas e políticas da burguesia” (p. 7).

Excelente afirmação não fosse por dois pequenos defeitos. Em primeiro lugar, porque não inclui o PS? Esse é justamente o responsável máximo por provocar “o freio e o retrocesso das massas” e o que está encarregado da “defesa da burguesia, do Estado, da V República e de suas instituições” por ter sob sua responsabilidade a máxima instituição do Estado francês, a presidência da república.

Em segundo lugar, é lícito acreditar que semelhante afirmação no documento que fixa os traços gerais da política do partido para o próximo período deveria concretizar-se numa *campanha* de denúncia implacável pelo menos contra o PC. Nada disso: só cinco artigos em oito meses, sem contar os dedicados à questão polonesa.

Antes de 10 de maio passado, o PC era objeto de ataques constantes e brutais no *IO* por sua política contrarrevolucionária a serviço da burguesia; o PS também era atacado, ainda que em menor medida. Edição após edição do jornal, era atacado por sua política divisionista que colocava em perigo a derrota eleitoral de Giscard.

Eleito o novo governo, tudo isso mudou. Os escassos ataques ao PS desapareceram por completo, e a campanha constante contra o PC transformou-se em um ou outro artigo de denúncia.

Em vez de denúncia, crítica fraternal

A falta de denúncia dos crimes contrarrevolucionários do PC e, principalmente, do PS, na atual etapa, tem em contrapartida o que o OCI diz sobre eles. Essa política pela positiva tem dois aspectos que veremos separados, ainda que ambos respondam à mesma concepção global, típica do revisionismo: que o PS e o PC perderam seu caráter contrarrevolucionário. O primeiro aspecto é o da crítica fraternal ao PS e ao PC; o segundo, que veremos mais adiante, consiste em chamá-los para a frente única.

A declaração do CC da OCI, outro dos documentos que serão discutidos no 26º Congresso da organização, faz referência à política do governo e à dos partidos operários dentro do mesmo:

É um fato: contra as aspirações das massas trabalhadoras, o governo não toma medidas anticapitalistas que se imponham para tirar o país da crise. O governo e a maioria do PS-PCF têm obtido, junto com essa maioria, a confiança da classe trabalhadora, das massas trabalhadoras e da juventude. O governo e a maioria do PS-PCF não deixam de ceder aos capitalistas e aos banqueiros. É um fato: desde a sua constituição, o governo e a maioria PS-PCF somente fazem concessões e mais concessões aos capitalistas e banqueiros.

Poderia dizer-se que a conclusão, visto que se trata de um documento supostamente trotskista, é óbvia: “não é casual que o governo, com sua maioria PS-PCF atue exclusivamente em benefício dos patrões e contra o interesse dos trabalhadores que temos escolhido contra Giscard. *Esse governo não pode atuar de outra maneira porque é um governo burguês, patronal. O PS-PCF não pode atuar de outra maneira, pois são partidos traidores a serviço da patronal há muitos anos.* Isso confirma o que nós, trotskistas, [dizemos] há muito tempo que o movimento operário e as massas trabalhadoras não podem confiar num governo patronal. Ainda que formado, em sua maioria, pelo PS-PCF.”

Isso dizemos nós, trotskistas. Porém, não é o que diz a OCI: “A verdadeira saída consiste em responder aos pedidos dos trabalhadores e romper com a burguesia. O que pedem os trabalhadores é que o país seja governado contra os capitalistas.”

A quem está dirigido esse chamado choro? *Ao governo e aos partidos operários traidores:*

Existe a possibilidade de fazer uma política diferente. A existência de uma maioria PS-PCF na assembleia indica nitidamente (...) a exigência do momento, que vem de muito tempo, é óbvia: tem-se de governar com os capitalistas, apoiando-se na maioria. Tem-se de apoiar na maioria que rechaçou a Giscard, a maioria que elogiou a uma maioria PS-PCF para terminar com a sabotagem dos capitalistas e banqueiros.

Ou seja, em vez de aproveitar a situação para acabar com as ilusões equivocadas dos trabalhadores, mostra-lhes na prática o verdadeiro caráter do governo, e o PS e o PCF, diz que esse mesmo governo e esses partidos podem tomar outro caminho, o de governar contra os capitalistas. De passagem, afirma-se que se deve seguir *confiando* neles, porque podem fazê-lo.

Agora que a situação objetiva permite a nós, trotskistas, passarmos das denúncias propagandistas contra os partidos traidores, denúncias que fazemos há muito tempo, para a ação e a mobilização das massas contra os mesmos, o OCI chama os trabalhadores a confiar neles. Toda a sua ação se limita a criticar, de modo fraternal, por governar a favor dos patrões e a chamá-los para que endureçam e rompam. Pode haver crime maior contra o trotskismo e a revolução proletária?

A OCI chama o PS e o PCF a formar uma frente única

A outra cara dessa política de confiar nos partidos traidores se expressa da seguinte maneira: “contra o aumento dos preços, contra o achatamento dos salários, *organizado deliberadamente pelos patrões*, só existe uma possibilidade de lutar: *formar a frente única das organizações operárias* para reclamar precisamente para os patrões que tanto se alegram: aumento geral de salários, congelamento dos preços.” (IO, 1.007).

Aqui existe uma mentira flagrante a serviço de proteger o governo: o aumento dos preços e o achatamento dos salários é exigido pelos patrões, porém quem os decreta é o governo Mitterrand, e *assim tem que ser dito*.

Porém essa mentira tem um objetivo imediato: ocultar que são o PS e o PCF que aplicam essa política, porque aqui são chamados a formar a frente única para lutar contra a mesma. A OCI chega ao extremo da idiotice para chamar o PS e o PCF a formar uma frente única com outra política... que eles mesmo aplicam no seu governo! A OCI é consciente do absurdo desta política facilmente desmascarada. Por isso mente para ocultar os verdadeiros autores da política de fome.

Poderiam opor-se, dizendo que um simples editorial não reflete a política geral e permanente do partido. Sem dúvida, existem duas afirmações categóricas que demonstram que a frente única é um dos eixos da política atual do OCI.

Na carta ao CC do POSI [Partido Operário Socialista Internacionalista, da Espanha, NdR] dizíamos: “Quando aparece um governo de frente popular, termina a tática de frente única.” O fraudulento “conselho geral” convocado pela OCI respondeu: “*A luta pela frente única operária é uma constante*” (Bulletin... p. 27).

A “Declaração do CC” diz, citando um manifesto da OCI(u) editado no dia seguinte às eleições:

Nós, a OCI(u), dizemos aos trabalhadores e aos jovens: Vocês conseguiram impor a unidade contra a divisão. Giscard foi vencido. É preciso fazer todo o possível para manter e estabelecer o bloco unido dos trabalhadores, *de seus partidos e organizações políticas*, que acabam de infligir uma primeira derrota ao capital.

Um pouco mais abaixo: “Assim, a posição da OCI(u) é óbvia e *se caracteriza por uma continuidade política que, em todas as circunstâncias, opõe a unidade da frente proletária à burguesia...*”

Aqui está dito com uma nitidez que não admite dúvidas que, para a OCI(u), a entrada do PS e do PCF no governo não significa o abandono da frente única, porque é a política a se aplicar “em todas as circunstâncias”. Na realidade, houve uma mudança: antes, o chamado à frente única era acompanhado da denúncia desses partidos; agora, essa denúncia foi atenuada no caso do PCF e abandonada completamente no caso do PS.

Os trotskistas acreditam no contrário: para aplicar a tática da frente única, é condição indispensável – ainda que não única – que os partidos operários estejam na oposição, não no governo. Quando o PS e o PCF se encontram no governo, existe uma aliança política entre eles e a burguesia ou setores importantes da mesma. Isso não elimina a existência de uma oposição política ao governo, mas dentro dos marcos do regime institucional que abarca tanto os partidos burgueses quanto os partidos operários contrarrevolucionários.

Existem momentos excepcionais nos quais a maior parte da burguesia rompe com o governo frente-populista e procura derrubá-lo mediante um golpe de Estado ou sublevação contrarrevolucionária. Nesses momentos, nos quais se rompe o acordo entre o PS-PCF e a

burguesia, pode estar colocada a tática de frente única com eles. Mas esses momentos são, insistimos, excepcionais. A regra geral é o acordo político desses partidos com a burguesia. Nessa situação, não pode haver chamado à frente única operária com os gerentes políticos do regime burguês.

A razão é muito simples: a frente única é uma tática que consiste em convidar os partidos operários majoritários e as suas bases para lutar contra a burguesia e seu governo ao redor de pontos comuns, que são as reivindicações mais sentidas pelas massas. É o chamado a uma luta imediata, já, agora.

Quais são os pontos em comum que os trotskistas têm com o PS e o PCF hoje na França? As reivindicações mais sentidas pelas massas francesas são: fim do desemprego; congelamento dos preços e dos artigos de primeira necessidade; e aumento de salários. Como podemos chamar o PS e o PCF a lutar por essas reivindicações se são eles mesmos os que aplicam a política de austeridade do governo, de desemprego, de preços altos e de salários miseráveis? Uma frente com o PS e o PCF contra o desemprego significa lutar pela aplicação do plano Mauroy, que promete trabalho para 10% dos desempregados atuais para o final de 1984 e para todos lá por 1988. Esse sim seria um ponto em comum para fazer uma frente única, mas um ponto em comum com os traidores, com a canalha contrarrevolucionária da qual faz parte hoje a OCI(u).

Uma confusão teórica a serviço da traição

A resposta do suposto “conselho geral” à nossa carta ao CC do POSI diz: “*Toda a política de Lenin e Trotsky em relação aos partidos operários ou que representam as massas tem como eixo a linha da frente única, com a reivindicação: rompam com a burguesia!* Na França, a reivindicação de um governo PS-PCF sem ministros burgueses é uma das expressões mais elevadas da luta pela frente única operária”. (*Bulletin...* nº 1, p. 26; grifado no original).

Em primeiro lugar, é falso que a linha da frente única seja o eixo da política de Lenin e Trotsky em relação aos partidos operários burgueses; nos deteremos sobre isso um pouco mais adiante. **Aqui está se fazendo uma confusão entre duas táticas distintas: a frente única e o governo operário e camponês.**

O chamado ao PS e ao PCF para romperem com a burguesia é, de fato, “uma das expressões mais elevadas da luta pela frente única operária” quando esses partidos *estão na oposição*; aqui estão se referindo ao PS e ao PCF no governo, em aliança com a burguesia.

O chamado a romper com a burguesia como expressão da tática da frente única é, como todas as expressões dessa tática, um convite à luta ao redor dos pontos comuns sentidos pelas massas até o ponto em que estejam dispostas a se mobilizar de maneira imediata. O chamado a “romper com a burguesia” quando o PS e o PCF estão no governo não é um convite à luta conjunta com eles, mas uma *exigência*, destinada a impulsioná-los a constituir um governo sem burgueses, um governo contra a burguesia; no caso em que um grande ascenso de massas os obrigue a fazê-lo, o governo resultante não seria ainda a verdadeira ditadura do proletariado, mas um passo extremamente importante para a mesma. Mas se eles não rompem com a burguesia, *o que é o mais provável*, então sua essência contrarrevolucionária ficaria explícita perante às massas. Digamos logo: essa é a tática do governo operário e camponês.

Essa confusão, de nenhuma forma é casual, ela obedece a uma lógica profunda, coerente com toda a política da OCI. Como continuação do trecho do *Bulletin* citado mais acima, está

escrito: “É necessário recordar mais uma vez o *Programa de Transição* e este trecho tão importante sobre o governo operário e camponês?” (*op. cit.* p. 26).

Digamos que sim e recordemos:

Exigimos a todos os partidos e organizações que se apoiam nos operários e camponeses e falam em seu nome que rompam politicamente com a burguesia e entrem no caminho da luta pelo governo dos operários e dos camponeses. Nesse caminho, prometemos pleno apoio contra a reação capitalista. Ao mesmo tempo, desenvolveremos uma infatigável agitação ao redor das reivindicações de transição que deveriam formar, em nossa opinião, o programa do “governo operário e camponês”. (*Programa de Transição*, p. 34)

Aqui está dito que é uma exigência aos partidos operários, não um convite à luta conjunta com eles. Mas o mais importante é que “desenvolveremos uma infatigável agitação ao redor das reivindicações de transição que deveriam formar, em nossa opinião, o programa do governo operário e camponês”.

Qual é a única agitação que faz a OCI? O apoio às “medidas” ou “passos progressivos” do governo Mitterrand contra a burguesia e a CNPF (*Confederação do Patronato Francês*); o apoio aos princípios que surgem no plano Mauroy para liquidar o desemprego em sete anos; o chamado ao governo a não cometer o erro de conciliar com a burguesia.

Alguns exemplos:

– A grande greve da Renault foi ignorada pela OCI durante um mês e, por fim, deu uma linha aventureira destinada a paralisar a luta.

– Em LogAbax, contra as demissões, colocou que havia de se “dar tempo ao governo, o tempo que necessitasse” para resolver os problemas e não propôs a nacionalização da empresa.

– No movimento estudantil, a UNEF, dirigida pela OCI e pelo PS, limita-se a “felicitar” o governo frente a cada medida que toma.

– Finalmente, no conflito de Orly contra as demissões, a OCI constituiu uma frente única com a burocracia sindical ligada ao PS e ao PCF para aprovar uma resolução na qual foi adotada, como única medida para impedir as demissões, uma reunião com o ministro do Trabalho.

Essa é a lógica profunda da confusão teórica entre a frente única e governo operário e camponês: a OCI constituiu uma sólida frente única com o governo frente-populista, burguês, imperialista de Mitterrand e com todos os partidos que o integram (incluídos os burgueses). O objetivo de suas referências fraudulentas a Lenin e Trotsky é encobrir sua traição ao proletariado e à revolução sob um disfarce trotskista.

Uma frente única dentro da frente única

Dizemos, então, que a OCI é parte de uma grande frente única encabeçada pelo governo de Mitterrand, da qual participam os partidos burgueses e operários do mesmo. No entanto, é necessário matizar essa afirmação, porque dentro dessa grande frente, a OCI impulsiona outra mais reduzida que obedece à lógica dos “campos progressivos”. Vejamos: “O conflito se desenvolverá tanto no interior do governo quanto no interior do PS. E nesse caso, tampouco a OCI permanecerá neutra” (“Projeto de informe político”, p. 7).

Ou seja, a teoria dos campos se estende aqui ao PS, o principal partido do governo.

IO 1.024 (31/10/81) dedica um importante artigo ao congresso do PS, realizado em outubro. O texto diz:

Frente ao furor reacionário (da patronal e da imprensa), inúmeros delegados ao congresso foram muito aplaudidos ao pedir ao governo que utilize os meios de que dispõe para fazer cessar os golpes lançados pelos banqueiros e a escandalosa sabotagem da alta administração. Mas essa vontade de reagir e de nomear explicitamente o inimigo foi atacada no segundo dia por vários membros do governo, principalmente por dirigentes de *correntes minoritárias do PS*: Rocard [ministro do Plano], Chevenement, Mauroy [primeiro-ministro]. Não é este o objetivo da nova corrida da imprensa, dirigida desta vez contra o congresso de Valence: apoiar-se nos chamados à ‘moderação’ provenientes do interior do PS para redobrar a ofensiva contra os trabalhadores e o governo?

Mais nítido, impossível. O governo (ou seja, Mitterrand) está sendo atacado dentro do próprio PS por ministros como Mauroy e Rocard. Estes são os agentes dos “capitalistas e banqueiros” que sabotam a ação do governo.

Outro artigo, intitulado “Por que eles preferem Rocard”, diz que esse ministro está contra “provocar uma confusão no aparato produtivo”; em outras palavras, está contra as nacionalizações. Devido a essas declarações e outras do gênero, o jornal *La Croix*, que expressa as opiniões da hierarquia católica, disse que Rocard “se destaca no grupo dos razoáveis (...) por preconizar a moderação nos aumentos salariais...” (IO 1.024).

IO contrasta essas declarações de Rocard com as do ministro do interior Gaston Defferre: “Quanto aos banqueiros, é eles ou nós”, ou seja, o governo é o inimigo mortal dos banqueiros.

Aqui se revela o aspecto sectário da orientação geral oportunista da OCI: exclui-se Mauroy e Rocard do “campo burguês progressivo”. O governo frentepopulista é progressivo, e por isso a OCI faz frente única com ele. Mas dentro dessa frente única há uma ala “infiltrada”, digamos assim, que responde ao campo inimigo, reacionário, o da CNPF. Esse setor é o que impede que o governo avance pelo “bom caminho” de satisfazer as reivindicações das massas, e o faz ceder às exigências dos capitalistas e banqueiros. Por isso a OCI conforma uma frente única – dentro da frente única maior – com Mitterrand e seus incondicionais, como Defferre, contra Rocard e os seus.

Com isso, o PS – e nos referimos ao PS em seu conjunto, com Mitterrand à cabeça – deixou de ser um partido operário traidor, um partido operário burguês que passou em definitivo para o bando da contrarrevolução há quase 70 anos. Agora é um partido que integra os dois campos, o burguês e o antiburguês; a OCI faz frente única com este último, ou seja, nada menos que com Mitterrand.

A verdadeira política de Lenin e Trotsky

A roupagem leninista e trotskista com a qual a OCI procura disfarçar sua traição realmente não resiste à crítica: basta ver o que disseram Lenin e Trotsky sobre o tema do qual nos ocupamos. Em primeiro lugar, a entrada dos partidos operários traidores no governo exige uma mudança radical na caracterização dos mesmos e, por consequência, uma mudança na política do partido revolucionário. Escutemos primeiro Lenin referindo-se aos mencheviques quando começaram a fazer parte do governo provisório: “A mínima confiança nos mencheviques equivale a uma traição à revolução, *como teria sido confiar nos kadetes entre 1905 e 1917.*”

Agregando:

A principal garantia de seu êxito está agora na nítida compreensão das massas sobre a traição dos mencheviques e dos esseristas, no total rompimento com eles, num boicote do proletariado revolucionário de tal forma incondicional, como foi o boicote aos kadetes depois da experiência de 1905. (*Obras Completas*, Tomo XXVI, p. 330)

Lenin afirmava e insistia que, a partir de sua entrada no governo burguês, os mencheviques mereciam, da parte do proletariado, o mesmo tratamento que o partido burguês dos *kadetes* recebia: nenhuma confiança, ruptura total, boicote incondicional. É evidente que essa caracterização excluía toda política de acordo ou frente com eles. Lenin o dizia de forma explícita:

Os mencheviques passaram definitivamente para o campo dos inimigos do proletariado. Com pessoas que passaram definitivamente para o campo dos inimigos não se negocia; com elas não conformamos blocos. A tarefa primordial dos sociais-democratas revolucionários é isolá-los por completo de todos os elementos mais ou menos revolucionários da classe operária. (*Obras Completas*, Tomo XXVI, pp. 329-330)

Trotsky não era menos categórico. Quando Blum chegou ao governo, disse: “O partido de Blum é um *partido burguês, o irmão menor do radicalismo decadente*” (*On France*, p. 178).

Voltou a insistir nesse conceito, em plena guerra civil espanhola:

É preciso desencadear uma batalha implacável contra a aliança com a burguesia e pelo programa socialista. É preciso denunciar a direção stalinista, socialista e anarquista, precisamente por sua aliança com a burguesia. Não se trata de redigir artigos que permanecerão mais ou menos confinados nas colunas de *La Batalha* [o órgão do POUM]. *Do que se trata é de dirigir as massas contra seus dirigentes que estão a ponto de conduzir a revolução ao desastre.* (*A Revolução Espanhola*, vol. 2, p. 77)

Ou seja, no meio da guerra contra o fascismo, Trotsky chamou a combater o frentepulismo e as direções traidoras, o PS, o PCE e os anarquistas: o oposto da frente única.

Para concluir, “toda a política de Lenin e Trotsky em relação aos partidos operários ou que representam as massas tem como eixo” justamente o contrário do que afirma a OCI: nenhum acordo, ruptura total, isolamento, dirigir as massas contra eles quando formam parte de um governo burguês.

Uma tática excepcional para uma circunstância excepcional

Dizíamos que existe uma circunstância excepcional na qual está colocada a tática da frente única com os partidos operários traidores quando estão no governo. Essa circunstância se deu em agosto de 1917 e durou exatamente quinze dias. Nesse período, Lenin e Trotsky levantaram a frente única com os mencheviques e os sociais-revolucionários [SR], ainda que sem deixar de atacá-los. Assim explicou Trotsky anos depois, na polêmica contra os stalinistas do terceiro período, que se negavam a combater Hitler com os sociais-democratas:

Os bolcheviques tinham o direito de dizer: para derrotar a *korniloviada*, devemos derrotar primeiro a *kerenskiada*. Disseram isso mais de uma vez, porque era correto e necessário para toda a propaganda posterior. *Mas isso resultava totalmente insuficiente para oferecer resistência à Kornilov no dia 26 de agosto e nos dias subsequentes e para impedir que ele massacrasse o proletariado de Petrogrado.* Por isso, os bolcheviques não se limitaram a fazer um chamado geral aos operários e soldados a romper com os conciliadores e apoiar a frente única vermelha dos bolcheviques. *Não, os bolcheviques propuseram a luta em frente única aos mencheviques e aos sociais-revolucionários e criaram organizações de luta conjuntas.* (*The struggle against fascism in Germany*, p. 136)

Frente à sublevação contrarrevolucionária de Kornilov, os bolcheviques deixaram de ter como centro de sua agitação o chamado a “romper com os conciliadores” e, como exceção, propuseram aos mencheviques e aos SR uma luta conjunta por um objetivo imediato: derrotar Kornilov. Dito de outra forma, até a sublevação de Kornilov, adotaram uma tática completamente oposta à da frente única com os mencheviques e os SR. No lugar disso, chamavam a romper com os conciliadores e a constituir a frente única *revolucionária* (“vermelha”).

Em que circunstâncias se propôs esse acordo? Novamente, falava Trotsky:

A burguesia de conjunto apoiava Kornilov. A aliança dos bolcheviques com os sociais-revolucionários só foi possível porque os conciliadores romperam temporariamente com a burguesia: o medo de Kornilov os obrigou a isso. Os representantes desses partidos sabiam que, se Kornilov triunfasse, a burguesia já não os necessitaria e Kornilov os estrangularia (Op. cit., p. 187, grifado no original)

Lenin e Trotsky levantaram a frente única quando a burguesia de conjunto rompeu a aliança com os mencheviques e os SR e passou para o lado de Kornilov.

O caso da Espanha foi diferente: só um setor da burguesia rompeu com a República e se uniu a Franco. O outro setor manteve a aliança com o PS, o PC e os anarquistas, e por isso Trotsky jamais levantou a tática de frente única na guerra civil espanhola.

A origem da tática da frente única

A frente única, tática de aplicação circunstancial, quando o momento a exige, é uma das melhores que o leninismo elaborou. Nas mãos dos revisionistas da OCI, tornou-se um princípio de aplicação universal e permanente: “A luta pela frente única operária é uma constante.”

Para nossos mestres, a frente única era uma tática formidável que se aplica em determinados momentos de acordo com a situação da luta de classes e o grau de força (ou debilidade) da organização marxista revolucionária. A III Internacional a levantou pela primeira vez depois de 1921, nas circunstâncias que explicava Trotsky:

Os acontecimentos contrarrevolucionários de fevereiro de 1921, demonstraram que era absolutamente impossível seguir postergando a adequação dos métodos econômicos de construção socialista às necessidades do campesinato. Os acontecimentos revolucionários de março de 1921 na Alemanha demonstraram que era absolutamente impossível continuar postergando uma retirada tática, no sentido de preparar a luta para ganhar a maioria da classe operária. Como vimos, ambas retiradas coincidem no tempo e estão intimamente ligadas entre si. São retiradas em sentido relativo, porque demonstram graficamente a necessidade, tanto na Alemanha como na Rússia, de passar por um certo período preparatório: um novo rumo econômico na Rússia; *a luta por palavras de ordem transicionais e pela frente única no ocidente.* (*The first five years of the Communist International*, vol. 2, p. 267).

Ou seja, a tática surgiu em 1921, quando o capitalismo se estabilizou e fracassou o plano da Internacional Comunista de afastar a social-democracia do movimento operário mediante o triunfo da revolução em algum país da Europa Ocidental. A derrota da revolução alemã significou a estabilização do capitalismo e uma grande ofensiva contra o nível de vida das massas e, ao mesmo tempo, a consolidação da social-democracia no movimento operário. Com isso, os partidos comunistas, que em alguns países europeus adquiriram muita força, continuaram sendo minoritários em relação à social-democracia. A tática de frente única é formulada a partir dessa nova situação objetiva e subjetiva, que obrigou os partidos comunistas a passar por um “período de preparação” no qual deveriam ganhar a maioria da classe.

Como se colocava essa tática?

Novamente, dizia Trotsky:

Hoje, o setor organizado da classe operária está dividido em três formações. Uma delas, comunista, luta pela revolução social e, precisamente por isso, apoia toda mobilização dos trabalhadores contra os exploradores e o Estado burguês, por mais parcial que seja.

Outra formação, a reformista, busca a conciliação com a burguesia. *Mas, para não perder a influência sobre os trabalhadores, os reformistas se veem obrigados, contra os desejos mais ardentes de seus próprios dirigentes, a apoiar as mobilizações parciais contra os exploradores.*

Por último, o terceiro grupo, centrista, vacila constantemente entre os outros dois e carece completamente de importância como setor independente.

Por conseguinte, devido a essas circunstâncias, é perfeitamente possível realizar ações conjuntas entre os operários agrupados nessas três organizações e as massas desorganizadas que aderem às mesmas em torno a toda uma série de problemas vitais. (*op. cit.*, p. 94)

No mesmo documento que estamos citando, diz que:

*Nos casos em que o partido comunista é uma organização de uma minoria numericamente insignificante, o problema da sua conduta na frente da luta de classes não tem uma importância prática e organizativa decisiva. Em tais condições, as ações de massas continuam sendo dirigidas pelas velhas organizações que, devido à existência de poderosas tradições, seguem desempenhando um papel decisivo. O problema da frente única também não se coloca nos países nos quais o PC é a organização dirigente das massas trabalhadoras. Mas onde o PC já constitui uma força política grande, bem organizada, mas não decisiva; onde o partido abarca organizativamente a quarta ou terceira parte ou um setor maior da vanguarda proletária organizada, o problema da frente única se coloca de forma muito aguda. (*op. cit.*, p. 92)*

De tudo isso, deriva-se uma série de caracterizações da tática da frente única que podemos sintetizar assim:

– Levanta-se quando existe uma determinada relação de forças entre o partido revolucionário e o reformista, sendo aquele mais débil que este, mas sem constituir uma minoria insignificante do movimento operário.

– Coloca-se quando o movimento operário está lutando para se defender de uma ofensiva capitalista.

– Está dirigida aos partidos oportunistas com influência majoritária no movimento operário – na época de Lenin e Trotsky, eram os sociais-democratas – quando estes se veem obrigados a apoiar as mobilizações parciais dos trabalhadores.

– É um convite – não uma exigência – à luta conjunta e imediata ao redor dos problemas que sofrem os trabalhadores.

– Desprende-se daí uma característica adicional sobre a qual é necessário dar ênfase, mesmo correndo o risco de ser repetitivo: já que se aplica somente em determinadas circunstâncias, trata-se de uma tática, de forma alguma de uma política de aplicação permanente. Caso contrário, a III Internacional a teria definido como uma estratégia que iria requerer táticas acessórias ou subordinadas para conseguir a frente única em cada etapa da luta de classes.

A OCI, com sua concepção de que “a luta pela frente única é uma constante”, afirma exatamente o contrário. Em tal caso, deve ser consequente e afirmar que a III Internacional cometeu um erro político ao defini-la como uma tática que se aplica somente em circunstâncias especiais e conjunturais como as descritas acima. Se a OCI fosse consequente até o final, deveria afirmar que Lenin e Trotsky se enganaram em 1917 na Rússia, porque não aplicaram essa tática (durante todo o ano, repudiaram os acordos com os mencheviques e os SR) e que se equivocaram novamente nos dois primeiros congressos da Internacional Comunista, quando propuseram todo tipo de táticas, menos o acordo com a social-democracia.

Além disso os dirigentes da OCI deveriam pôr-se de acordo entre eles. Em sua intervenção no Brasil, Luis Favre levantou, como vimos, que as únicas palavras que devem ser agitadas são as palavras de ordem para a ação imediata, razão pela qual a OCI não levanta agora uma palavra de ordem de governo. Suponhamos por um instante que Favre tenha razão. Mas a frente única é justamente para a ação imediata: por que, então, é uma “constante”, ou seja, que se levanta até quando não existem possibilidades para realizá-la?

Uma tática contraditória

Na sua aplicação, essa tática enfrentava, com frequência, a realidade de que a direção social-democrata se negava, rotundamente, à luta conjunta. Dessa realidade, surgiu uma discussão, já no IV Congresso. A ala direita, encabeçada por Radek e Thalheimer levantava que a frente única passava essencialmente pelo acordo com as direções social-democratas, enquanto a esquerda, liderada por Zinoviev, afirmava que deveria buscar-se a unidade com as bases operárias de qualquer tendência que fosse. Essa é a discussão entre os partidários da frente única “por cima” e os da frente única “por baixo” (desconhecendo a direção social-democrata).

Com base nessas contradições, o stalinismo caiu depois em dois desvios diametralmente opostos. O primeiro foi o do Comitê de Unidade Sindical Anglo-Russo, frente única da burocracia soviética com a burocracia sindical britânica em 1925. Graças a essa frente única, os burocratas britânicos puderam trair e provocar a derrota da formidável greve geral britânica de 1925, aproveitando-se do prestígio de sua aliança com a direção da Revolução Russa. O outro desvio se deu na Alemanha, quando os stalinistas, no seu “terceiro período” ultraesquerdista, levantavam a frente única “pela base” e o desconhecimento da direção “social-fascista”. Com isso, sabotaram a unidade do proletariado alemão e permitiram o ascenso de Hitler ao poder.

Desvios à parte, a tática de frente única é contraditória devido a um fato real. Trata-se de conseguir uma mobilização unitária e imediata dos trabalhadores, e a luta não é precisamente o terreno no qual as direções reformistas se sentem mais cômodas. Seu teatro de ação é a tribuna parlamentar, a redação do jornal, o escritório do sindicato ou do partido. Não a fábrica ou a barricada na rua. O eixo da sua atividade é a negociação, não a mobilização.

Para nós, diz Trotsky, “interessa arrastar os reformistas dos seus santuários e colocá-los junto a nós na frente dos olhos das massas que lutam” (*The first five years of Communist International*).

Em certas ocasiões, quando a pressão das massas é muito forte, sobretudo quando uma ofensiva do capitalismo põe em perigo seus privilégios, podemos “arrastar os reformistas de seus santuários” e obrigá-los a lutar. Essa situação nos beneficia como revolucionários, já que só com a mobilização nosso partido se fortifica, e torna-se nítida a verdadeira face contrarrevolucionária dessas direções.

Porém, em muitas ocasiões, talvez na maioria delas, torna-se impossível obrigar a burocracia reformista a se mobilizar. Em tais casos, sempre e quando o partido revolucionário possuir a força suficiente (recordemos que essa é uma das condições para aplicar a frente única), se há de fato uma frente única pela base. Se se produz uma luta, então esse tipo de frente pode nos favorecer, já que desmascara a direção traidora.

Seja como for, a frente única é uma tática para mobilizar as massas e somente assim deve ser colocada. Jamais para frear uma mobilização como a levantou o stalinismo em suas duas versões contraditórias, “por cima” (na Inglaterra) e “pela base” (na Alemanha).

A frente única nas nossas fileiras

A tática de frente única, aplicada pelos trotskistas na vida de Trotsky, passou por etapas definidas de forma nítida.

A primeira correspondeu à etapa do Comitê Anglo-Russo e de outra grande frente única dessa época: a do Partido Comunista Chinês com o Kuomintang. Dentro da URSS, deu-se de

fato a frente única da burguesia com o campesinato rico, nos marcos da NEP, como vimos num capítulo precedente.

O eixo da política de Trotsky nessa etapa foi a ruptura dessas três frentes únicas contrarrevolucionárias. Na Inglaterra e na China, suas previsões se viram confirmadas pela derrota da greve geral na primeira e a derrota da revolução de 1925-1927 na segunda. Dentro da URSS, a burocracia, obrigada por circunstâncias que colocavam em perigo sua dominação, teve de dar um sangrento fim à sua frente com os *kulaks* e tomar as palavras de ordem da Oposição de Esquerda pela aplicação de um plano quinquenal e a industrialização do país, de forma ultimata e totalitária.

A segunda etapa se produziu entre 1928 e 1933. Com o avanço do nazifacismo na Alemanha, a frente única se transformou em tática principal do trotskismo. Esta tinha todas as características clássicas da frente única, tal como foram definidas pela III Internacional.

Em primeiro lugar, deve ter-se em conta que o trotskismo, ultraminoritário, não se considerava uma organização independente, mas sim uma fração leal da Comintern e de seus partidos nacionais. Por conseguinte, lutava para que o PC alemão, organização com grande influência de massas, mas minoritário em relação à social-democracia, chamasse-a a constituir a frente única. Em segundo lugar, tratava-se de uma tática defensiva para mobilizar unitariamente as massas contra o perigo fascista.

A segunda etapa chegou ao seu fim em 1933 com o triunfo do fascismo na Alemanha. A partir de então, os trotskistas rompem com a Comintern, constituem-se em grupos independentes e praticamente abandonam a tática da frente única. Quer dizer, não totalmente: continuam levantando-a em nível local, ao redor de lutas reivindicatórias dos trabalhadores, mas em nível nacional, só a levantam *de forma propagandista*, no sentido de “isso é o que deveriam fazer os partidos operários de massa”, abandonando-a como tática para a ação imediata do próprio partido. A própria menção da frente única desaparece da literatura trotskista a partir do ascenso das frentes populares na Espanha e na França.

O abandono da frente única obedece uma razão muito sólida: “é uma tática para a ação imediata. O trotskismo, corrente muito débil e ultraminoritária no movimento operário, não encontrava condições de colocá-la. Daí decorre o fato notável de que os documentos programáticos mais importantes da fundação da IV Internacional – o *Programa de Transição* e o manifesto *A guerra imperialista e a revolução proletária mundial* (chamado “Manifesto de Emergência”) – sequer mencionam a tática da frente única. Isso demonstra, por outro lado, que é só uma tática subordinada à grande tarefa estratégica da construção do partido revolucionário do proletariado.

Pode haver uma circunstância em que a frente única continue colocada: é em nível local, de uma categoria ou de uma nacionalidade oprimida. Por exemplo, frente a uma greve numa fábrica ou a uma mobilização de trabalhadores imigrantes, pode estar colocada a frente única com a burocracia sindical ou com a direção local do partido socialista ou stalinista para conseguir o triunfo da mobilização. Mas isso é inteiramente diferente da frente única em nível nacional como foi colocada originalmente pela III Internacional.

Quando os partidos operários traidores estão no governo, só é levantada sob uma circunstância absolutamente excepcional, como a sublevação de Kornilov.

[...]

O governo operário e camponês

Ao desaparecer a frente única entre as táticas do trotskismo, surge outra que rapidamente adquire *status* como uma das táticas mais importantes do nosso movimento: o governo operário e camponês.

Não é casual que Trotsky não tenha levantado essas duas táticas ao mesmo tempo e que uma tenha surgido na medida em que desaparecia a outra. Como dissemos, a frente única é um chamado feito por um partido revolucionário com influência de massas a um partido reformista majoritário à luta conjunta, com base em pontos comuns.

O governo operário e camponês como tática frente aos partidos operários corresponde a outra etapa, quando os partidos stalinistas e social-democratas deixaram de ser reformistas para se converterem em contrarrevolucionários, já que se passaram em definitivo para a ordem burguesa. A frente única parte da base de que existem atritos entre a burguesia e os partidos operários. A tática de governo operário e camponês se levanta quando existe uma profunda unidade contrarrevolucionária entre eles, o que é característico na atual etapa histórica.

A frente é o chamado à mobilização das massas com suas direções reformistas. O governo operário e camponês não é um chamado, mas sim uma exigência; não para lutar em conjunto, mas sim para que essas direções rompam sua colaboração e sua aliança com a burguesia e tomem o poder com um programa revolucionário. Em síntese, é o chamado às massas a romper com suas direções traidoras ou obrigá-las a romper com a burguesia.

Por tudo isso, a frente única e o governo operário e camponês são táticas opostas, que correspondem a etapas totalmente diferentes da luta de classes.

Digamos, para concluir, que só nos referimos ao governo operário e camponês como tática para varrer as direções traidoras do movimento operário, e não no outro sentido que é descrito pelas teses (da IV-CI), ou seja, como tipo específico de governo.

[...]

CAPÍTULO VIII

A OCI abandona o programa de transição em troca de um programa mínimo

Como vimos, a OCI tem uma política de centrar seus ataques exclusivamente no CNPF e nos altos funcionários giscardianos. Não só não ataca o governo, como também forma parte do seu “campo”. Isso a leva a afirmar que o movimento de massas atravessará duas etapas em sua atitude frente ao governo. Na primeira, as massas verão o governo como seu “aliado” contra o CNPF e tentarão “dialogar” com ele. A tarefa da OCI nesta etapa é “facilitar” esse diálogo. Na segunda, que iniciará uma vez produzida a derrota do CNPF, as massas tomarão distância, não para derrubar o governo, mas para obrigá-lo a romper com a burguesia. Supomos (porque jamais é dito explicitamente) que a palavra de ordem “fora os ministros burgueses do governo” fica relegada para essa segunda etapa, ou seja, para um futuro indeterminado. A síntese dessa política é que OCI não tem nem tenta ter uma palavra de ordem de governo.

Isso não significa o abandono total do programa de transição, tanto na letra quanto no método. O eixo do programa de transição é justamente o problema de governo: **um programa trotskista é justamente um conjunto de palavras de ordem e tarefas, que têm como objetivo a mobilização revolucionária das massas para a derrubada da burguesia – ou seja, do governo burguês de turno – e a conquista do poder pelo proletariado.**

Vejamos, com a OCI acontece algo bastante cômico. Toda a sua política é revisionista, mas como tenta ocultar esse fato, cita Trotsky e o programa a cada passo; o “Projeto de informe político” tem um capítulo intitulado “Aplicar o método do programa de transição”, e, ao longo do documento, são abundantes as citações de Trotsky (além de algumas de Lenin e da III Internacional). Isso é típico do revisionismo envergonhado: citar ritualmente os mestres, jurar por eles, aplicar uma política diretamente contrária a seus ensinamentos.

A OCI reconhece que não tem programa

No “Projeto de informe político”, afirma-se que a OCI não tem, na atualidade, um programa de transição: “(...) as outras palavras de ordem que conformarão a coluna vertebral do programa de ação que *teremos de redigir*.”

Ou seja, as palavras de ordem transicionais e o programa de ação ainda não foram redigidos.

Deixemos óbvio que na terminologia trotskista “programa de ação” é o mesmo que “programa de transição”: em 1934, Trotsky redigiu um “programa de ação para a França”; no programa de transição, ele retoma as mesmas palavras de ordem e, acima de tudo, mantém o mesmo caráter e método que aquele. Continuemos.

O projeto pergunta: “Estamos frente a uma tarefa que devemos cumprir: saber elaborar, sobre a base do *Programa de Transição* da IV Internacional, um programa de ação que responda à nova situação política entre as classes no nosso país. Podemos fazê-lo de imediato?”

A resposta é não: “É indispensável que a OCI elabore nas próximas semanas e nos próximos meses, um programa de ação. No entanto, não se trata de ser ultimata nem de ser abstrato.”

Nisso a OCI procede exatamente ao contrário do trotskismo. Um trotskista diz: “Feita a caracterização de uma nova etapa da luta de classes, não podemos avançar nem mais um passo sem a elaboração de um programa adequado à mesma”. A OCI, em troca, coloca tudo de pernas para o ar ao afirmar que o programa é necessário, que deve elaborá-lo, mas que pode deixar essa tarefa mais para a frente, para as próximas semanas ou meses.

Trotsky versus Frank-Molinier-Lambert

A negativa consciente em formular um programa não é um fato casual. Também não é novo: já aconteceu antes em nossas fileiras com a fração Frank-Molinier do partido francês. Vejamos como foi e a polêmica que Trotsky fez naquela ocasião, porque a história está se repetindo.

Em 1935, uma ala do partido trotskista francês, encabeçada por Frank e Molinier, resolveu publicar um “órgão de massas” para responder à nova situação criada pela Frente Popular de Blum e pelo crescente ascenso das massas. Este jornal, chamado *La Commune*, formulou cinco palavras de ordem: criação de comitês operários e comunas; formação de milícias populares e

armamento do proletariado; derrotismo revolucionário; governo operário e camponês; reconstrução do partido operário e camponês e reconstrução do partido revolucionário.

Excetuando-se a das “comunas”, essas palavras de ordem parecem extraídas de *Aonde vai a França?* ou algum outro escrito de Trotsky da época. No entanto, Trotsky qualificou o manifesto do *La Comune* de “capitulação frente à onda social-patriota”. Quem não compreende assim, não é um marxista. (*The crisis of the French Section*. New York: Pathfinder Press, 1977, p. 102). Por que? Porque *La Comune* – como a OCI hoje em dia – não tinha um programa:

Para nós, o importante é um *programa* que corresponda à situação objetiva (...) no pensamento e na carta de P. Frank – e no conhecido manifesto de *La Comune* – não se menciona um programa, e não é uma casualidade: o programa é um obstáculo importante para a confraternização com a pequena-burguesia, os intelectuais, os pessimistas, os céticos e os aventureiros; nós, ao contrário, estamos convencidos de que **o programa determina tudo**.

Aqui Trotsky nos dá a chave: Frank e Molinier não levantavam um programa para poder capitular frente à ala esquerda da Frente Popular: Marcel Pivert e companhia. Lambert se nega a levantar um programa para capitular, não frente aos intelectuais como Pivert, mas pior, frente ao governo burguês de Mitterrand e o mais podre da direita burocrática contrarrevolucionária do aparato sindical, Bergeron e seus comparsas.

Lambert diz que não levanta um programa porque “não é questão de ser ultimata”. Frank dizia exatamente o mesmo: “Nada de ultimatismo organizativo.” Trotsky responde: “Que distorção repugnante da formulação leninista! Nada de ultimatismo em relação às massas, aos sindicatos, ao movimento operário; o ultimatismo ao que nos referimos se chama programa marxista.”

Um pouco depois, quando Frank e Molinier propuseram a reunificação, Trotsky insistiu: “*Antes de tudo, o programa!* Jornal de massas? Ação revolucionária? Reunificação? Comunas por todas as partes? Muito bem, muito bem. Mas, *antes de tudo, o programa!*”

Como vemos a história se repete. Mas, como dizia Marx, o que ontem foi tragédia, hoje se repete como farsa. Frank-Molinier levantavam cinco palavras de ordem e chamavam isso de programa. Trotsky respondeu: “Milícia operária e derrotismo revolucionário não constituem um programa. Todo o mundo as aceita com tais ou quais reservas.”

Em troca, Lambert se nega explicitamente a levantar um programa.

Frank-Molinier repeliem o “ultimatismo” para capitular a uma corrente centrista de esquerda, que por sua vez capitulava à frente popular. Lambert capitula diretamente ao governo burguês de frente popular e à burocracia sindical.

As tarefas e palavras de ordem de Pablo e Lambert

A negativa de elaborar e levantar um programa de ação (ou seja, de transição) não significa que a OCI não coloque tarefas e palavras de ordem frente à política do governo. Ao contrário, as coloca da forma mais categórica no “Projeto de informe político”.

O ponto de partida para elaborar as tarefas é a seguinte constatação, imediatamente após afirmar que não se pode ser ultimata nem abstrato: “O governo Mitterrand-Mauroy é forçado, a cada momento, a entrar em conflito com o aparato do Estado burguês, com a burguesia, cujos interesses, no entanto, defende.” Além da frase ritual de que o governo defende os interesses da burguesia, essas apreciações dão a tônica das tarefas que se impõe a OCI:

1) Sobre a necessidade de quebrar o aparato de Estado da V República: “A OCI(u) apoiará todo passo que o governo Mitterrand-Mauroy possa dar nesse sentido.”

2) Sobre a política econômica e as nacionalizações com indenização que o governo projeta: “A OCI(u) apoiará todo o passo que o governo Mitterrand-Mauroy dê nesse sentido. Consideramos que as medidas tomadas pelo governo para que os trabalhadores de Boussac-Saint-Frères... conservem seus empregos até setembro, constituem um primeiro passo.”

3) Sobre a anulação das leis antilaicas e a supressão dos fundos oficiais para o ensino privado: “Uma vez mais, a OCI apoia todo avanço nesse sentido.”

4) Sobre o problema do emprego, o aumento de preços, o ensino, a formação profissional: “Será sempre do mesmo ângulo que deveremos abordá-los”, ou seja, trata-se de apoiar os passos progressivos do governo.

Em síntese, a OCI tem um programa claríssimo e concreto frente ao desemprego, à inflação, às leis antilaicas, ao ensino, às condições de trabalho e à formação profissional, nada menos que a totalidade dos problemas mais angustiantes do proletariado francês. Não tem um programa transicional, dirigido contra o governo burguês e a propriedade capitalista: é o *apoio às medidas reformistas do governo*. Como diz o próprio projeto, esse é o eixo da política da OCI: “será sempre do mesmo ângulo que deveremos abordá-los.” Mais nítido, impossível: é preciso que reconheçamos essa virtude.

De seu lado, Pablo tem exatamente o mesmo programa. A resolução política do congresso constitutivo da Tendance Marxiste Révolutionnaire Internationale diz: “Apoiaremos cada *medida* favorável aos trabalhadores” (suplemento de *Pour l'Autogestion*, nº 2). E em outra parte: “Nós defenderemos de forma incondicional o governo Mitterrand contra os ataques da direita e apoiaremos todas as *medidas sociais e políticas* que tome, que satisfaçam as reivindicações dos trabalhadores” (*Pour l'Autogestion*, nº 1).

Em síntese: “trata-se de combinar habilmente a unidade de ação e o apoio a toda *medida progressiva* com a propaganda do programa transitório” (*Sous le drapeau du socialisme*, 10 de maio).

Ou seja, do mesmo modo que Lambert, Pablo faz do apoio às medidas progressivas do governo o eixo de sua política e programa; para completar as coincidências, aparecem as mesmas frases rituais de rigor entre os revisionistas: “a propaganda do programa transitório”.

Então, a coincidência entre Pablo e Lambert sobre o problema chave do programa é total. A única diferença entre elas é a terminologia, porque onde Pablo fala em apoiar “medidas”, Lambert fala em apoiar “passos”. Nisso vemos uma aproximação entre Lambert e... Stalin. Como vimos, Stalin se caracterizava por apoiar os “passos progressivos” do governo provisório nas páginas do *Pravda*, na época em que tal jornal tinha uma política totalmente oportunista segundo Trotsky.

Uma política a partir das ilusões das massas

No afã de justificar sua capitulação ao campo frentepopulista, a OCI montou uma estrutura explicativa que parte da seguinte consideração: “O governo Mitterrand-Mauroy, burguês, de colaboração de classes, de tipo frentepopulista, é produto da derrota que as massas trabalhadoras e a juventude infligiram à burguesia: o reconhecem e o reconhecerão durante toda uma etapa como seu governo. A partir dessa constatação, feita sobre a base de fatos objetivos rigorosamente estabelecidos (...) é que devemos guiarmo-nos *hoje*, para determinar nossas tarefas” (“Projeto de informe político”, p. 3, grifado no original).

Na realidade, aqui são mencionados dois fatos, mas os dois não são “objetivos”. Que o governo Mitterrand-Mauroy é “burguês”, de colaboração de classes, do tipo frentepopulista, é sim um fato objetivo. Mas o fato de que as massas “o reconhecem e o reconhecerão durante toda uma etapa como *seu governo*” é obviamente *subjetivo*. É o que pensam as massas – de forma equivocada, por outro lado – sobre o caráter do governo.

O fator que a OCI leva em conta para determinar suas tarefas é unicamente o subjetivo, já que durante todo o documento se repetem frases como: “combater as ilusões no terreno das ilusões” tomando em conta que “os trabalhadores não fizeram a experiência com a política de colaboração de classes do governo Mitterrand-Mauroy”. A própria estrutura do documento confirma o que dizemos: o primeiro capítulo fala “Sobre o problema das ilusões”, vale dizer, sobre o problema subjetivo.

Fica nitidamente estabelecido, então, que o ponto de partida da OCI para elaborar sua política é o fator subjetivo, as ilusões das massas. Agora vejamos o que significa isso na prática.

A empresa de computadores Logabax havia começado a instrumentar um plano de reestruturação, que implicava na demissão de várias centenas de operários. Qual foi a política da OCI frente a esse problema desesperador? “Nós não propusemos, imediatamente a nacionalização da Logabax porque levamos em conta que os trabalhadores, que acabavam de tirar Giscard, acreditaram que o novo governo Mitterrand-Mauroy necessitava tempo para preparar as nacionalizações.”

Não poderia ser mais nítido. Contra a política trotskista – “para que não haja mais demissões, ocupemos a fábrica e exijamos sua expropriação” –, a OCI resolve, junto com os trabalhadores, dar a Mitterrand o tempo que pede.

A política trotskista parte do fator objetivo

Nós afirmamos, junto com Trotsky, que a concepção da OCI de tomar como o ponto de partida da sua política o fator subjetivo – o que as massas acreditam – é uma concepção absolutamente revisionista, de fazer seguidismo ao atraso das massas para justificar o apoio a Mitterrand. Expliquemo-nos: no nosso artigo publicado em *Correspondência Internacional* nº 13, assinalávamos que o ultraesquerdismo e o oportunismo compartilham o defeito metodológico de só levar em conta um elemento da realidade. Para os oportunistas da OCI, esse elemento é o subjetivo, as ilusões das massas. Mas são tão oportunistas que levam em conta o outro fator subjetivo: as massas, além de ilusões, têm aspirações. As aspirações das massas francesas, hoje em dia, concretizam-se em liquidar o desemprego, tal como prometeu Mitterrand; concretizam-se em melhores salários etc. Sintetizam-se numa França socialista: por isso elegeram Mitterrand. Este traiu absolutamente todas as aspirações das massas, mas a OCI não toma, absolutamente, isso em conta ao formular sua política.

Os marxistas revolucionários elaboram sua política e palavras de ordem com base em todos os elementos – objetivos e subjetivos – que a realidade oferece, em sua relação orgânica e sua dinâmica. Mas o ponto de partida para elaborar nossa política sempre é o fator *objetivo*, concretamente, as *necessidades das massas*: baixos salários, desemprego etc. Por isso, não é casual que o *Programa de Transição* parta das premissas *objetivas* da revolução socialista. Nosso programa não parte da colocação de que as massas acreditam em Stalin, Blum ou Jouhaux, mas do seguinte: “As forças produtivas da humanidade deixaram de crescer. As novas invenções e progressos técnicos não conduzem a um acréscimo da riqueza material. As crises

de conjuntura, nas condições da crise social de todo o sistema social, de todo o sistema capitalista, impõem às massas privações e sofrimentos sempre maiores” (*Programa de Transição*, Bogotá, Editora Pluma, 1977, p. 7).

Por outro lado, Trotsky assinala de forma muito explícita que, quando surge uma nova situação na luta de classes, devemos, em primeiro lugar, dar uma visão honesta e transparente da situação objetiva, das tarefas históricas que emanam dessa situação, independentemente de os trabalhadores estarem maduros ou não para isso. “Nossa tarefa não depende da mentalidade dos operários (...) *nós devemos dizer a verdade aos trabalhadores* e então ganharemos os melhores elementos” (“Discussões sobre o Programa de Transição”).

Ou seja, nossa política não depende da mentalidade (das ilusões) dos trabalhadores, mas sim de suas necessidades.

Isso significa que não levamos em conta as ilusões? De forma alguma. Este é justamente o erro dos ultraesquerdistas. Nós as levamos em conta para elaborar nossa tática, ou seja, a forma como “dizemos a verdade aos trabalhadores” de maneira que eles nos compreendam e se mobilizem.

Para explicar melhor, voltemos ao exemplo da Logabax. Ali havia um fato objetivo – centenas de operários correndo o perigo de perder seu emprego – e um subjetivo – esses trabalhadores acreditavam que Mitterrand solucionaria o problema.

Um oportunista diz com a OCI: “já que os trabalhadores acreditam em Mitterrand, devemos dar a ele o tempo que pede e não exigir a expropriação da fábrica.”

Um ultraesquerdista diz: “As demissões da Logabax demonstram que esse governo burguês não solucionará nada, é igual ao de Giscard. Abaixo o governo de Mitterrand.”

Nós trotskistas dizemos: “Contra as demissões, devemos ocupar a fábrica e exigir sua expropriação imediata, sem indenização e sob nosso controle. Vocês confiam em Mitterrand, nós não. Propomos um acordo: lutemos junto contra as demissões, ao mesmo tempo que negociamos com o governo no qual acreditam.”

Qualquer trabalhador pode aceitar essa simples colocação, mobilizar-se, lutar e ao mesmo tempo negociar com o governo. Assim, através da ação e da mobilização, compreenderá o erro de confiar no governo.

Isso nos leva a outro problema. Segundo a OCI, há de se “combater as ilusões no campo das ilusões”. Falso: colocar-se no terreno das ilusões é fazer seguidismo às mesmas, como a OCI. As ilusões só podem ser combatidas mediante a *mobilização*, e as massas só se mobilizam a partir de suas necessidades objetivas.

Uma “confusão” no caráter das palavras de ordem

As palavras de ordem e as tarefas que a OCI formula são todas mínimas: nenhuma vai contra a propriedade privada capitalista, que é *sine qua non* para que uma palavra de ordem seja transicional. Um pouco mais adiante, vamos nos aprofundar no aspecto do caráter das palavras de ordem. O que assinalamos aqui é que a falta de palavras de ordem transicionais entre as que a OCI levanta (nos referimos às que levanta de forma sistemática, não às que aparecem em um ou outro artigo de jornal de forma ritual) não é casual: atentar contra a propriedade privada capitalista significa dirigir-se contra o governo burguês, e isso é o que a OCI quer evitar a todo custo.

Uma das razões que colocam para não levantar palavras de ordem transicionais e de governo nesta etapa, a do camarada Luis Favre na sua intervenção frente a uma plenária conjunta da Convergência Socialista e da Organização Socialista Internacionalista do Brasil. Diz Favre:

“Um camarada disse que para propor uma política é necessária uma palavra de ordem de governo. Agora vejamos, essa palavra de ordem de governo tem um caráter de agitação ou de propaganda? Se o problema de derrubar o governo está na ordem do dia, o caráter desta palavra de ordem é agitativo, é um chamado imediato à ação das massas para derrubá-lo. Se do que se trata é de uma perspectiva, a OCI afirmou em vários editoriais que se pronuncia por um governo PC-PS sem ministros burgueses” (transcrito da gravação efetuada na reunião).

Começando pela última afirmação de Favre, é verdade que em vários editoriais de IO, assim como no “Projeto de informe político”, a OCI se pronuncia por um governo PS-PC sem ministros burgueses. Mas o faz de forma abstrata, ritual: ao negar-se a levantar “fora os ministros burgueses”, a palavra de ordem por um governo PS-PC se converte numa bandeira para agitar nos dias de festa e num lema que em nada inquieta o governo burguês.

Segundo Favre, as únicas palavras de ordem que devem ser agitadas são aquelas que servem para mobilizar as massas de forma imediata. Isso é um erro: agitação e ação imediata não são sinônimos. As palavras de ordem agitativas são as três ou quatro ideias fundamentais que apresentamos ao movimento de massas de forma constante, independentemente de que este se mobilize por elas imediatamente.

A OCI nos deu o melhor exemplo disso. Em 1974, lançou sua palavra de ordem “Derrubar Giscard”; as massas derrubaram eleitoralmente Giscard em 1981. Ou seja, passaram-se sete anos; mas durante estes sete anos, a OCI jamais deixou de agitar essa grande reivindicação, concretizada em palavras de ordem como, “unidade PS-PC para expulsar Giscard”, “votar em Mitterrand” etc.

Vejamos outros exemplos. Os camaradas venezuelanos levantavam a seguinte palavra de ordem: “por uma conferência das organizações operárias para combater o desemprego.” Possivelmente vários anos se passarão antes que essa tarefa possa ser levada a cabo. No entanto, os camaradas venezuelanos não deixarão de agitar essa palavra de ordem, e entendemos que é um grande acerto que façam isso.

O PST argentino agita as palavras de ordem “abaixo a ditadura militar” e “por uma assembleia constituinte”. Ninguém afirma que as massas se levantarão para derrubar o governo de forma insurrecional. Mas, ao mesmo tempo, ninguém critica o PST(a) por fazer da palavra de ordem “abaixo a ditadura militar” o centro de sua agitação. Ao contrário, todo o nosso movimento mundial considera que é um grande acerto político.

Esse “erro” da OCI, como todos os outros, não é casual. É parte coerente da sua política de proteger a unidade do “campo” liderado por Mitterrand e seu governo burguês.

O caráter do nosso programa de transição

O *Programa de Transição*, esse programa que a OCI se nega, de forma explícita a formular, tem uma série de características essenciais como veremos, sinteticamente, a seguir.

O trotskismo não tem dois programas, tem somente um  social-democracia, como a OCI hoje, tinha dois programas. Um chamado “mínimo”, estava composto por reivindicações reformistas, ou seja, aquelas que o regime capitalista podia conceder sem pôr em perigo sua dominação. O outro programa, o “máximo”, incluía as palavras de ordem que eram contra a propriedade privada capitalista e colocava o problema do poder de forma direta. A agitação

da social-democracia se baseava no programa mínimo; as palavras de ordem contra a propriedade capitalista e pela conquista do poder ficavam relegadas aos “dias de festa”, aos discursos no 1º de Maio etc.

O trotskismo tem um só programa, porque as palavras de ordem contra a propriedade privada capitalista não são guardadas para os dias de festa. Ao contrário, são suas palavras de ordem fundamentais. Considera que os objetivos que a social-democracia relegava ao programa máximo – a conquista do poder, a expropriação da burguesia, a instauração da ditadura do proletariado – são tarefas urgentes, imediatas. A crise do sistema capitalista significa não somente que a burguesia não pode dar novas concessões, mas que sequer pode manter as existentes, muitas das quais foram conquistadas há décadas pelo movimento operário.

Devido a isso, já não existem palavras de ordem máximas e mínimas. **Qualquer reivindicação operária, por mais elementar que seja, é revolucionária, porque questiona a propriedade capitalista e, como consequência, o poder político da burguesia.** Muitas tarefas que o movimento operário tinha colocado para serem realizadas dentro do sistema capitalista devem ser resolvidas pelo socialismo. Por exemplo, o problema do emprego e do nível de vida: o capitalismo não pode garantir trabalho e vida digna para a imensa maioria da humanidade. Por isso, essas reivindicações requerem a implantação da escala móvel de horas de trabalho (distribuição do trabalho existente entre toda a mão de obra disponível) e a escala móvel dos salários (aumento automático dos salários de acordo com o aumento do custo de vida). Essas tarefas não são reformistas, mas transicionais, porque só o governo do proletariado pode realizá-las a partir da planificação socialista da economia.

Isso não significa que o partido trotskista não lute por tarefas reformistas: um pequeno aumento de salários, a expulsão de um capataz abusivo de uma fábrica etc. Ao contrário, agita de forma contínua uma infinidade de palavras de ordem como essas, que não vão contra a propriedade privada capitalista. Mas o método do programa exige que tais palavras de ordem jamais sejam colocadas de forma isolada: expulsão do capataz e ponto. Pelo contrário, essas palavras de ordem são muito úteis para iniciar uma mobilização, mas buscando que a referida mobilização não se detenha. Por isso, combinamos a palavra de ordem “reformista” com outras cada vez mais audazes para que a mobilização não se detenha: da expulsão do capataz à expulsão de todos os capatazes, logo, do dono da fábrica, à expropriação da mesma, à imposição do controle operário.

Em síntese, o trotskismo jamais coloca suas palavras de ordem de forma isolada nem anárquica. Cada palavra de ordem é parte de um sistema que pode partir de uma tarefa sentida pelas massas, mas levando sempre ao questionamento de todo o regime.

Voltemos ao exemplo anterior da Logabax: há demissões, mas os trabalhadores confiam no governo. A OCI coloca, baseando-se neste último, que a única tarefa é negociar com o governo; nós, os trotskistas, não estamos contra negociar; mais ainda, já que os trabalhadores confiam no governo, negar-se a negociar seria uma política ultraesquerdista estéril. Mas de forma alguma nos limitamos a negociar. Nossa política é: “Negociemos com o governo. Enquanto isso, *ocupemos a fábrica e imponhamos o controle do Comitê de Empresa e a distribuição do trabalho disponível entre todos.* Aqui há mil operários trabalhando oito horas diárias. A patronal quer demitir quinhentos. Proponhamos que continuem trabalhando os mil, quatro horas sem redução de salário.”

Esta é a essência do programa transicional: o encadeamento dinâmico das palavras de ordem, desde as mais elementares até as anticapitalistas, para originar a mobilização permanente dos trabalhadores contra o sistema e o regime.

Os eixos do *Programa de Transição*

As características mencionadas conformam, de conjunto, um aspecto do programa, mas não o esgotam. Esse método se apoia em três pilares distintos, mas intimamente ligados entre si: o problema do governo, o das instituições do Estado e a superação da crise de direção revolucionária do proletariado.

Já que o objetivo presente e imediato do trotskismo é a conquista do poder, nenhum programa pode considerar-se transicional se não incluir uma palavra de ordem de governo. Referimo-nos a uma palavra de ordem *concreta*, ou seja, qual é a superestrutura operária que deve entrar no lugar da superestrutura burguesa e quais são os passos a serem seguidos para alcançá-la? Isso significa levantar palavras de ordem como “o governo do PS e do PC”, que deve ir acompanhada, no caso da França, com “fora os ministros burgueses”. Na Argentina, para dar outro exemplo, colocamos “fora o governo militar, convocar imediatamente uma assembleia constituinte com liberdade para os partidos operários”. Na Espanha ou na Inglaterra, diríamos “abaixo a monarquia”, acompanhada da palavra de ordem da assembleia constituinte ou outra adequada.

Diferentemente do problema do governo, que se baseia nos partidos políticos, o problema do *Estado* burguês se baseia nas instituições: presidência, ministérios, parlamento e a mais importante de todas, as forças armadas. Frente a esta estrutura de Estado, o trotskismo sempre coloca uma estrutura do tipo soviética, baseada nas organizações operárias de base.

O terceiro pilar, que constitui o eixo central do programa, é a superação da crise de direção revolucionária do proletariado. Isso implica na crítica constante e brutal dos partidos operários contrarrevolucionários, agentes do capital no movimento operário, e às burocracias sindicais. Simultaneamente à luta para esmagar, varrer, massacrar as direções traidoras, construímos o partido revolucionário, que só pode ser um partido trotskista 

Toda a atividade do partido trotskista se baseia no método e nos eixos mencionados. Em outras palavras, nunca levantamos uma palavra de ordem isolada ou um conjunto anárquico de palavras de ordem, mas sim um sistema de palavras de ordem que leve a classe operária às seguintes conclusões: que a solução de todos os problemas, por mínimos que sejam, exige a insurreição contra o governo burguês e a conquista do poder pelo proletariado; que isso exige a construção de uma direção revolucionária, derrotando os partidos operários traidores.

O reformismo da OCI

Por tudo isso dizemos que a política da OCI é absolutamente reformista, a serviço do campo de Mitterrand.

Em primeiro lugar, todas as palavras de ordem e as tarefas que coloca são as mesmas do governo burguês, com a inclusão de alguns lemas extraídos do *Programa de Transição*, que aparecem na sua imprensa colocados de forma abstrata e por motivos puramente rituais.

Em segundo lugar, ao não estarem ligadas às reivindicações transicionais e ao problema do poder, não constituem um programa, mas sim uma soma de palavras de ordem anárquicas, sem hierarquização nem vinculação entre si. Ou seja, são todas palavras de ordem mínimas que não questionam a propriedade privada capitalista nem o poder burguês, por mais que algumas delas tenham sido extraídas textualmente do *Programa de Transição*.

Finalmente, como é demonstrando no exemplo da Logabax (e muitos outros exemplos que não citamos para não nos estendermos muito), o método da OCI não é a mobilização, mas sim a negociação. Insistimos que os trotskistas não se opõem à negociação. Porém para nós o fundamental é a mobilização das massas, e nesse marco negociamos com a patronal ou o governo, do momento e nos termos que a correlação de forças nos obriga a isso. Para a OCI e todos os reformistas, em troca, o fundamental é a negociação, e nesse marco as ilusões das massas podem obrigá-los a chamar uma ou outra vez à mobilização.

Como síntese de toda a sua política oportunista-revisionista, a OCI não tem uma política de superar a crise de direção revolucionária do proletariado francês. Junto ao “Projeto de informe político”, aparece uma “Resolução sobre os partidos dos 10.000”. Nela, não aparece nenhuma menção ao PS nem ao PCF e à necessidade de combatê-los. Por outro lado, se antes das eleições tinha na sua imprensa uma campanha sistemática contra o PCF e outra, não tão brutal, contra o PS, agora os ataques contra os stalinistas se suavizaram e os ataques aos sociais-democratas desapareceram por completo.

Por isso, a construção do “partido dos 10.000” é uma frase ritual a mais. Toda a política da OCI conspira diretamente contra a construção do partido trotskista revolucionário.

Consciência revolucionária e programa: as bases teóricas da elaboração de Lenin em *Que Fazer?*

Marcos Margarido

As discussões sobre o que é a consciência de classe, sobre o papel dos revolucionários em seu objetivo de elevar a consciência da classe operária a um nível de consciência revolucionária, sobre como os partidos devem atuar para atingir esse objetivo se misturam com o próprio surgimento do marxismo e os primeiros escritos de Marx e Engels.

A queda de stalinismo como aparato contrarrevolucionário mundial fez esse tema resurgir com toda a sua força. Assistimos, hoje, à mesma discussão que Marx, Engels, Lenin e Trotsky travaram, cada um em seu tempo, com os reformistas de suas épocas e, também, entre os revolucionários.

Talvez uma das disputas mais importantes em torno a esse tema tenha sido feita por Lenin, no início da organização da social-democracia russa, com a publicação de seu livro *Que Fazer?*. Embora o livro tenha ficado famoso por ter apresentado as bases teóricas de um “novo tipo de partido” – algo bastante questionável, mas que não abordaremos aqui – ou por ter lançado um modelo de jornal necessário para a organização e a centralização do partido – o organizador coletivo –, seu conteúdo central gira em torno à forma de atuação dos revolucionários para dotar a classe operária de uma consciência revolucionária.

No entanto, depois de 116 anos de publicação daquela obra²⁵, não podemos dizer que os revolucionários²⁶ tenham assimilado o conteúdo central da melhor forma. Nosso objetivo, neste primeiro artigo, é abordar esse tema a partir das polêmicas feitas por Lenin em *Que Fazer?*, mostrando, também, em quais bases teóricas ele se apoiava.

Adotaremos o seguinte roteiro:

Parte I – exposição de três posições relevantes para nossa discussão, entre os oponentes de Lenin. Os autores do *Credo* (Kuskova e Prokopovich); o autor da “Teoria dos Estágios” (Krichevskii); e Martinov, que propôs novas definições para propaganda e agitação.

Parte II – breve exposição das ideias centrais em relação ao tema, de Marx, Engels e Kautsky, o principal mentor da social-democracia alemã, em sua fase revolucionária.

Parte III – a posição de Lenin, exposta em *Que Fazer?* e outros escritos da época, nos quais ele polemiza com Kuskova/Prokopovich, Krichevskii e Martinov e defende as mesmas posições de Marx, Engels e Kautsky.

²⁵ O livro foi escrito entre o fim de 1901 e início de 1902 e publicado em março, na Alemanha.

²⁶ A discussão proposta aqui é entre os camaradas que reivindicam a necessidade da revolução socialista mundial e a ditadura do proletariado como uma transição ao socialismo. Não com os reformistas e neorreformistas.

Parte IV – III Internacional, Trotsky e Moreno. A elaboração programática e sua relação com a questão da consciência revolucionária (a ser apresentada em futura publicação).

Muitas citações deste texto são do livro *Lenin Rediscovered*, de Lars T. Lih, que fez uma recuperação exaustiva dos trabalhos dos personagens presentes na obra de Lenin e do contexto no qual *Que Fazer?* foi escrito.

Os oponentes de Lenin em *Que Fazer?*

O *Credo*, economismo em sua forma pura

Elena Kuskova, autora do *Credo*, e Sergei Prokopovich eram um casal de populistas (uma antiga corrente russa) que militou por algum tempo na social-democracia, no fim dos anos 1890. Em 1917, Prokopovich foi ministro do Abastecimento do Governo Provisório, e, em 1922, o casal foi deportado pelo governo soviético.

Prokopovich se dizia um herético do marxismo e considerava Bernstein a ala progressista do movimento, embora o criticasse por gastar muito tempo tentando corrigir a doutrina socialista. Para ele, o que devia ser rejeitado era exatamente o fato de um partido ser guiado por uma doutrina, isto é, pelo marxismo.

Em 1899, Kuskova escreveu o *Credo*, um manifesto cujo nome não foi dado por ela e que não estava destinado a ser publicado. Lenin e mais 16 sociais-democratas russos exilados respondem a Kuskova com o texto “Um Protesto de Social-democratas Russos”²⁷, no qual afirmam:

[...] sentimo-nos obrigados a [...] alertar a todos os camaradas contra este desvio ameaçador à social-democracia russa do caminho já tomado por ela – a formação de um partido operário independente inseparável da luta de classes do proletariado, que tem por objetivo imediato a conquista da liberdade política.

O *Credo*, que está publicado na resposta de Lenin e outros mencionada acima, diz:

Na Rússia, a linha de menor resistência nunca irá na direção da atividade política... A luta econômica é difícil, infinitamente difícil, mas é possível – está, na verdade, sendo levada a cabo pelas próprias massas operárias. Ao acostumar-se à organização devido a essas lutas e ao ser empurrado a cada minuto contra o regime político, o operário russo finalmente criará algo que possamos chamar de uma forma de movimento operário – criará a organização ou as organizações que melhor se adaptarem às condições russas.

E termina afirmando:

Qualquer conversa sobre um partido político operário independente é, em essência, nada mais que o produto da transferência de tarefas estrangeiras, resultados estrangeiros, para nossa terra... Para o marxista russo há apenas uma conclusão: participação pela ajuda à luta econômica do proletariado e participação na atividade de oposição liberal.

Para os marxistas ortodoxos, como Kuskova os chamava, afirmar que não era possível construir um partido independente da classe operária e que a social-democracia deveria converter-se na ala esquerda da burguesia liberal era evidentemente uma heresia.

Em relação à consciência da classe, também não ficava por menos. Para Kuskova – e Prokopovich, que concordava plenamente com ela –, a mobilização da classe devia seguir a “linha de menor resistência”, isto é, a luta econômica. Essa é levada a cabo pela própria

²⁷ Lenin, A Protest of Russian Socialdemocrats, www.marxists.org

classe, de forma independente do partido, que teria o papel apenas de ajudar de fora para que as lutas fossem vitoriosas. Com o tempo e por costume, a própria classe passaria a se organizar contra o regime, pois qualquer luta econômica tinha de enfrentar a repressão policial. Enquanto isso, a social-democracia devia contentar-se em participar politicamente das atividades da oposição liberal, isto é, daquilo que era legalmente permitido.

Para esses autores, portanto, o partido não tem nenhum papel na construção da consciência da classe nem na consciência econômica, muito menos na política. A própria classe, por sua própria experiência – e costume – e seguindo a linha de menor resistência, avançaria sua consciência. Em outras palavras, a consciência da classe era sempre a consciência presente, e as lutas sempre devem basear-se nessa consciência. Qualquer tentativa da social-democracia de intervir nessas lutas para, por meio delas, avançar o nível de consciência da classe – isto é, apresentar a tarefa de derrubada da autocracia – é inútil. Deve-se esperar que a própria classe chegue a essa conclusão sem nenhuma intervenção de fora.

O programa do partido, portanto, devia conter apenas objetivos imediatamente realizáveis pela classe, o que significava que a palavra de ordem “Abaixo a autocracia” deveria ser removida. Para eles, “colocar a socialização dos meios de produção no programa ou falar de um futuro Estado, é utopianismo e infantilismo”²⁸. Em resumo, o programa deveria conter apenas tarefas das quais os operários já fossem conscientes, pois a tática seria determinada pelas circunstâncias com “a precisão de um astrônomo” e não pela elaboração consciente do partido.

Prokopovich afirma, em carta publicada por Plekhanov em seu *Vademecum*, um dossiê com textos de vários economistas:

Da mesma forma que a agitação econômica começa somente quando um movimento de greve começa *por si próprio* na massa dos operários (sem a participação imediata dos intelectuais), também a agitação política só pode ser iniciada quando os próprios operários (sem o bacilo revolucionário dos intelectuais) começarem a luta contra a autocracia.²⁹

Nada pode ser mais nítido do que essa afirmação. Plekhanov responde da seguinte forma:

Os operários *sempre* sabem seus próprios interesses [concretos e nitidamente percebidos] e sua posição entre outras classes? [essa é uma afirmação de Kuskova, NdA]. Nós, os partidários da visão materialista da história, acreditamos que a resposta é: *longe disso*. Nós não duvidamos que a *consciência* das pessoas é determinada pela sua *existência social*. A existência de novos aspectos da realidade é a causa de um novo conteúdo da consciência. Mas essa determinação da consciência pela existência é um *processo de conjunto*, que é completado no curso de um período mais ou menos longo. Por essa razão, os operários nem sempre sabem seus interesses reais

[...]

O Sr. N. N. (Prokopovich) quer dizer que a consciência das massas sempre *está atrás* do desenvolvimento das relações sociais. Isso é mais ou menos correto. Mas a única conclusão lógica que se segue é que o “bacilo revolucionário” *deveria usar todos os meios de que dispõe para assegurar que a consciência do operário fique a mais próxima possível do desenvolvimento das relações reais de uma dada sociedade*. A tarefa do bacilo é exatamente esta: acelerar o desenvolvimento da autoconsciência do proletariado.³⁰

Isto é, os revolucionários determinam sua política pelas relações sociais reais de determinada sociedade e não pela consciência presente da classe operária, que sempre está atrás dessas relações. Ao fazer isso, os revolucionários avançam o nível de consciência da classe, não esperam que sua consciência avance por si só, pela experiência e pelo costume.

²⁸ Citado por Lars Lih, *Lenin Rediscovered*, p. 223.

²⁹ Idem, p. 225.

³⁰ Idem, p. 226.

Talvez a frase que melhor defina os economistas tenha vindo de um alemão, discípulo de Bernstein, chamado Eduard David, que declarou num congresso do SPD de 1895: “Revolucionar as mentes não começa pela mente, mas pelo estômago”³¹.

Krichevskii e a Teoria dos Estágios

Boris Krichevskii era um dos editores do jornal *Rabochee Delo*, porta-voz do grupo *União de Sociais-Democratas Russos no Exterior*, formado por revolucionários russos exilados. O primeiro número do jornal apareceu em 1899, com uma resenha muito elogiosa de um artigo anônimo chamado *Tarefas dos Sociais-Democratas Russos*. O jovem brilhante autor foi chamado de “representante proeminente do movimento social-democrata na Rússia” e procurava-se visivelmente atraí-lo para as fileiras do grupo. No entanto, o autor, Lenin, preferiu juntar-se ao grupo *Emancipação do Trabalho*, dirigido por Plekhanov.

Na primavera de 1901 (fevereiro/março), o movimento operário russo entrou em cena em apoio a protestos estudantis contra a convocação obrigatória de estudantes para o Exército feita pelo governo. Esses eventos levaram o *Rabochee Delo* a propor uma unificação com o grupo de Plekhanov, que havia lançado o jornal *Iskra* e a revista teórica *Zaria* em 1900. Uma conferência realizada em Genebra, em junho de 1901 aprovou uma resolução conjunta que apontava para uma nova conferência (realizada em outubro, em Zurique, que terminou sem a unificação dos dois grupos) e reafirmava os princípios defendidos pelo grupo *Emancipação do Trabalho*. A resolução começava dizendo:

Reconhecendo os princípios básicos do socialismo científico e agindo em solidariedade com a social-democracia revolucionária internacional, rejeitamos qualquer tentativa de introduzir o oportunismo no movimento de classe do proletariado, expresso pelos chamados economicismo, bernsteinianismo e millerandismo.³²

Em outro trecho, a resolução rejeitava a adoção da “teoria dos estágios” e a ideia de que a “social-democracia só pode propor tarefas políticas gerais em sua agitação somente depois que o proletariado tenha atravessado estágios preliminares de uma luta exclusivamente econômica e de uma luta por reivindicações política parciais” e enfatizava, também contra essa teoria que a urgência da tarefa de derrubar a autocracia não podia ser esquecida por um minuto sequer em todas as atividades de agitação e de organização.

Por que os membros do *Iskra* exigiram a inclusão dessa condenação à “teoria dos estágios”, elaborada por Krichevskii em seu artigo “Luta política e econômica no movimento operário russo”, publicado no *Rabochee Delo* nº 7? É o que veremos a seguir.

Krichevskii tentava estabelecer um método de ação do partido no movimento operário. Ele dizia que a agitação do partido devia começar com a agitação puramente econômica e passar para estágios superiores conforme o nível de consciência da classe (ou de um setor) avançasse, até chegar à agitação puramente política, isto é, a derrubada da autocracia. Segundo ele:

A luta econômica é a fonte de vida eterna de nosso movimento. Os estágios de transição na atividade de nossa organização são: agitação puramente econômica, agitação política com uma ligação imediata às campanhas econômicas, no início de reivindicações políticas imediatas e depois de nosso programa político completo; a agitação política que não tem uma ligação direta com as campanhas econômicas do proletariado ou seus interesses imediatos – direto para a agitação relacionada aos

³¹ Idem, p. 225.

³² Citado por Lars T. Lih, *Lenin Rediscovered*, p. 303.

problemas políticos gerais da atualidade, envolvendo o proletariado em sua capacidade de ser o destacamento avançado de todos os oprimidos em sua luta contra a autocracia.³³

Assim, a teoria dos estágios defende que a política social-democrata seja apresentada em doses homeopáticas a partir de uma série de táticas que passam obrigatoriamente por todos os estágios, numa ordem invariável, do econômico ao político.

Não que ele negue, como os economistas, a ação do partido no movimento de massas. À pergunta que ele se fazia em seu editorial, sobre qual era o melhor meio de desenvolver a consciência de classe e conseqüentemente a consciência política das massas (veja que ele diferencia de forma correta consciência de classe – a consciência de seus interesses econômicos – da consciência política da classe), ele responde:

[...] quem quer que perca de vista a tarefa essencial da social-democracia – o desenvolvimento da consciência de classe [aqui num sentido geral, NdA] do proletariado e a tarefa especial da social-democracia russa no momento – a aceleração da transição do movimento espontâneo das massas para um movimento consciente, de classe – não é um Social-Democrata.³⁴

No entanto, com sua teoria, ele acaba prescrevendo o mesmo método de ação dos economistas, isto é, partir das lutas econômicas para chegar às políticas:

Pode-se dizer que, na Rússia, as greves têm um significado muito maior no crescimento político das massas que em qualquer outro país do mundo. Durante as greves, o governo czarista fica ao lado dos proprietários de fábricas de forma tão nítida, enfrenta os grevistas com uma violência brutal tão grande, que mesmo o operário mais atrasado fica receptivo às ideias da luta política quando passa pela escola da greve. Ele sente em sua própria pele uma ligação indissolúvel entre a luta por seu interesse econômico imediato, a luta pela liberdade política e a necessidade de direitos políticos como uma consequência de seus interesses vitais, porque a ausência desses direitos torna a luta por melhorias das condições de trabalho muito difícil.

Com poucas mudanças, esse parágrafo caberia no *Credo* dos economistas. A questão aqui não é negar a caracterização, em geral correta, de que as massas começam a se mobilizar por seus interesses econômicos imediatos e que os revolucionários devem intervir nessas lutas para avançar o nível de consciência das massas. Porém, ao estabelecer estágios para esse avanço de consciência, primeiro o econômico e depois o político, ele limitava a ação revolucionária da social-democracia. Um setor operário que fizesse greve pela primeira vez e que nunca tivesse tido choques com a polícia, por exemplo, teria uma consciência puramente econômica. A esse setor, obrigatoriamente, a social-democracia deveria levantar apenas palavras de ordem econômicas, deixando sua tarefa imediata – a derrubada da autocracia e a conquista da liberdade política – para quando sua consciência passasse pelos demais estágios.

Além disso, ele estabelece uma ligação indissolúvel entre a luta econômica e a luta política, o que de forma alguma é verdade, deixando à social-democracia o papel de acelerar essa transição. Os economistas, nesse aspecto, eram mais coerentes. Eles afirmavam que era perfeitamente possível ter conquistas econômicas sob o tsarismo sem que, com isso, a classe atingisse uma consciência política. E ainda mais, mesmo quando se conquistasse alguma liberdade política, eleições, por exemplo, a classe poderia continuar com uma consciência econômica, pois a luta pelas liberdades políticas era uma tarefa da burguesia liberal segundo os economistas.

Embora de forma mais sofisticada, Krichevskii defende que a política social-democrata deve ser elaborada de acordo com a consciência presente da classe e não segundo a necessidade ditada pelas relações sociais reais entre as classes. Porém, à diferença dos economistas,

³³ KRICHEVSKII, Boris. *“Economic and Political struggle in the Russian Workers Movement”*. Em: *Rabochee Delo*, nº 7.

³⁴ Idem.

a classe estaria separada em segmentos conforme o estágio de consciência em que cada segmento se encontrasse. Isto é, haveria diferentes estágios da consciência presentes em diferentes setores da classe segundo diferentes experiências que cada setor tivesse.

A instrução das massas, seu esclarecimento por meio de proclamações, jornais e panfletos é, por si só, completamente inadequada. As massas são realmente esclarecidas por sua própria experiência de luta que, num primeiro momento, deve ser necessariamente uma luta econômica. A agitação deveria ter a tarefa principal de dotar as massas dessa experiência, de empurrá-las à luta onde necessário e, então – dá no mesmo se elas começam a luta por conta própria ou sob influência da agitação –, fazer uso da luta para dar uma explicação às massas de seu significado econômico e político.³⁵

Guardemos, por enquanto, essa definição de agitação e propaganda para quando discutirmos a definição de Martinov. Por enquanto, a atenção deve ser fixada na explicação de como a agitação econômica é obrigatória e somente ela pode levar as massas a compreenderem, via propaganda – a explicação –, as raízes econômicas e políticas de sua luta, pois elas só aprendem pela sua própria experiência.

Esse raciocínio fica ainda mais perceptível na citação abaixo. Após dizer que o objetivo da social-democracia é a educação política das massas, Krichevskii conclui:

Reivindicações políticas, no entanto, que são por sua própria natureza as mesmas para toda a Rússia, deveriam primeiramente corresponder à experiência obtida, por um determinado setor de operários, de campanhas econômicas. Apenas sobre a base dessa experiência é possível e correto executar a agitação política e ampliar seu conteúdo, repetimos, em proporção à nova experiência.³⁶

Sua teoria dos estágios tentava harmonizar as duas tendências – economista e social-democrata – existentes, afirmando que não havia duas tendências, mas dois estágios de uma mesma luta pela libertação dos trabalhadores e, portanto, correntes que expressavam esses diferentes estágios. Quando a luta econômica avançasse à luta política e, portanto, os níveis de consciência se iguallassem no mesmo estágio de consciência política, essas correntes diferentes também se igualariam com uma mesma política para o movimento.

Por isso, ele dizia:

Míopes ou cegos são aqueles que veem diferentes tendências em vez de diferentes estágios de nosso movimento em localidades separadas. Porém todas nossas organizações devem ter o objetivo de elevar o nível [de consciência] do movimento em todas as localidades, da forma mais rápida possível, e através disso acelerar nossa unificação tática. Nosso partido deveria estar unido tanto na prática quanto em seu programa.³⁷

Se fôssemos descrever graficamente a diferença entre o entendimento do avanço da consciência da classe pelos economistas e por Krichevskii, poderíamos dizer que, para os primeiros, a consciência da classe operária é sempre econômica, descrita por uma linha reta, enquanto a consciência política é outra linha reta, porém separada por um abismo da primeira. A social-democracia se limitaria a ajudar a classe em suas lutas econômicas e não tem nenhum papel no avanço de consciência das massas, que ocorreria espontaneamente.

Por outro lado, o esquema de Krichevskii é como uma escada com vários degraus. Cada degrau correspondente a um estágio da consciência do movimento de massas. A subida a um degrau superior depende apenas da experiência do próprio movimento. O papel da social-democracia é acelerar a subida, ou seja, reduzir a altura dos degraus. Ela tem um papel quantitativo (acelerar), mas não qualitativo para o avanço de consciência da classe.

³⁵ Idem

³⁶ Idem

³⁷ Idem

Martinov e a nova definição de agitação e propaganda

Alexander Martinov se tornou marxista em 1899 numa prisão na Sibéria e se juntou ao *Rabochee Delo* quando emigrou para a Europa, no verão de 1901, em meio às discussões sobre a unificação das duas organizações social-democratas russas no exílio. Segundo ele conta em sua autobiografia, colocou-se contra a unificação, a qual Lenin considerava, em carta a Akselrod de 25 de maio de 1901, um “passo gigante à frente”. Ele se torna membro do partido bolchevique após o termidor stalinista e braço direito de Stalin na III Internacional burocratizada, sendo o responsável pela política de aliança com o Kuomintang na China.

Em seu artigo “Literatura de denúncia e luta operária”, publicado no *Rabochee Delo* nº 10, com críticas ao *Iskra* para impedir a unificação, ele investe contra os conceitos tradicionais de Plekhanov³⁸ sobre propaganda e agitação. Para Martinov:

Da mesma forma [que as lutas operárias se desenvolveram, NdA], as tarefas de agitação tornaram-se mais complexas, as diferenças entre agitação e propaganda agora devem ser definidas de uma maneira diferente que a de Plekhanov. **Por propaganda, entendemos o esclarecimento revolucionário de todo o atual sistema ou de suas manifestações parciais – não importa que seja feita em uma forma acessível a alguns indivíduos ou ao público em geral. Por agitação, no sentido estrito da palavra, nós entendemos o chamado às massas para algumas ações concretas definidas, que levem à intervenção revolucionária imediata do proletariado na vida da sociedade.**³⁹

Martinov propõe, portanto, uma divisão de tarefas entre propaganda e agitação. Agitação são palavras de ordem que mobilizem as massas ao propor ações concretas pelas quais lutar. Por outro lado, propaganda é a explicação, para poucas ou muitas pessoas, de como o sistema capitalista funciona.

Para Martinov, o que o *Iskra* chama de agitação política – o uso de exemplos de opressão para denunciar autocracia – não seria mais que propaganda, pois não propõe nenhuma ação imediata. Embora concordando que a queda da autocracia deva ser o objetivo de luta da social-democracia e objeto da mais ampla *propaganda*, o *Iskra* está, para ele, quase completamente confinado à propaganda, à pregação abstrata de ideias revolucionárias, preocupado em denunciar o regime a respeito de suas atrocidades contra todas as classes sociais. Isto é, a tática do *Iskra* seria unilateral, pois não se preocupa com a mobilização das massas contra a autocracia e, “apesar de semearmos tanto ódio e descrédito contra ela, não atingiremos nosso objetivo enquanto não conseguirmos desenvolver as forças sociais ativas requeridas para sua derrubada”.

Essa força social ativa é o proletariado, que só pode se desenvolver com a mobilização em torno a palavras de ordem que prometam resultados tangíveis. Qual é o caráter dessas palavras de ordem? Deixemos que ele explique nesta longa citação:

Nós, sociais-democratas, somos representantes do proletariado. Portanto, nós somos obrigados não só a apontar o que impede a realização de seus interesses, mas nós também somos constantemente obrigados a apresentar algo positivo, a formular reivindicações imediatas e indicar os meios para sua conquista... Os operários estão sempre dispostos à luta, porque tanto as necessidades materiais quanto a perseguição social batem à sua porta sem cessar e os empurram à luta... Sob condições normais, os operários que começam lutas econômicas não irão, e não deveriam, desistir delas. Os sociais-democratas contribuíram muito para o avanço dessas lutas econômicas. Agora, a tarefa de como conferir um caráter político a essas lutas econômicas está diante deles... Nosso partido deveria ser capaz de apresentar reivindicações concretas de medidas legislativas e administrativas contra a exploração econômica. Tais demandas não cairiam no vazio porque, ao prometer resultados definidos tangíveis, eles seriam apoiados ativamente pelas massas operárias.⁴⁰

³⁸ Resumidamente, para Plekhanov, propaganda é passar muitas ideias a poucas pessoas, e agitação, poucas ideias a muitas pessoas.

³⁹ MARTINOV, Alexander. “Exposure Literature and Proletarian Struggle”. *Rabochee Delo*, nº 10

⁴⁰ Idem

Martinov ainda afirma que o choque dos trabalhadores com o governo em torno a tais demandas econômicas concretas elevaria o tom revolucionário das massas, e que a apresentação de tais demandas só deve ser feita porque o governo pode “fazer concessões na esfera econômica” e não na política. “Portanto, não deveríamos parar de exigir medidas econômicas radicais do governo nem parar de denunciar sua inoperância em todos os sentidos.”

Por fim, uma passagem que motivou a crítica de Lenin deve ser mencionada:

A luta econômica dos operários contra os patrões e o governo tem, além de seu significado revolucionário imediato, um significado maior que leva os operários a questionar sua própria falta de direitos... As táticas de agitação não podem, portanto, usar essa opressão para apresentar demandas políticas parciais sem associar essas últimas à necessidade de mudar todo o regime autocrático, pois isso significaria apenas liderar os trabalhadores a uma direção equivocada. Por outro lado, táticas de agitação podem usar essa opressão para excitar a resistência e o protesto das massas trabalhadoras contra exibições individuais de arbitrariedade administrativa e contra represálias governamentais.⁴¹ [itálico do autor; essa é uma das frases prediletas de Lenin em sua crítica.]

Martinov desenvolve um misto de economismo com oportunismo. Desenvolve o mesmo raciocínio que os economistas ao dizer que a luta econômica é revolucionária por si só e que a autocracia pode fazer concessões econômicas, mas que só serviriam para desacreditá-la, pois elas sempre seriam insuficientes. E desenvolve o mesmo raciocínio que Krichevskii (porém sob outro ponto de vista) ao dizer que a luta econômica leva necessariamente à luta política.

Contudo, ele inova em dois aspectos. O primeiro, já comentado, é **separar a agitação da propaganda**. A agitação deveria ocorrer apenas em torno a exigências econômicas (que levariam de forma automática às questões políticas). Agitar demandas políticas parciais seria um erro, pois essas só podem ser feitas se forem associadas à necessidade de mudar o regime. Essa associação está reservada à propaganda. A agitação contra a opressão, em sua visão, só é admissível em casos pontuais contra arbitrariedades individuais ou represálias do governo. Qualquer agitação que leve os operários ao confronto político direto “significa liderar os trabalhadores a uma direção equivocada”.

O segundo aspecto está ligado ao oportunismo parlamentar e às chamadas medidas propositivas. Não se pode apenas denunciar o governo, como faz o *Iskra*. Para ele, é necessário fazer reivindicações legislativas e administrativas pela positiva que prometam resultados tangíveis, imediatos e concretos, isto é, possíveis de serem atingidos. Isso mobilizaria os operários e, como a luta econômica é revolucionária por si só e as concessões econômicas só serviriam para desgastar o regime, bastaria fazer isso para “conferir um caráter político às lutas econômicas”.

O *Iskra* entende isso, segundo ele, “mas transformou a propaganda em princípio”, isto é, defende a necessidade da queda da autocracia em toda e qualquer luta, tanto na agitação quanto na propaganda.

Marx, Engels, Kautsky

Após analisarmos as concepções dos oponentes de Lenin em *Que Fazer?*, vamos verificar as bases sobre as quais Lenin construiu sua concepção. Pode parecer estranho a alguns a inclusão de Kautsky entre aqueles responsáveis pela formação teórica de Lenin. Isso porque nos acostumamos a aceitar a lenda contada pelo stalinismo de que Lenin rompeu com a social-democracia alemã e Kautsky ao escrever aquele livro, construindo um novo tipo de partido e desenvolvendo o conceito de centralismo democrático de maneira acabada.

⁴¹ Idem

Talvez a passagem mais famosa de *Que Fazer?* a esse respeito, relativa ao nosso tema, seja a citação na qual Kautsky afirma que o socialismo científico chega à classe operária de fora, a partir de intelectuais vindos da burguesia⁴². Kautsky não fez mais do que repetir o *Manifesto Comunista* nesta passagem, mas ela foi muito aproveitada para dizer que Lenin queria impor suas ideias como algo vindo de fora, estranho à classe operária.

Por isso, vamos analisar a mesma ideia por outro ângulo, também amplamente utilizado pelos autores em análise, e por Lenin, como veremos em breve. É a ideia da *fusão do socialismo científico com a classe operária*, isto é, ao ter contato com o marxismo por meio do partido, a classe operária se apropria dessa teoria e dá um salto em sua consciência ao entender a necessidade da revolução social.

Essa ideia é importante, pois mostra como os primeiros marxistas pensavam que a classe operária poderia dotar-se de uma consciência revolucionária que, por si só, ela nunca teria, embora fosse uma classe objetivamente revolucionária devido à sua posição social na sociedade capitalista.

Segundo Lars Lih, a primeira manifestação dessa ideia apareceu no livro *A situação da classe operária na Inglaterra*, de Engels, na seguinte passagem:

Verificamos, assim, que o movimento operário está dividido em duas frações: os cartistas e os socialistas. Os cartistas são de longe os mais atrasados e menos evoluídos; mas são proletários autênticos, de carne e osso, e representam legitimamente o proletariado. Os socialistas têm horizontes mais amplos, apresentam propostas práticas contra a miséria, mas provêm originariamente da burguesia e, por isso, são incapazes de se amalgamar com a classe operária. *A fusão do socialismo com o cartismo, a reconstituição do comunismo francês em moldes ingleses, será a próxima etapa e ela já está em curso.* Quando estiver realizada, a classe operária será realmente senhora [intelectual⁴³] da Inglaterra. Até lá, o desenvolvimento político e social seguirá seu curso, favorecendo esse novo partido, esse progresso do cartismo.⁴⁴ [itálicos do autor]

O novo partido, um progresso do cartismo, representante autêntico da classe operária inglesa, seria o resultado da fusão desses com os socialistas, dotados de princípios teóricos mais definidos – mas ainda pré-marxistas –, com propostas de luta contra a miséria causada pelo capitalismo. Para Engels, a teoria dos socialistas, incapazes de se amalgamar com a classe operária, só seria concretizada se esses conseguissem se fundir com os cartistas, incapazes de desenvolver um sistema teórico de luta contra o capitalismo. Assim, o comunismo francês (que vinha desde Babeuf segundo nos conta Francesco Ricci⁴⁵) poderia ser implantado na Inglaterra.

Essa ideia pôde ser aprimorada após o encontro dos dois futuros amigos e introduzida no *Manifesto Comunista*:

Os comunistas não formam um partido à parte, oposto aos outros partidos operários.

Não têm interesses diferentes dos interesses do proletariado em geral.

Não proclamam princípios particulares segundo os quais pretendam moldar o movimento operário.⁴⁶

⁴² A citação é: “Então, a consciência socialista é algo introduzido na luta da classe operária de fora e não algo que surge nela espontaneamente... Não haveria necessidade disso [isto é, da tarefa da social-democracia de imbuir no proletariado a consciência revolucionária] se a consciência surgisse por si própria da luta de classes.” Em: www.marxists.org

⁴³ Palavra adicionada por Engels em edição posterior.

⁴⁴ ENGELS, F. *A situação da classe operária na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008, p. 271.

⁴⁵ Ver, por exemplo, *Revista Marxismo Vivo – Nova Época* nº 8, de setembro de 2017, edição em espanhol.

⁴⁶ ENGELS, F.; MARX, K. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005, p. 51.

Isto é, os comunistas estavam “amalgamados” ao movimento operário, não eram estranhos a ele nem pretendiam moldá-lo segundo princípios diferentes daqueles que ele professava, mas, “do mesmo modo que outrora uma parte da nobreza passou para a burguesia, em nossos dias uma parte da burguesia passa para o proletariado, especialmente a parte dos ideólogos burgueses que chegaram à compreensão teórica do movimento histórico em seu conjunto”.⁴⁷

Em *Socialismo Utópico e Científico*, Engels define essa tarefa no último parágrafo do livro:

Realizar esse fato histórico mundial – esse é o chamado histórico do moderno proletariado. A tarefa da expressão teórica do movimento operário – o socialismo científico – é explicar solidamente as condições históricas deste fato e, portanto, sua natureza própria. Fazendo isso, o socialismo científico levará as condições e a natureza da própria ação do proletariado à consciência de uma classe que, apesar de oprimida hoje, é chamada a essa grande ação.⁴⁸

Mais uma vez, a classe oprimida chegará a ter consciência de classe e, assim, realizar um fato histórico mundial (a supressão da sociedade de classes) pela ação de sua expressão teórica, o socialismo científico. Se em *A situação da classe operária na Inglaterra* Engels esperava que a fusão dos socialistas burgueses com o cartismo pudesse resultar num partido da própria classe operária, tornando-a a “senhora intelectual da Inglaterra”, aqui essa tarefa só pode ser realizada pelos partidos marxistas – portadores do socialismo científico. Marx e o próprio Engels passaram a vida construindo esses partidos e, no momento de escrever este texto, tomava corpo no Partido Social-Democrata Alemão (SPD), que experimentava um crescimento vertiginoso em pleno período de clandestinidade. Um progresso considerável da fusão da prática com a teoria na construção de um partido operário marxista!

Esse partido tinha como principal teórico Karl Kautsky, que escreveu uma obra muito apreciada por Lenin, *A Luta de Classes (Programa de Erfurt)*, em 1892. Nessa obra, Kautsky explica o programa de Erfurt, o primeiro programa daquele partido, baseado totalmente nas concepções de Marx e Engels e escrito com a colaboração ativa de Engels. Ele explica – o que é de nosso interesse – como se dá essa fusão da teoria marxista com a classe operária, isto é, como a classe operária adquire consciência de sua missão histórica, oposta à consciência burguesa.

Operários qualificados e não qualificados formam gradualmente o setor da classe operária que se põe em movimento – o *movimento operário*. É a parte do proletariado que luta pelos interesses comuns de sua classe, sua “igreja lutadora”. Esse setor cresce às custas da arrogante aristocracia operária, afundada em seu egoísmo, e da “ralé” indiferente, o setor inferior do proletariado assalariado que vegeta na falta de esperança e de poder.

Nós assistimos ao crescimento constante da *classe operária*; nós sabemos também que isso se tornará ainda mais decisivo para as demais *classes trabalhadoras*, cujas condições de vida e formas de pensar e sentir se tornam cada vez mais influenciadas por ela. Atualmente, nós vemos que, nessa massa operária crescente, o setor de luta cresce não apenas absolutamente, mas também proporcionalmente. Não importa o quanto o proletariado cresça, seu setor de luta cresce ainda mais rapidamente.

Mas o *proletariado de luta* é de longe o setor mais importante e produtivo para o recrutamento pela social-democracia. A social-democracia não é nada além do que a parte do proletariado de luta que é consciente de seu objetivo. Por isso, o proletariado de luta tende a ser cada vez mais sinônimo de social-democracia; na Alemanha e na Áustria, na verdade, os dois se tornaram um.⁴⁹

Vemos que o programa de Erfurt despreza a aristocracia e os setores mais atrasados (ralé indiferente) como fontes de crescimento do movimento operário. O proletariado de luta

⁴⁷ Idem, p. 49.

⁴⁸ ENGELS, F. *Socialismo Utópico e Científico*. 1880. O texto é parte de uma obra mais ampla conhecida hoje como *Anti-Dühring*, escrita entre 1876 e 1878. (NdoT espanhol)

⁴⁹ K. Kautsky, *Class Struggle (Erfurt Program)*, www. Marxists.org

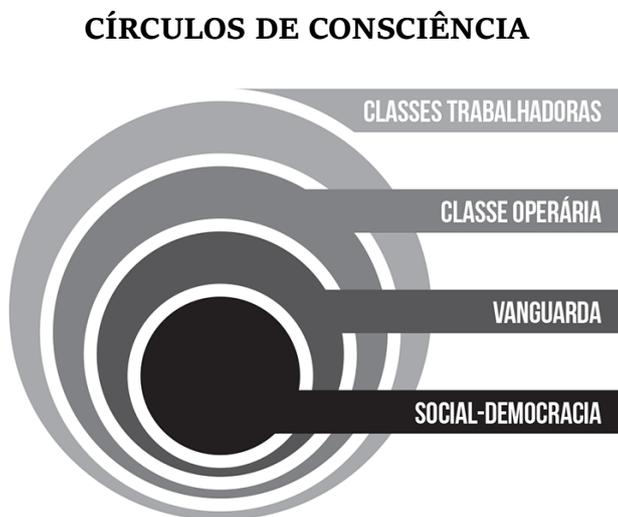
(vanguarda) é o setor de recrutamento da social-democracia. Essa tende a absorver toda a vanguarda, como já ocorria na Alemanha e Áustria.

Já as classes trabalhadoras, isto é, os assalariados fora da classe operária, são influenciadas em suas condições de vida, em seu pensamento e em seu sentimento pela classe operária.

Para Kautsky, “graças à indústria mecanizada, há no proletariado um senso teórico, uma capacidade para grandes problemas e objetivos que se encontram além do reino de seus interesses imediatos, que não se encontram em outras classes trabalhadoras acima e abaixo dela”.⁵⁰

A social-democracia deve partir da vanguarda da classe operária para se construir, para conseguir a fusão do socialismo científico com o movimento operário, pois apenas esta tem uma capacidade para ter a consciência de seus objetivos históricos. Cabe à social-democracia muni-la dessa consciência. Então, os demais assalariados serão influenciados pela classe operária e, após ganhar para si a classe operária, a social-democracia irá tornar-se “cada vez mais um partido nacional – isto é, um partido do povo, no sentido de que seja o representante não apenas do proletariado industrial, mas de todos os proletários e explorados – e, portanto, da grande maioria da população, que é comumente chamada de ‘o povo’”.⁵¹

Baseado nessa descrição do crescimento ideal da social-democracia, Lars Lih⁵² fez um gráfico do que ele chama de “círculos de consciência”, que é interessante para nossa discussão:



Assim, a social-democracia cresce fundindo-se com a vanguarda, isto é, dando a ela consciência de sua missão histórica, que cresce dentro da classe operária, e essa influencia as demais classes trabalhadoras até que a social-democracia se torne um partido nacional, um partido de todos os assalariados. Kautsky resume assim esta ideia:

Em resumo, a conclusão de nossa discussão se dá da forma seguinte: o portador do movimento socialista é o setor de luta do proletariado industrial que obteve uma consciência política. Quanto mais a influência desse proletariado sobre o setor próximo a ele aumenta, e quanto mais o pensamento e emoções deste setor são influenciados, tanto mais eles serão arrastados ao movimento socialista.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Idem.

⁵² Lars Lih, *Lenin Rediscovered*, pag.

Não existem aqui degraus de níveis de consciência ou separação entre consciências econômica e política do proletariado, mas a **consciência social-democrata, concretizada em propaganda, agitação, palavras de ordem etc.** Por isso, “a tarefa da social-democracia é fazer a luta de classes do proletariado ser consciente de seu objetivo e ser capaz de escolher os melhores meios de conquistar esse objetivo”.

Lenin

Acreditamos ser essa a mesma visão de Lenin, que procurou educar e influenciar a social-democracia russa nesse espírito, combatendo todas as concepções economistas de estágios de níveis de consciência que existiam na época e que, na verdade, refletiam o senso comum da vanguarda operária.

Antes de entrarmos na resposta de Lenin aos economistas, devemos verificar se a afirmação acima é correta. Para isso, faremos algumas citações de textos de Lenin anteriores a *Que Fazer?*.

Em “Nossa Tarefa Imediata” (1899), Lenin reafirma a ideia de Marx no *Manifesto Comunista*, expressa pela fórmula de Kautsky de “fusão do socialismo com a classe operária” ou, em outras palavras, de que **socialismo científico vem de fora da classe operária** 

A social-democracia não se limita a simplesmente servir ao movimento da classe operária: ela representa “a combinação do socialismo com o movimento da classe operária” (para usar a definição de Karl Kautsky, que repete as ideias básicas do *Manifesto Comunista*). A tarefa da social-democracia é levar os ideais socialistas para o movimento espontâneo da classe operária, conectar esse movimento com as convicções socialistas que deveriam atingir o nível da ciência contemporânea, conectá-lo com a luta política regular pela democracia como meio de conquistar o socialismo – em uma palavra, fundir esse movimento espontâneo em um todo indestrutível com a atividade do *partido revolucionário*.⁵³

Mais explícito, impossível. A tarefa da social-democracia não se limita às lutas econômicas da classe (“servir ao movimento da classe operária”), mas participar dessas lutas para fundir ou combiná-las com o socialismo científico, com o marxismo (a ciência contemporânea) e para que sua mobilização vá em direção ao socialismo (sendo a democracia, isto é, a queda da autocracia, o meio para atingi-lo). No entanto, isso só é possível com a atividade do partido revolucionário, pois o movimento espontâneo (de lutas econômicas) nunca chegará ao socialismo por si só. Por isso, a fundação do Partido Operário Social-Democrata russo “é o maior passo dado pelo movimento operário russo em sua fusão com o movimento revolucionário russo”.⁵⁴

Consequentemente, a **intervenção do partido se dá exclusivamente na classe operária**, como Lenin afirma em *Tarefas dos Sociais-Democratas Russos*, de 1897:

Nosso trabalho está direcionado principalmente aos operários urbanos industriais. A social-democracia russa não deve **dissipar** suas forças. Deve concentrar suas atividades no proletariado industrial, que é mais suscetível às ideias social-democratas, mais desenvolvidas intelectual e politicamente e, o mais importante, devido ao seu número e concentração nos grandes centros políticos do país. A criação de uma organização revolucionária durável entre os operários urbanos industriais é, portanto, a primeira e mais urgente tarefa que a social-democracia enfrenta...⁵⁵

⁵³ Lenin, *Our Immediate Task*, www.marxists.org/archive/lenin/works/1899/articles/arg3oit.htm

⁵⁴ Lenin, *A Retrograde trend in Russian social-democracy*, www.marxists.org/archive/lenin/works/1899/dec/trend.htm.

⁵⁵ LENIN, V. I. *Tasks of the Russian Social-Democrats*. Em: www.marxists.org.

Aqui, Lenin reafirma a ideia de que é na classe operária (em sua vanguarda) que os revolucionários devem intervir para construir o partido, por ela ser “mais suscetível às ideias social-democratas” e mais desenvolvidos intelectual e politicamente. Isto é, mais receptíveis à “fusão de nossas atividades com as questões práticas cotidianas da vida da classe operária”⁵⁶. E não para aí. Afirmo que os demais setores explorados e oprimidos da sociedade russa devem ser influenciados politicamente pelo partido, **não diretamente**, mas pelos próprios operários que estão em contato direto com os demais trabalhadores e com o campesinato pobre. É a mesma ideia de Kautsky de espalhar a consciência social-democrata às demais classes assalariadas, exemplificada graficamente pelos **círculos de consciência** 

Mas embora reconheçamos a necessidade de concentrar nossas forças nos operários industriais e nos opormos à dissipação de nossas forças, não queremos sugerir que os sociais-democratas russos ignorem outros estratos do proletariado e da classe trabalhadora russos. Nada desse gênero. As próprias condições de vida dos operários industriais russos muitas vezes os obrigam a travar relações mais próximas com os artesãos, com o proletariado industrial espalhado fora das [grandes] fábricas em cidades e aldeias e cujas condições são infinitamente piores. O operário russo também entra em contato direto com a população rural (muitas vezes sua família vive no campo) e, conseqüentemente, ele não pode deixar de entrar em contato com o proletariado rural, com muitos milhões de trabalhadores agrícolas regulares e jornaleiros e também com os camponeses arruinados que, ao se apegarem a suas terras miseráveis, precisam resolver suas dívidas e assumir todo tipo de “empregos casuais”, ou seja, também são trabalhadores assalariados.⁵⁷

Como a intervenção do partido se dá na prática? Por meio da propaganda e da agitação, sobre as quais falaremos mais tarde. Agora, deixemos que Lenin explique essa intervenção em termos mais gerais, pelos quais ele deixa explícito que o papel da social-democracia é a intervenção política no seio da classe operária.

“Os trabalhadores russos não atingiram, na massa, a maturidade da luta política!” [Essa é uma afirmação do Comitê Social-democrata de Kiev, NdA]. Se isso fosse verdade, equivaleria a uma sentença de morte para a social-democracia como um todo; pois isso significa que os operários russos não atingiram, na massa, a maturidade necessária para a social-democracia. Na verdade, não existe e nunca houve uma social-democracia em qualquer lugar do mundo que não esteja inseparável e indivisivelmente ligada à luta política. A social-democracia sem a luta política é um rio sem água, é uma contradição gritante, é ou algo como um retorno ao socialismo utópico de nossos antepassados que desprezavam a “política”, ou ao anarquismo, ou ao sindicalismo... **De fato, como se pode falar da “educação política” dos trabalhadores, sem reconhecer a possibilidade de realizar agitação e luta políticas?... Certamente não se pode imaginar que qualquer tipo de círculos de estudo etc. possam educar politicamente as massas de trabalhadores se forem mantidas afastadas da atividade e da luta políticas.**”⁵⁸

Como vemos, para Lenin, a classe operária tem um nível de consciência suficiente (maturidade) para abraçar a política social-democrata, isto é, a derrubada da autocracia e a conquista da democracia como meio para chegar ao socialismo. Lembremos que essa discussão se dava durante uma onda de greves na classe operária que culminaria, anos depois, na revolução de 1905. A evolução dos acontecimentos deu razão a Lenin, pois logo as greves por questões econômicas começaram a dar lugar a manifestações e greves políticas. Abdicar da luta política era inimaginável para Lenin e a agitação e a propaganda deveriam estar conectadas por esse fator comum. Não era possível ter agitação econômica, por um lado, e propaganda política, por outro. Fazer isso era utopismo, anarquismo, sindicalismo...

⁵⁶ Idem

⁵⁷ Idem

⁵⁸ LENIN, V. I. *Apropos of the Profession de Foi*. Em: www.marxists.org/archive/lenin/works/1899/dec/foi.htm

Quando Lenin publica *Que Fazer?*, a polêmica com os principais representantes do economismo, o jornal *Rabochaia Mysl* (Pensamento Operário) e Kuskova/Prokopovich estava chegando a um fim. A última edição do jornal foi em 1902, e Kuskova e Prokopovich logo sairiam da social-democracia. Era também a polêmica mais fácil de ser feita, pois o economismo era repudiado pela grande maioria da social-democracia russa. Porém, em 1899, o *Rabochaia Mysl* estava no auge, tornando-se o órgão oficial do Comitê Social-democrata de São Petersburgo (União da Luta). Lenin escreve *Nosso Programa*, no qual ele responde às posições dos economistas:

Alguns sociais-democratas russos (entre eles, aparentemente, aqueles que dirigem o *Rabochaia Mysl*) consideram a luta econômica como incomparavelmente mais importante e quase chegam a relegar a luta política ao futuro mais ou menos distante. Esse ponto de vista é totalmente falso. Todos os sociais-democratas estão de acordo em que é necessário organizar a luta econômica da classe operária, que é necessário fazer agitação entre os operários sobre essa base, ou seja, ajudar os trabalhadores na luta do dia a dia contra os patrões, para chamar a atenção para todas as formas e todos os casos de opressão e, dessa forma, deixar nítida a necessidade de unidade de todos os operários. Mas, trocar a luta política pela econômica significaria afastar-se do princípio básico da social-democracia internacional, isso significaria esquecer o que toda a história do movimento operário nos ensina.⁵⁹

Em *Que Fazer?*, Lenin estabelece a fronteira de classes entre o economismo e o socialismo após a famosa citação de Kautsky já comentada acima:

Como não se pode falar de uma ideologia independente e formulada pelas próprias massas trabalhadoras no processo de seu movimento, a única escolha é – ideologia burguesa ou socialista. Não há meio termo... Por isso, qualquer desprezo da *ideologia socialista, qualquer afastamento*, significa fortalecer a ideologia burguesa. Há muita conversa sobre a espontaneidade. Mas o desenvolvimento espontâneo do movimento operário leva à sua subordinação à ideologia burguesa, *ao seu desenvolvimento por meio do programa do Credo*; pois o movimento operário espontâneo é sindicalismo, e o sindicalismo é a escravização ideológica dos trabalhadores pela burguesia.⁶⁰

O alvo da polêmica era, na verdade, o *Rabochee Delo* (Causa Operária) que, embora reivindicasse os princípios gerais da social-democracia, capitulava ao economismo, como já vimos em relação a Krichevskii e Martinov. Interessa-nos aqui não a resposta geral de Lenin exposta em *Que Fazer?*, mas as respostas específicas a Krichevskii em relação à teoria dos estágios e a Martinov em relação à agitação e propaganda.

Ao primeiro, Lenin responde numa longa nota de rodapé, que reproduzimos integralmente:

A “teoria dos estágios” – ou a teoria dos “zigzagues tímidos” – na luta política é expressa, por exemplo, neste artigo [Lenin refere-se a “Luta econômica e política no movimento operário russo”, NdA] da seguinte maneira: “As reivindicações políticas, que em seu caráter são comuns a toda a Rússia, devem, no entanto, no início (isto foi escrito em agosto de 1900!) corresponder à experiência adquirida pelo setor dado (*sic!*) dos operários na luta econômica. Somente (!) com base nessa experiência pode e deve ser feita a agitação política” etc. (p. 11). Na página 4, o autor, protestando contra o que ele considera como a acusação absolutamente infundada da heresia economista, exclama pateticamente: “Qual social-democrata não sabe que, de acordo com as teorias de Marx e Engels, os interesses econômicos de certas classes desempenham um papel decisivo na história e, *consequentemente*, que particularmente a luta do proletariado pelos seus interesses econômicos deve ser de suma importância em seu desenvolvimento de classe e luta pela emancipação?” (Nosso itálico.) A palavra “consequentemente” é completamente irrelevante. O fato de que os interesses econômicos desempenham um papel decisivo *não implica, de nenhuma forma*, em que a luta econômica (ou seja, o sindicato) seja de primordial importância; pois os mais essenciais, os interesses “decisivos” das classes só podem ser satisfeitos por mudanças políticas radicais em geral. Em particular, os inte-

⁵⁹ Lenin, *Our Programme*, www.marxists.org/archive/lenin/works/1899/articles/arg2op.htm

⁶⁰ Lenin, *What Is to Be Done?*, www.marxists.org/archive/lenin/works/1901/witbd/ii.htm

resses econômicos fundamentais do proletariado só podem ser satisfeitos por uma revolução política que substituirá a ditadura da burguesia pela ditadura do proletariado. Krichevskii repete os argumentos dos “V. V.s da social-democracia russa” (isto é, que a política segue a economia etc.) e dos bernsteinianos da social-democracia alemã (por exemplo, por argumentos semelhantes, Woltmann procurou provar que os trabalhadores devem, antes de tudo, adquirir “poder econômico” antes que eles possam pensar em revolução política).⁶¹

Lenin não aprofunda sua crítica à “teoria dos estágios”, provavelmente porque o *Rabochee Delo* havia rejeitado tal elaboração quando assinou a resolução de unificação com o *Iskra* na Conferência de Genebra, já comentada acima. De fato, em seu balanço sobre a fracassada tentativa de unificação, Lenin afirma que a resolução de unificação de junho tinha por objetivo “pegar” o *Rabochee Delo* em contradição devido à sua vacilação em questões de princípio (isto é, a luta contra o economismo). Nesse balanço, Lenin afirma:

Mesmo uma pessoa totalmente por fora, depois de ler essa resolução [de unificação, NdA] de forma atenta, terá percebido a partir de suas próprias formulações que são dirigidas contra pessoas que eram oportunistas e economistas que, por um momento, esqueceram a tarefa de derrubar a autocracia, que reconheceram a teoria dos estágios, que elevaram a estreiteza a um princípio etc. Qualquer um que tenha um mínimo conhecimento das polêmicas conduzidas pelo grupo Emancipação do Trabalho, *Zarya* e *Iskra* contra o *Rabochee Delo* não duvida por um único momento de que essa resolução repudia, ponto a ponto, os próprios erros em que o *Rabochee Delo* se desviou.⁶²

Em seu balanço, Lenin relembra que a social-democracia “não reconhece... um estágio de luta puramente econômica e um de luta por reivindicações políticas parciais”, pois sua tarefa era, de forma permanente e em qualquer mobilização, a luta pela queda da autocracia – o último degrau da “teoria dos estágios”.

Contudo Lenin dedica uma seção inteira do *Que Fazer?* a Martinov⁶³ para responder à sua nova definição de agitação e propaganda. Antes disso, porém, vejamos a definição de Lenin, em forma não polêmica, no texto “As Tarefas da Social-democracia Russa”:

As atividades socialistas dos social-democratas russos consistem em fazer propaganda dos ensinamentos do socialismo científico, espalhando entre os trabalhadores uma compreensão adequada do sistema social e econômico atual, sua base e seu desenvolvimento... uma compreensão da tarefa histórica da social-democracia internacional e da classe operária russa. Inseparavelmente ligada à propaganda está a agitação entre os operários, que naturalmente fica em primeiro plano nas atuais condições políticas da Rússia e no atual nível de desenvolvimento das massas operárias. A agitação entre os operários significa que os sociais-democratas participam de todas as manifestações espontâneas da luta da classe operária, de todos os conflitos entre os trabalhadores e os capitalistas sobre a jornada de trabalho, salários, condições de trabalho etc. Nossa tarefa é fundir nossas atividades com as questões práticas, do cotidiano, da classe operária, para ajudar os operários a entender essas questões...⁶⁴

Vemos aqui que as tarefas de propaganda e agitação são inseparáveis do ponto de vista político, pois têm o mesmo objetivo (fundir nossas atividades com as questões práticas). As duas formas complementares de ação devem levar a política social-democrata – a derrubada da autocracia – às massas.

É o que Lenin explica na resposta a Martinov:

Até então, pensávamos que o propagandista, lidando com a questão do desemprego, deve explicar a natureza capitalista das crises, a causa de sua inevitabilidade na sociedade moderna, a necessidade da transformação dessa sociedade numa sociedade socialista etc. Em uma palavra, ele deve

⁶¹ Idem.

⁶² Idem, Apêndice. *A tentativa de unir o Iskra com o Rabochee Delo*.

⁶³ A seção é: “A história de como Martinov aprofundou Plekhanov”.

⁶⁴ Lenin, *Tasks of the Russian Social-Democrats*, www.marxists.org.

apresentar “muitas ideias”, tantas, de fato, que serão entendidos como um todo integral por (comparativamente) poucas pessoas. O agitador, no entanto, falando sobre o mesmo assunto, tomará como ilustração um fato que é mais flagrante e mais conhecido por sua audiência, digamos, a morte por fome de uma família operária de desempregados, o empobrecimento crescente etc., e, utilizando esse fato, conhecido por todos, direcionará seus esforços para apresentar uma única ideia às “massas”, por exemplo, a insanidade da contradição entre o aumento da riqueza e o aumento da pobreza; ele se esforçará para despertar o descontentamento e a indignação entre as massas contra essa injustiça gritante, deixando sua explicação mais completa ao propagandista.⁶⁵

Está evidente, portanto, que a única divisão de tarefas entre o propagandista e o agitador é organizativa, não política. Não há uma terceira área ou função da agitação, a de “chamar a massa a realizar certas ações concretas”, pois tal chamado, “ou é um complemento natural e inevitável de um tratado teórico, de uma brochura de propaganda, de um discurso de agitação ou é parte da implementação direta de uma ação de massas específica”.

O que Lenin quer dizer? Que tanto o teórico quanto o propagandista ou o agitador fazem parte da mesma tarefa de “despertar o descontentamento e a indignação” das massas contra a autocracia. A diferença está no meio empregado. O teórico e o propagandista utilizam a escrita, enquanto o agitador emprega a via oral.

Lenin dizia, em tom de chacota, que prometer “resultados palpáveis” é somente uma “variação da velha cantilena sobre adicionar um kopek a cada rublo”. Isto é, que o que vale é dinheiro no bolso e que, por isso, os “economistas, entre eles o *Rabochee Delo*, tiveram sucesso porque se adaptaram aos operários atrasados”, mas são rejeitados pelo operário social-democrata.

Por fim, desprezava a fórmula utilizada por Martinov – luta econômica contra os patrões e o governo –, por significar o mesmo que a teoria dos estágios com outras palavras e por “ser precisamente política sindical, que está ainda muito longe da política social-democrata”⁶⁶.

Esperamos ter demonstrado que, para Lenin, não há uma evolução linear da consciência das massas – do econômico ao político – sobre a qual os revolucionários devam basear sua política e pela qual devam adaptar suas palavras de ordem. Ao contrário, a luta econômica deveria ser conduzida – ao mesmo tempo em que se empregava todos os meios para sua vitória – sobre a base mais ampla possível e “deveria ser sempre utilizada para a agitação política, ‘sem ser necessário de qualquer maneira’ considerá-la o meio mais largamente aplicável para levar as massas à luta política ativa”.⁶⁷

A correção da concepção de Lenin foi comprovada na prática. No segundo congresso do Partido Social-Democrata russo, o embate final com as correntes economistas foi dado. O *Iskra* elegeu cerca de 33 delegados, a maioria absoluta. Todas as demais correntes (Bund, *Rabochee Delo* e outros grupos menores) levaram cerca de 18 delegados⁶⁸.

Essa vitória vinha sendo construída desde a publicação de *Que Fazer?*. Martinov atesta isso em sua autobiografia quando comenta sobre a fracassada conferência de unificação entre as duas correntes (*Iskra* e *Rabochee Delo*): “Os iskristas rejeitaram todas nossas emendas ao acordo de Genebra e nos declararam guerra – uma guerra que terminou com nossa derrota. Um ataque particularmente devastador contra nós veio com o livro de Lenin, *Que Fazer?*.”⁶⁹

⁶⁵ Lenin, *What Is to Be Done?*, www.marxists.org/archive/lenin/works/1901/witbd/ii.htm

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ LENIN, V. I. *One Step Forward, Two Steps Back*. Cap.: “General Picture of the Struggle at the Congress”. Em: www.marxists.org/archive/lenin/works/1904/onestep/n.htm

⁶⁹ LIH, L. *Lenin Rediscovered*. Deli, Aakar Books, p. 305.